**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

Andressa Oliveira Livério

**MARIA LACERDA DE MOURA ENSINA A ENSINAR:
UM ESTUDO SOBRE SUAS LIÇÕES DE PEDAGOGIA (DÉCADA DE 1920)**

São Paulo
2021

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

Andressa Oliveira Livério

**MARIA LACERDA DE MOURA ENSINA A ENSINAR:
UM ESTUDO SOBRE SUAS LIÇÕES DE PEDAGOGIA (DÉCADA DE 1920)**

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo para obtenção do título de
Mestre em Educação. Área de concentração: Cultura,
Filosofia e História da Educação.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vivian Batista da Silva

**SÃO PAULO
2021**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação

Ficha elaborada pelo Sistema de Geração Automática a partir de dados fornecidos pelo(a) autor(a)
Bibliotecária da FE/USP: Nicolly Soares Leite - CRB-8/8204

Oliveira Livério, Andressa
0784m MARIA LACERDA DE MOURA ENSINA A ENSINAR: - UM
ESTUDO SOBRE SUAS LIÇÕES DE PEDAGOGIA (DÉCADA DE
1920) / Andressa Oliveira Livério; orientadora
Vivian Batista da Silva. -- São Paulo, 2021.
110 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação
Cultura, Filosofia e História da Educação) --
Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo,
2021.

1. História da Educação. 2. Manual Pedagógico. 3.
Escola Normal. 4. Maria Lacerda de Moura. I.
Batista da Silva, Vivian, orient. II. Título.

Nome: LIVÉRIO, Andressa Oliveira. MARIA LACERDA DE MOURA ENSINA A ENSINAR: um estudo sobre suas Lições de Pedagogia (década de 1920). 2021. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Dedico aos meus pais, ao Nícollas e à minha avó (*in memoriam*)

Sumário

RESUMO	I
ABSTRACT	II
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	III
LISTA DAS TABELAS	IV
LISTA DAS SIGLAS	IV
AGRADECIMENTOS.....	V
INTRODUÇÃO	1
OS MODOS DE PRODUÇÃO DO ESTUDO	11
ESTUDOS ANTERIORES SOBRE A MARIA LACERDA DE MOURA.....	16
A ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO	24
CAPÍTULO I –	25
FIGURAS DA AUTORA: MARIA LACERDA E SUAS LIÇÕES DE PEDAGOGIA (1925)	
1. APRESENTANDO AS LIÇÕES E SUA AUTORA: DA CAPA ÀS CARTAS	27
CAPÍTULO II.....	40
CONTEÚDO E MATERIALIDADE: O QUE AS LIÇÕES ENSINAM	
1. AS LIÇÕES, SUA ORGANIZAÇÃO E MATERIALIDADE	40
2. A ESCOLA NOVA NAS LIÇÕES	53
3. A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DO CRESCIMENTO FÍSICO.....	59
CAPÍTULO III.....	73
SOLO PERCORRIDO: A CIRCULAÇÃO DAS LIÇÕES	
1. MARIA LACERDA DE MOURA E A EDUCAÇÃO	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	91

Resumo

Nesta dissertação, utilizou-se como objeto e fonte de pesquisa o livro *Lições de Pedagogia*, escrito por Maria Lacerda de Moura, publicado em 1925. Trata-se do manual pedagógico mais antigo, que se tem conhecimento, escrito por uma mulher, exemplo raro até os anos 1950. Esse livro pode ser incluído em uma categoria denominada *Manuais Pedagógicos*, a qual apresenta o que os autores julgavam ser primordial para a formação de professores. Tais manuais eram destinados aos alunos de escolas formadoras de professores, como as Escolas Normais, os Institutos de Educação e as Faculdades de Filosofia. Maria Lacerda de Moura foi professora da Escola Normal de Barbacena (MG) e, em seu manual, é possível constatar de que modo sua atuação, enquanto professora, reverberou em sua obra ao tratar sobre a importância da educação física como prática pedagógica; sobre a necessidade da reforma educacional, conforme propunha o movimento da Escola Nova; bem como sobre a educação como principal meio de emancipação feminina. Sua publicação, repleta de autores que sustentam seus argumentos, demonstra seu intenso interesse em ensinar a ensinar e contribui para uma reflexão pertinente acerca de uma educação preocupada em reunir os aspectos físico, social e intelectual do ser humano.

Palavras-chave: História da Educação; Manual pedagógico; Escola Normal; Maria Lacerda de Moura.

Abstract

This master's dissertation aims to analyze the textbook *Lições de Pedagogia*, written by Maria Lacerda de Moura and published in 1925, which seems to be the oldest pedagogic manual written by a woman in Brazil, a rare fact until 1950 decade. Pedagogic Manual is a textbook category that presents what the authors thought to be the primordial formation for teachers. Therefore they were used in training schools, like Normal School, Education Institutes, and Philosophy's college. In *Lições de Pedagogia*, Maria Lacerda de Moura writes minutely about how physical education was important as a pedagogical practice. How the educational reform - a proposal from the Nova Escola Movement - was necessary. And how education was the main path to feminine emancipation. Maria Lacerda de Moura was a teacher of the Normal School of Barbacena (MG), and it is possible to ascertain how her career and experience, as a teacher, has reverberated in her writing. Her solid argumentation referencing other authors is proof of how intense was her interest in teaching to teach. Furthermore, her work contributes to the debate about an education worried about evolving the physics, social and intellectual aspects of human beings.

Key words: History of Brazilian education; Pedagogic Manuals; Normal School; Maria Lacerda de Moura.

Lista de ilustrações

Figura 1	28
Figura 2	45
Figura 3	46
Figura 4	47
Figura 5	52
Figura 6	61
Figura 7	68
Figura 8	74
Figura 9	80

Lista das Tabelas

Tabela 1	29

Lista de Abreviaturas e Siglas

FEUSP – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

GESTRADO – Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente.

IARTEM – International Association for Research on Textbooks and Education Media.

INRP - Institut National de Recherche Pédagogique

LIVRES – Banco de Dados de Livros Escolares Brasileiros.

MG – Minas Gerais

NAP- Núcleo de Apoio à Pesquisa

RBEP- Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos

REDEFOR – Rede São Paulo de Formação Docente

SBHE – Sociedade Brasileira de História da Educação

SP – São Paulo

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso.

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas.

USP – Universidade de São Paulo

AGRADECIMENTOS

À Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, por me proporcionar um ensino gratuito e de qualidade, que me permitiu crescer enquanto pessoa, estudante e profissional.

À minha querida orientadora, Prof^a Dra. Vivian Batista da Silva, por me orientar, conduzir-me, abrir meus olhos e me inspirar a ser uma educadora melhor a cada dia, desde a Iniciação Científica. Não há palavras suficientes que traduzam a minha gratidão.

À Prof^a Dra. Denise Cristina Ferreira, que prontamente cedeu a cópia do livro *Lições de Pedagogia*. Prestou o seu auxílio através de muitas sugestões e compartilhou outros materiais que precisei. Nascendo daí uma amizade que compartilha a admiração por Maria Lacerda de Moura.

À Prof^a Dra. Diana Vidal e ao Prof^o Dr. José Carlos, pela participação e orientação nas bancas.

Aos meus pais, Elessandra e Arlino, por conduzirem minha trajetória educacional, por me apoiarem pelos caminhos da docência e, principalmente, por serem minha inspiração de vida.

Ao meu esposo, Nicollas, que me acompanhou e apoiou em todos os momentos, vibrando com cada conquista. Agradeço pelas conversas, estímulos e apoio. Sem ele, nada disso seria possível.

Aos meus irmãos, Harry e Júnior, que sempre me apoiaram e se orgulharam de ter uma irmã professora.

À minha amada avó (*in memoriam*), que, com pouco estudo, sempre me incentivou a estudar e esteve comigo em cada etapa da minha formação.

E, por fim, aos demais familiares e bons amigos. Não há espaço para citar o nome de todos, mas gostaria de agradecer, principalmente, às minhas amigas, Lin, Alexandra e Angélica, com quem fiz importantes trocas, e que me acompanharam durante todo esse percurso.

Os educadores têm em suas mãos o futuro do mundo...

(Leibnitz in Moura, 1925)

Introdução

A presente dissertação propôs analisar como Maria Lacerda de Moura ensinou a ensinar em suas *Lições de Pedagogia*. Publicadas em 1925, em São Paulo, pela Editora TYP. Paulista, são tomadas aqui como fonte e objeto de pesquisa. Objetivando a formação de futuros educadores, elas fizeram parte dos materiais utilizados em aulas de Pedagogia. Por isso, esse livro pode ser chamado também de manual pedagógico, uma categoria ampla de textos destinados aos alunos de escolas formadoras de professores, como as Escolas Normais, os Institutos de Educação e as Faculdades de Filosofia. Segundo Silva (2001), entre 1870 e 1970, foram publicados, no Brasil, aproximadamente 60 títulos dessa categoria. Esse material organizou o conteúdo necessário para iniciar os estudantes no magistério, serviu como um “guia de consulta simples, capaz de disponibilizar, de forma acessível, os conhecimentos a serem transmitidos” (SILVA, 2001, p. 100). Eles deram suporte ao ensino de disciplinas como a Didática, Pedagogia, Metodologia Geral e Prática de Ensino nas escolas de formação para o magistério. As *Lições de Pedagogia* (MOURA, 1925) foram escritas por uma mulher, sendo o caso mais antigo do qual se tem conhecimento, exemplo raro até os anos 1950, época em que as mulheres começaram a assinar, cada vez mais, livros dessa natureza (SILVA, 2001).

Maria Lacerda de Moura (1887 – 1945) foi uma professora anarquista e militante do movimento operário, libertária, escritora polêmica e oradora prestigiada. Teve uma intensa atuação nos campos políticos, culturais e literários brasileiros, destacando-se pela rebeldia que caracterizou sua experiência pessoal. Nasceu em Manhuaçu (MG), em 1887, e desde jovem se interessou pelas ideias anticlericais e pedagógicas dos anarquistas. Seus artigos e livros criticavam a moral sexual burguesa e radicalizavam a denúncia da opressão sexista sobre as mulheres. Ativa escritora, publicou artigos em vários jornais, tanto na imprensa anarquista brasileira, quanto argentina e espanhola. Fundou, em 1921, a Federação Internacional Feminina e editou a revista *Renascença* a partir de 1923. Entre 1928 e 1937, viveu em uma comunidade em Guararema (SP), onde desenvolveu intensa atividade intelectual, descrevendo esse período como uma época em que esteve “livre de escolas, livre de igrejas, livre de dogmas, livre de academias, livre de muletas, livre de prejuízos governamentais, religiosos e sociais.” (MOURA, 1921). Ela escreveu suas *Lições de Pedagogia* (1925) para as alunas das Escolas Normais. Sua trajetória e atuação no campo educacional já foram objeto de pesquisas (LEITE, 1984; 2005; GUIMARÃES, 2016; LEITE, 2005; GOMES, 1998; RICHTER, 1998; MIRANDA, 2006; PACHECO, 2010; MENDES, 2010; PACHECO, 2010; FERREIRA, 2012; RAGO, 2012;

LIMA, 2016; GUIMARÃES, 2016), que já destacaram o pioneirismo da autora. Ela mesma se colocou como fora dos discursos oficiais da época, pois, em suas palavras, “A vida não cabe dentro de um programa” (Maria Lacerda de Moura in RAGO, 2007). Em estudos anteriores, que já tomaram manuais pedagógicos como objeto (SILVA, 2001; 2005, 2018; 2020), as *Lições de Pedagogia* escritas por Moura não foram analisadas, pois não constavam dos acervos então consultados. O presente trabalho colabora com o conjunto desses estudos, examinando como essas lições ensinavam e ensinar.

Sabe-se que as *Lições* foram produzidas em meados de 1920, um período em que as questões pedagógicas tiveram, no Brasil, grande ênfase, o que pode ser explicado pela progressiva democratização do ensino (BEISIEGEL, 1981), com a expansão da escola primária e das instituições de formação docente, bem como pela circulação das ideias que marcaram a Escola Nova (NÓVOA, 1995; VIDAL, 2000; VIDAL, RABELO, 2020), movimento mundialmente difundido e que, no Brasil, inspirou inúmeros trabalhos e iniciativas na área, inclusive as *Lições de Pedagogia* escritas por Maria Lacerda de Moura (1925). De que maneira inscreveu em suas páginas recomendações sobre como ensinar? Quais temas sublinhou? Em quais autores e ideias se baseou? Enfim, como essas *Lições de Pedagogia* (MOURA, 1925) produziram e fizeram circular o conhecimento pedagógico?

Os caminhos assumidos pela pesquisa remetem para uma entre as várias modalidades da História que se desenvolveram ao longo do século XX. O estudo das *Lições de Pedagogia* (MOURA, 1925) situa-se na “História Cultural - campo historiográfico que se torna mais preciso e evidente a partir das últimas décadas do século XX, mas que tem claros antecedentes desde o início do século” (BARROS, 2003, p. 145). Inspirados nas publicações de livros e artigos sobre a “história vinda de baixo”, alguns historiadores das décadas de 1960 e 1970 perderam o interesse pelos “tradicionais relatos históricos de líderes políticos e instituições políticas e direcionaram seus interesses para as investigações da composição social e da vida cotidiana de operários, criados, mulheres, grupos étnicos e congêneres” (HUNT, 1992, p. 3). Em sentido semelhante, a análise das *Lições de Pedagogia* (MOURA, 1925) aqui proposta atentou para leituras feitas no cotidiano das Escolas Normais. Livros como esse, chamados de manuais pedagógicos, muitas vezes, apresentaram-se como “produções menores”, “simples introduções” ao assunto, resumos feitos para estudantes em linguagem de fácil acesso (SILVA, 2018).

Embora não seja ligada ao grupo de “grandes” educadores como Lourenço Filho ou Fernando de Azevedo – à época, importantes expoentes do movimento escolanovista e propulsores de importantes reformas do ensino no país – as *Lições de Pedagogia* (MOURA, 1925) fizeram circular a escrita de uma mulher conhecida como uma das precursoras do feminismo no Brasil (LEITE, 1984; 2005). Sabe-se ainda que, por meio de uma batalha pela independência, o feminismo teve vastas implicações reconhecidas pela história cultural, pois “estava preocupado tanto em desmascarar os preconceitos masculinos como em enfatizar a contribuição feminina para a cultura, praticamente invisível na grande narrativa tradicional.” (HUNT, 1992, p. 65). Autores como Peter Burke (2008) assinalam a presença das questões de gênero em disputas sociais. Como se procurará evidenciar, nas páginas a seguir, essa temática esteve presente no manual escrito por Moura para as alunas da Escola Normal e professoras primárias. Esteve presente também em toda trajetória da autora, marcando seu pioneirismo;

Estudar as *Lições* de Maria Lacerda de Moura significa tentar compreender como elas ensinavam a ensinar, orientando as professoras a compreenderem seu trabalho. Maria Lacerda de Moura afirma que redigiu suas lições para as alunas da Escola Normal brasileira, ressaltando não ter outro material publicado como esse, preocupado em alcançar não apenas estudiosos, mas todos os que se interessavam por educação. Para isso a autora utilizava linguagem simples e propunha explicações minuciosas nas páginas de seu livro.

Escrevi principalmente para as alunas de Escolas *Normais* e para professores primários: para a educação popular. Não há livros *didáticos* senão para mestres, senão para estudiosos de gabinete, entre nós. A minha linguagem é simples e tenho preocupação didática: a repetição, à etimologia dos vocábulos científicos, técnicos e, por vezes, a singeleza necessária para os cérebros ainda não habituados a esse gênero de estudos. Na nossa língua – tem-se apenas a preocupação de erudição nos livros didáticos, e os estudantes, mormente as moças – cuja mentalidade escravizada através das gerações e através das leituras de boudoir, de novelas e poesias líricas, mal pôde perceber o que há de importante, de grande, de admirável nas investigações desta natureza, - lutam com dificuldades ante os compêndios cheios de teorias obscuras e considerações filosóficas ao alcance apenas dos doutos. (MOURA, 1925, p. 264)¹.

Com um público receptor específico, estudar as lições de Maria Lacerda de Moura, quase cem anos após sua publicação, é um grande desafio. Ao tomá-las como objeto, o trabalho fundamenta-se nas considerações de Roger Chartier (1990) quanto às investigações que

---

¹ Os excertos do livro *Lições de Pedagogia* foram atualizados segundo as regras ortográficas vigentes. Mantiveram-se algumas palavras não dicionarizadas, mas bastante peculiares do vocabulário da autora. Conservou-se a pontuação da autora mesmo em caso de engano e respeitou-se o uso de maiúsculas e minúsculas.

atentam para a maneira como um grupo elabora, vive e pensa a sua realidade. De acordo com o autor:

abordar a leitura é, portanto, considerar, conjuntamente a irredutível liberdade dos leitores e os condicionamentos que pretendem refreá-la. Essa tensão fundamental pode ser trabalhada pelo historiador através de uma dupla pesquisa: identificar a diversidade das leituras antigas, a partir dos seus esparsos vestígios, e reconhecer as estratégias através das quais autores e editores tentavam impor uma ortodoxia do texto, uma leitura forçada. Dessas estratégias, umas são explícitas, recorrendo ao discurso (nos prefácios, advertências, glosas e notas), e outras implícitas, fazendo do texto uma maquinaria que, necessariamente, deve impor uma justa compreensão. Orientado ou colocado numa armadilha, o leitor encontra-se, sempre, inscrito no texto, mas, por seu turno, esse se inscreve diversamente nos seus leitores. Daí a necessidade de reunir duas perspectivas, frequentemente separadas: o estudo da maneira como os textos, e os impressos que lhes servem de suporte, organizam a leitura que deles deve ser feita e, por outro lado, a escolha das leituras efetivas, captadas nas confissões individuais ou reconstruídas à escala das comunidades de leitores. (CHARTIER, 1990, p. 123 e 124).

Para Chartier (1990) os textos são um lugar no qual são elaboradas e impostas formas de apreender e intervir num determinado espaço. Suas reflexões enraízam-se em torno de três polos:

... de um lado, o estudo crítico dos textos, literários ou não, canônicos ou esquecidos, decifrados nos seus agenciamentos e estratégias; de outro, a história dos livros e, para além, de todos os objetos que contêm a comunicação do escrito; por fim, a análise das práticas que, diversamente, apreendem-se dos bens simbólicos, produzindo assim usos e significações diferenciadas (CHARTIER, 1990, p.178).

Isso significa reconhecer as *Lições de Pedagogia* (MOURA, 1925) como objetos impressos específicos, que poderiam conduzir a múltiplas análises. Seria possível, por um lado, compreender de que maneira seus escritos explicaram formas de pensar e viver a docência; por outro lado, considerar a materialidade e os dispositivos tipográficos desse texto, que também comandam sua leitura; ou, ainda, atentar para as práticas de leitura dessas lições na Escola Normal. Onde foram adotadas e lidas? Como eram feitas essas leituras? Apenas durante as aulas? Em consultas dos professores, enquanto se preparavam para serem professores, ou também quando exerciam seu trabalho? Sem negar a relevância de todas essas perguntas, esta dissertação dirige-se aos modos como as *Lições* de Moura (1925) produziram sentidos sobre o magistério em seus escritos e materialidade ou, como diria Chartier (1998), tentaram impor uma “ordem” às leituras. Essas, evidentemente, puderam ser múltiplas e móveis, variaram de acordo com os tempos, lugares e comunidades, e poderão ser objeto de outras pesquisas.

Dessa relação entre texto, livro e compreensão, surge uma outra figura quando um texto, estável na sua letra e fixo na sua forma, é objeto de leituras contrastantes. “Um livro muda pelo fato de não mudar enquanto o mundo muda”, declara Pierre Bourdieu - ou, para tornar a proposição compatível com a escala mais diminuta que é a do nosso trabalho, “enquanto muda o seu modo de leitura”. (CHARTIER, 1990, p. 131).

O conceito de apropriação apresentado por Chartier (1990) consiste na compreensão de uma história, dos usos e das interpretações às quais um pensamento é suscetível, “não nas exclusões por confiscação, mas nas diferenças do uso partilhado”. (CHARTIER, 1990, p. 137).

Nos limites desta dissertação, os estudos sublinharam a ideia segundo a qual:

O livro sempre visou instaurar uma ordem; fosse a ordem de sua decifração, a ordem no interior do qual ele deve ser compreendido ou, ainda, a ordem desejada pela autoridade que o encomendou ou permitiu sua publicação. [...] A ordem dos livros também tem um outro sentido. Manuscritos ou impressos, os livros são objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis. (CHARTIER, 1998, p.8)

Nessa perspectiva, pergunta-se aqui como as *Lições de Pedagogia* (MOURA, 1925) ensinaram a ensinar. Ou, em outras palavras, como elas ordenaram em suas páginas uma *cultura profissional do professorado*? De acordo com Silva (2001), pautando-se em Perrenoud (1993), trata-se de um amplo conjunto de práticas, dentre as quais, estão as tarefas cotidianas na sala de aula, a convivência com os alunos, a conversa cotidiana com os colegas, a partilha de uma identidade comum, a integração de experiências pessoais às atividades de trabalho, bem como a assimilação, durante a formação inicial, de valores, competências, crenças, hábitos e conhecimentos que buscam instaurar modalidades de interpretação e ação junto às situações de ensino. No exame de textos como os manuais pedagógicos, é possível “identificar o que se ensina aos professores em sua formação inicial, quais são os temas que percorrem suas leituras pedagógicas e o modo como as disciplinas da área se organizam e são detalhadas nas aulas da Escola Normal” (SILVA, 2020, p.29).

Observando trabalhos que versam sobre histórias de leituras especificamente “profissionais” do campo educacional brasileiro (SILVA, 2001; SILVA, 2005; HEGETO, 2014), é possível entender como os manuais pedagógicos escritos pelas mulheres construíram uma concepção “ideal” de magistério. Como as “artes de bem morrer, os tratados de civilidade, os livros de práticas”, eles “são exemplos, entre outros, desses gêneros que pretendem incorporar nos indivíduos os gestos necessários ou convenientes” (CHARTIER, 1990, p.135). Assim, o impresso em questão foi um dos instrumentos de formação da cultura pedagógica. Como já assinalou Silva (2001), produzir esses textos significou exercer, de algum modo e à distância, a autoridade de instruir e controlar o trabalho docente, pois eles permitiram divulgar, instaurar e impor modos de compreender e conceber o exercício do magistério.

A riqueza de possibilidades de análise dos manuais pedagógicos, e escolares em geral, permitiu diversos estudos. Choppin (2000) foi um dos primeiros pesquisadores, até meados do século XX, que se dedicou ao estudo desses livros. Para ele, há uma multiplicidade de conceitos que os manuais disponibilizam para os alunos: saberes, valores morais, religiosos e políticos, e eles auxiliam os professores a ensinar. O fato de esse material ser elaborado de acordo com as diretrizes dos programas oficiais tem como objetivo auxiliar o professor, de maneira a conseguir que o aprendizado seja adquirido durante as aulas. Além de Choppin, os autores Bittencourt (2008), Gatti Jr. (1997), Valdemarim (2006) e Silva (2001, 2005, 2008, 2017, 2020) também versam sobre os manuais e contribuíram com esta pesquisa. Porém, nenhuma dessas produções aborda profundamente sobre algum manual escrito por uma mulher. Assim, a partir das abordagens realizadas por Chartier (1994; 1996) em relação à história do livro e da leitura e à história do livro didático realizadas por Choppin (2002), compreende-se que o livro é consequência de diversas materialidades e, por isso, pode ser visto como fonte e objeto de pesquisa. Choppin também organizou o primeiro banco de dados que abriga um extenso acervo de livros didáticos franceses publicados desde 1789 até os dias de hoje. Esse acervo é chamado Emmanuelle e é vinculado ao Service d'histoire de l'éducation do Institut National de Recherche Pédagogique (INRP).

Entre os autores que trabalharam com esses materiais, encontra-se Circe Bittencourt (2008). Essa autora discorre sobre o papel dos livros didáticos entre os anos de 1810 e 1910, percorrendo questões como a relação dos alunos e professores com eles, o papel do Estado na escolha desse material como instrumento do professor, os diversos autores e outros profissionais envolvidos nas obras, bem como as mudanças tecnológicas que foram incorporadas pelos livros didáticos. Para isso, a autora utilizou-se de revistas e anais de congressos pedagógicos da época, documentos oficiais, as introduções, os prefácios, assim como os livros utilizados pelos alunos e as memórias daqueles que se tornaram famosos.

Bittencourt também foi responsável pela coordenação do Banco de Dados de Livros Escolares Brasileiros (LIVRES). Essa organização teve início em 1994 juntamente com o Centro de Memória da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) tendo financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), sendo parte do Projeto Temático *Educação e Memória: organização de acervos livros didáticos* (2004-2007). Segundo o histórico presente no site da FEUSP, o objetivo do LIVRES é “referenciar, localizar os livros didáticos brasileiros para auxiliar pesquisas sobre o tema, além

de preservar e divulgar os acervos localizados em diferentes lugares, tais como: bibliotecas, instituições e em referenciais bibliográficos e documentos diversos – catálogos de editoras, revistas educacionais, programas curriculares”. Tal projeto contou com o apoio de um convênio internacional entre a USP e o INRP, integrado à rede EMMANUELLE, Banco de Dados criado por Alain Choppin, pesquisador do INRP.

Tânia Maria Figueiredo Braga Garcia também atua na temática dos manuais pedagógicos. Suas atividades incluem o estudo, a avaliação e a produção de materiais e manuais pedagógicos destinados a alunos e professores. É pesquisadora e membra diretora do International Association for Research on Textbooks and Education Media (IARTEM), além de coeditora do IARTEM e-jornal desde 2013. O IARTEM é uma comunidade de pesquisadores que trabalham para promover a pesquisa e compreensão de livros didáticos e mídias educacionais, objetivando estabelecer contatos entre todas as partes interessadas e, assim, fortalecer o foco da formação de professores. Além disso, o IARTEM organiza conferências de pesquisa internacionais e publica relatórios desses encontros.

Décio Gatti Júnior é outro referencial atuante na temática do livro didático, bem como na História das Instituições Educacionais, História Disciplinar e Ensino de História. O autor afirma que esse material também é chamado de manuais escolares, “são artefatos que, desde há muito tempo, ocupam o cenário escolar a ponto de, conjuntamente a professores e alunos, consubstanciarem, perante a sociedade, o que há de mais fundamental no universo escolar.” (1997, p. 31). Além disso, ele comenta a respeito da complexidade de classificação desse material:

O livro didático é apreendido de modo bastante diferenciado por diversos autores que se ocuparam da temática. Nessa pluralidade conceitual podemos antever a complexidade da qual se traveste o objeto do qual tratamos, levando em conta que os livros escolares são tomados simultaneamente como: "material impresso, estruturado, destinado ou adequado a ser utilizado num processo de aprendizagem ou formação"; materiais "caracterizados pela seriação dos conteúdos"; "mercadoria"; "depositário de conteúdos educacionais"; "instrumento pedagógico"; "portador de um sistema de valores"; "suportes na formulação de uma História Nacional"; "fontes de registros de experiências e de relações pedagógicas ligados a políticas pedagógicas da época"; e ainda materiais "reveladores de ângulos do cotidiano escolar e do fazer-se da cultura nacional. Esse aparente emaranhado conceitual é, na verdade, uma amostra da complexidade que a análise desse objeto nos obriga a adentrar, pois o livro didático é simultaneamente um pouco de tudo isto, o que implica, necessariamente, na montagem de um instrumental analítico que leve em conta esse leque de determinações, numa investigação que, entre outras coisas, consiga apreender os focos determinantes mais fortes, através da percepção dos condicionamentos e das práticas que cercam o objeto em análise." (GATTI, JR, 1997, p. 30 e 31).

Os livros didáticos expressam valores, condutas pedagógicas e muitos sinais do progresso educacional brasileiro nas diversas épocas. Esses vestígios podem tornar os livros didáticos um meio decisivo para o entendimento do saber histórico propagado pela e na escola brasileira. (GATTI, JR, 2010).

Vera Tereza Valdemarin, em um trabalho publicado na Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), no ano de 2006, intitulado *Manuais didáticos para uso de professores: mudanças e permanências nas prescrições para a prática pedagógica*, afirma que, embora tenha dialogado seu material com estudos sobre outros impressos dedicados à orientação da prática docente, tais como os periódicos educacionais (CATANI, 2003; CATANI e BASTOS, 2002 e BICCAS, 2005) e as coleções pedagógicas (MONARCHA, 1997 e TOLEDO, 2001), tomou como fontes específicas manuais pedagógicos utilizados por alunos e professores, que permeiam “aspectos teóricos e orientações para a condução da prática docente, articulando, num mesmo impresso, o campo doutrinário da pedagogia, as determinações legais e os procedimentos necessários para sua consecução.” (VALDEMARIM, 2006, p.1). Também afirma que, ao recomendarem uma prática pedagógica ideal, esse material permite fundamentos para o entendimento das “estratégias utilizadas para a formação de professores, da articulação entre questões de natureza teórica e questões de natureza prática e, mais especificamente, da articulação num discurso coerente entre práticas consolidadas e inovações pretendidas.” (p. 1)

Vivian Batista da Silva (2001), em âmbito de mestrado, levantou, sistematizou e analisou títulos publicados no Brasil entre 1930 e 1970, organizando um catálogo salientando informações sobre os conteúdos dos livros: quem escreve, onde, por quem e quantas edições foram publicadas, além de algumas características de seu conteúdo. Sua tese de doutorado (SILVA, 2005), recentemente publicada em forma de livro (SILVA, 2020), consistiu na problemática da elaboração e circulação de saberes entre os professores através dos manuais didáticos, além de publicações de artigos nessa temática. Sua tese de livre-docência (2017) intitulada *A didática e os textos para formar professores: o trabalho docente nos manuais pedagógico (1870-1991)* evidenciou a complexidade e a riqueza dos manuais pedagógicos na compreensão socio-histórica dos modos pelos quais os professores primários foram formados para ensinar nas escolas.

Da mesma forma, José Carlos Souza Araújo publicou diversos trabalhos sobre educação, formação de professores, ensino profissional feminino, dentre outros temas relacionados à educação no período da Escola Nova e da Escola Normal. Dentre essas

publicações, também apresentou trabalhos sobre os manuais pedagógicos como *Manuais Pedagógicos em Comparação: Cours Pratique de Pédagogie, de Daligault (1814), e Compêndio de Pedagogia, de B. J. M. Cordeiro (1874)* (ARAÚJO, 2018), *O Compêndio de Pedagogia de Bráulio Cordeiro de 1874: uma expressão da cultura escolar no Brasil* (ARAÚJO, 2015). E seu trabalho, em andamento desde 2015, intitulado *Manuais Pedagógicos no Brasil: Embates entre Concepções de Pedagogia, de Educação e de Metodologia do Ensino (1874-1932)* utiliza os manuais pedagógicos como objeto de pesquisa.

Inspirando-se em trabalhos como esses, esta investigação versa sobre um título específico e examina como as *Lições de pedagogia* (MOURA, 1925) se colocaram como objeto de leitura nas Escolas Normais. Sua leitura evidenciou a importância de Maria Lacerda de Moura como autora do manual. Seu nome e sua trajetória foram destacados já na capa do livro, tendo visibilidade também em cartas que ela recebeu, ao longo da vida, e foram transcritas em aproximadamente trinta páginas, que antecederam os capítulos do manual. Seus escritos, fundamentados em respeitáveis autores que contribuíram com o movimento escolanovista, apresentam importantes reflexões sobre a importância da saúde física para o desenvolvimento mental e intelectual do educando. É justamente esse material que será analisado no presente trabalho.

Já se assinalou que os manuais pedagógicos foram escritos para as alunas da Escola Normal. Nesse material, as normalistas encontravam, pela primeira vez, indagações relacionadas ao ensino, explicações relativas ao papel do professor, à estruturação da escola, às necessidades dos educandos e às metodologias. Considerando as formas como os manuais pedagógicos foram escritos, levando em consideração a época e o contexto escolar, convém assinalar que “os saberes construídos pelos manuais pedagógicos ajudaram a consolidar o modelo de escola que começou a ser difundido em diversos lugares do mundo desde finais do século XIX”. (SILVA, 2008, p. 1). Objetivando democratizar as oportunidades escolares para aqueles que não tiveram acesso a graus de instrução mais elevados, os manuais pedagógicos permitiram que, através da leitura, os interessados em ingressar na carreira docente aprofundassem seus conhecimentos a respeito da composição escolar, ou seja, possibilitaram levar a população interessada a conhecer como a instituição era constituída no âmbito das atribuições docentes, atividades dos alunos, funcionamento das aulas, conteúdos, métodos, etc. (SILVA, 2008). Pode-se afirmar, portanto, que esses materiais colaboraram também para a construção da cultura escolar. De acordo com o Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente (GESTRADO), pode-se entender como cultura escolar a

forma como são representados e articulados pelos sujeitos escolares os modos e as categorias escolares de classificação sociais, as dimensões espaço-temporais do fenômeno educativo escolar, os conhecimentos, as sensibilidades e os valores produzidos/transmitidos/aprendidos na escola, a materialidade e os métodos escolares. (FILHO; GONÇALVES, 2010).

Embora apliquem o conceito de maneiras distintas e de acordo com suas próprias perspectivas, os autores Jean-Claude Forquim, Antônio Viñao Frago, Dominique Julia, Agustín Escolano, Antônio Nóvoa, Guy Vincent, Bernard Lahire, Daniel Thin, Jean Hébrard, André Chervel e Philippe Perrenoud, dentre outros, são também conhecidos por seus estudos sobre a cultura escolar. Na medida em que estuda as Lições de Pedagogia (MOURA, 1925), a presente dissertação remete para à ideia de cultura pedagógica, tal como é discutida por Escolano.

Segundo Escolano, há três diferentes tipos de culturas escolares que se mesclam de forma dinâmica e complexa. A primeira delas é a empírica, que é produzida pelos docentes, mediante o exercício do seu ofício. Os historiadores utilizam como fonte de pesquisa jornais, imprensa, documentos administrativos e etnologia, entre outros. A segunda cultura é a normativa, que são as regras que conduzem o funcionamento das escolas. E a última é denominada pedagógica e é elaborada no âmbito das universidades através dos conhecimentos obtidos em formações acadêmicas e nos livros (ESCOLANO, 1999), a qual dialoga com a presente pesquisa, conforme se pode observar a seguir.

O texto *Los profesores en la historia* (ESCOLANO, 1999) apresenta um contexto de mudanças acadêmicas semelhantes às que aconteceram no Brasil. Os liberais espanhóis do século XIX, criadores da Escola Normal, desprezaram os antigos professores e lutaram pela necessidade de mudança no modelo acadêmico vigente. Esse rompimento de tradições, dentre outros acontecimentos, permitiu que os professores, autores de livros didáticos e inspetores continuassem construindo “as regras da profissão que garantiam a identidade da arte de ensinar e da profissão de professor.” (ESCOLANO, 1999, p. 20).

Assim como na Espanha, inúmeras transformações sociais, políticas e econômicas aconteceram no Brasil no final do século XIX e início do século XX, com o fim do Império e a Proclamação da República. Até então, a sociedade era dominada pelas oligarquias latifundiárias e pela burguesia comercial, com ideais racistas e escravagistas. A princípio, o ideal da República era “escola para todos” (ALMEIDA, 1995, p. 685), pois esse momento histórico apontava a educação como forma de ascensão social e equilíbrio de oportunidades. Portanto, impulsionados por esse pensar, organizar a educação era palavra de ordem. No período especificado acima, o país efervescia em ideias no âmbito educacional. Em meio à preocupação com as questões pedagógicas, estava a necessidade da adequação dos programas para uma

formação específica dos professores das séries iniciais. Entre os republicanos, havia a esperança de que o novo regime, a República, promovesse a sonhada transformação social por meio da educação. Porém, o povo não se envolveu da maneira esperada, e o projeto republicano não aconteceu de uma hora para outra, pois além do não envolvimento da população, os propósitos da República não estavam completamente organizados. (ALMEIDA, 1995). Então, até meados de 1920, as Escolas Normais brasileiras caracterizavam-se pela inconsistência dos programas e não apresentavam uma proposta pedagógica harmoniosa com seus objetivos, além de não haver professores habilitados para lecionar nessas escolas. (ALMEIDA, 1995).

Em 1930, houve uma significativa expansão dessas instituições acompanhada de reformulações do currículo desses cursos, principalmente no âmbito da prática pedagógica (TANURI, 2000), a qual permitiu que fontes documentassem esse processo de desenvolvimento escolar e reunissem “conjuntos de objetos, textos e registros que podem nos ajudar a revelar os ‘silêncios’ da história da escola e as chaves para a construção real do passado da profissão docente.” (ESCOLANO, 1999, p.20). Essas revelações podem ser encontradas nas memórias e autobiografias de professores, livros escolares, materiais das ferramentas pedagógicas das escolas, documentos administrativos, dentre outros. Portanto, tendo em vista os três eixos propostos por Escolano (1999), a presente pesquisa, que realiza a análise do manual *Lições de Pedagogia* (MOURA, 1925), relaciona-se com a cultura pedagógica, conforme já citado anteriormente. Além disso, tais *Lições* foram escritas durante o início dos anos 1920 e apresentam, em seus escritos, a necessidade da transformação da educação e da formação dos professores, defendida pelo movimento da Escola Nova, conforme poderá se observar no segundo capítulo.

Os modos de produção do estudo

Este tópico tem como objetivo abordar os caminhos que foram trilhados durante a realização desta pesquisa, explicando detalhadamente os modos de investigação e análise, buscando alcançar seus objetivos. Ferreira (2020), inspirando-se em Max Weber, afirma que toda pesquisa tem “um interesse subjetivo por parte do pesquisador (...) e é fruto de um longo esforço de pensamento, questionamento, reflexões e leituras sobre o tema.” (p. 38), e com essa investigação não foi diferente. Desde a graduação, a temática e a análise reproduzida no trabalho, aqui apresentado, relacionaram-se com a trajetória de formação de quem o escreveu. Em âmbito de iniciação científica, desenvolveu-se, em 2013 e 2014, o trabalho intitulado *Os alunos e a apropriação dos saberes do curso Rede de Formação de Professores*

(REDEFOR/SEE/USP) (2011-2012), procedendo-se junto com outras bolsistas em uma pesquisa intitulada *Os alunos e a apropriação dos saberes, formas e ritmos das aulas*, coordenado pelas Prof^{as}. Dr^{as}. Paula Perin Vicentini, Rita de Cassia Gallego e Vivian Batista da Silva. Esse último projeto, por sua vez, é parte integrante do Núcleo de Apoio à Pesquisa (NAP/USP) sobre Novas Arquiteturas Pedagógicas - desenvolvendo e implementando novas arquiteturas pedagógicas, iniciado em 2012. O estudo desenvolvido buscou compreender como os coordenadores de escolas públicas estaduais paulistas, que foram selecionados para um curso de especialização promovido pela Rede de Formação de Professores Coordenadores (REDEFOR/SEE-SP/USP – 2011-2012), desenvolveram seus Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's). Objetivou-se saber como os educadores, elaboradores dos TCC's, apropriaram-se dos saberes mobilizados nas disciplinas que foram realizadas, e de que forma se utilizaram da bibliografia apresentada pela REDEFOR, buscando uma melhoria de formação docente. Também buscou perceber como os autores, veiculados nas mesmas, foram mobilizados nos trabalhos, os quais foram fontes nucleares de pesquisa.

Dando continuidade à formação acadêmica, realizou-se outra pesquisa em âmbito de iniciação científica. Assim, utilizou-se como fonte nuclear a *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, uma importante instância de circulação de saberes entre os professores (CATANI, 1994), realizando um estudo que identificou, sistematizou e analisou artigos de Educação Comparada na RBEP. Os resultados encontrados permitiram a escrita e publicação do artigo *A Educação Comparada e seus caminhos na RBEP desde 1944: entre espaços, tempos e questões* (SILVA, LIVÉRIO, 2020), na revista *Educação: Teoria & Prática*.

Percebe-se, portanto, que a análise de trabalhos e periódicos, a coleta e exame sistemático de dados dos TCC's e da RBEP permearam a trajetória de formação de quem escreveu o presente trabalho, resultando na possibilidade de apresentar esta dissertação.

Originalmente apresentado em 2017, o projeto apresentado à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), intitulado “As Professoras Ensinam a Ensinar: Um estudo sobre os manuais pedagógicos escritos por mulheres (Décadas De 1925 A 1970)” visava estudar manuais pedagógicos escritos por mulheres e publicados no Brasil durante os anos de 1950 a 1970. Investigou-se a especificidade desses livros e de que modo a atuação dessas autoras reverberaram na escrita deles. Os seguintes títulos foram objeto e principal fonte de análise: *Lições de Pedagogia* (MOURA, 1925); *Escola Moderna* (REIS, 1931); *Prática do ensino primário* (QUEIRÓS; COELHO; BORGES; ALBUQUERQUE; CASTRO, 1954);

Introdução à prática de ensino (FAGUNDES, REIS, PASSOS, LOPES, DORNELES, KÖHN, JATAHY, 1964); *Metodologia e prática de ensino – Tomo I e Tomo II* (LIMA, 1964); *Didática Geral* (PENTAGNA, 1964); *Estudo dirigido* (PENTAGNA, 1967); *Compêndio de pedagogia moderna* (PENTAGNA, BASTOS, RODRIGUES, 1968); *Ensinando à criança* (MARCOZI, DORNELES, REGO, 1969) e *Introdução à educação e didática teórica e prática* (OLIVEIRA; LAMAS, 1970). Eles foram identificados e examinados em pesquisas anteriores (SILVA, 2001; SILVA, 2005) sobre a produção e circulação de conhecimentos entre os normalistas e seriam retomados atentando-se, especificamente, para o conteúdo dos livros assinados pelas mulheres. As informações sobre a atuação dessas mulheres ainda eram escassas (SILVA, 2001; SILVA, 2002) e a pesquisa proposta contribuiu para se conhecer mais as suas especificidades e o modo como as questões de gênero podem estar presentes na produção e circulação de conhecimentos entre os professores. Nos desdobramentos da pesquisa, percebeu-se a necessidade de uma adaptação. Sendo assim, a fim de garantir um estudo pleno, dentre os onze manuais, destacou-se o mais antigo encontrado: *Lições de pedagogia* (MOURA, 1925), assinado por Maria Lacerda de Moura, uma educadora anarquista brasileira, que se notabilizou por seus escritos feministas, em meados do século XX.

O exame do manual pedagógico *Lições de Pedagogia* (MOURA, 1925) manteve a proposta original de compreender a particularidade dos assuntos abordados em seu livro e de que modo a experiência como professora refletiu na escrita deles. Para isso, primeiramente percebeu-se a necessidade de conhecer a trajetória da autora. Apesar do primeiro contato com Maria Lacerda de Moura ter sido durante a escrita do projeto, ao buscar informações sobre as professoras normalistas escritoras, pouco foi encontrado além do documentário biográfico, gravado em 2003, dirigido por Ana Lúcia Ferraz e Míriam Moreira Leite, sendo essa última pioneira em estudos sobre Maria Lacerda de Moura e autora de dois livros (LEITE, 1984; 2005) sobre a normalista, os quais foram leituras fundamentais no presente trabalho. Além do material produzido por Leite (1984, 2005), foi possível perceber um crescente interesse por Maria Lacerda de Moura. Sua trajetória como educadora, professora, anarquista, feminista permite uma pluralidade de abordagens e é possível visualizá-las em diversas pesquisas, as quais foram lidas e utilizadas no presente trabalho e serão apresentadas posteriormente.

Talvez seja importante lembrar que a principal fonte e objeto de pesquisa do presente estudo é o conteúdo do livro *Lições de Pedagogia* (MOURA, 1925). Por isso, conforme citado anteriormente, baseou-se no autor Roger Chartier, que é uma importante referência sobre o estudo do texto. Representação, prática e apropriação são os três segmentos principais de suas

obras. Para o autor, o produto da leitura depende da interpretação dos leitores e deve ser levado em consideração as características culturais dos indivíduos que se apropriam do objeto.

A apropriação, tal como a entendemos, tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem. (CHARTIER, 1988, p.26)

Entende-se que, para Chartier, existe uma distância entre as práticas e os discursos, bem como um texto pode ser lido em momentos ou realidades distintas de quando foi produzido. Acredita, ainda, que existem diversas formas de interpretação e apropriações de um texto (NASCIMENTO, 2018) e, por isso, ao estudar os textos, deve-se considerar o conjunto social, cultural e histórico de quando o livro foi escrito e lido.

Maria Lacerda de Moura ressalta que escreveu suas *Lições* para um público específico: os alunos da Escola Normal e os interessados em educação, esperando contribuir com a formação acadêmica dos futuros professores. Conforme já se assinalou anteriormente, sabe-se que, até meados de 1920, as Escolas Normais brasileiras atravessavam um período de mudanças e adequações na busca de assegurar uma boa formação para os futuros professores. Esse movimento de reforma está ligado ao movimento da Escola Nova, que buscava tratar as questões pedagógicas de maneira científica, buscando o aperfeiçoamento da formação do professor de forma alongada e adequada (TANURI, 2000). Portanto, a análise desse material foi realizada tendo em vista o contexto histórico da época em que o manual foi escrito e, para isso, fundamentou-se também em leituras de pesquisas realizadas sobre a Escola Normal e formação de professores, como Rabelo (2004); Trevisan (2011); Silva (2001, 2005, 2008, 2017); Correia, Silva (2004); Valdemarin (2004); Vidal (2001); Vicentini, Lugli (2009); conforme poderá ser observado no segundo capítulo intitulado “Conteúdo e materialidade: o que as Lições ensinam”.

Conforme já citado anteriormente, o livro *Lições de Pedagogia* (MOURA, 1925), pode ser incluído na categoria dos manuais pedagógicos. O processo de produção desses livros é complexo e envolve diversos fatores, tais como os dispositivos de organização dos conteúdos a serem estudados, constantes dos currículos e programas da escola normal, as leis mediante as quais o governo ordena e controla a literatura escolar em geral e o desenvolvimento de iniciativas editoriais. Esses textos, para além de servirem aos propósitos imediatos de formarem professores, também têm um papel decisivo na configuração do discurso pedagógico, da concepção profissional do professor e dos saberes que a sustentam. (SILVA, CORREIA, 2004).

A construção desse material expõe como o magistério foi estruturado, ressaltando o contexto histórico inserido, os tempos, as visões daqueles que exercem o ofício de ensinar. Através de uma síntese de informações contidas em uma ampla bibliografia, os manuais pedagógicos fazem parte da construção e propagação do discurso pedagógico. Expondo as práticas de elaboração, eles tornam público os conhecimentos sobre educação. (SILVA, 2005).

Segundo Silva (2017), os manuais pedagógicos “reúnem o que há de essencial em termos de saberes pedagógicos (...). Estudar esses manuais, em especial, significa estudar também os processos de produção e circulação de saberes pedagógicos, bem como as relações da formação de professores.” (p. 22). Dessa maneira, a análise do manual *Lições de Pedagogia* (MOURA, 1925) permite encontrar importantes respostas sobre como Maria Lacerda de Moura concebia e praticava a educação, bem como sobre quais conhecimentos eram relevantes e essenciais para a formação dos futuros educadores. Para ensinar as professoras a ensinar, o livro foi dividido em quatro capítulos. O primeiro deles definiu a pedagogia, seus elementos e importância da educação, e diferenciou esses significados em outros países. O segundo capítulo atentou para a educação física, como a responsável por proporcionar meios para o desenvolvimento equilibrado e saúde para todo o organismo. O terceiro capítulo discorreu sobre a importância do exercício dos sentidos como desenvolvimento das demais funções. Por último, o quarto capítulo, intitulado "Crescimento físico", argumenta sobre a necessidade de o educador conhecer o desenvolvimento físico do educando a fim de perceber se algo está prejudicando seu organismo e, automaticamente, seu aprendizado. Portanto, esse material objetiva a formação dos professores e o aperfeiçoamento da docência, levando em consideração os aspectos fisiológicos de seus alunos. Sua escrita holística², provocativa e irônica promove importantes reflexões sobre qual é a melhor forma de ensinar e como é possível melhorar a aprendizagem dos alunos a partir do conhecimento fisiológico, ou seja, do funcionamento do organismo humano. Além disso, permite também conhecer sua trajetória enquanto professora, reconhecer sua atuação no magistério e suas configurações.

---

² Que busca entender os fenômenos ou a realidade por completo, e não somente como resultado da união de suas partes; que analisa e entende algo por inteiro. Essa palavra é usada por Ferreira (2012) ao falar sobre a escrita do manual em sua dissertação.

Estudos anteriores sobre a Maria Lacerda de Moura

Embora tenha atuado de forma significativa em Barbacena, cidade onde cresceu, principalmente na área da educação da infância, não existem estudos sobre esse período da vida da educadora. Quase todas as pesquisas produzidas sobre Maria Lacerda de Moura são relacionadas ao período em que passou em São Paulo (GUIMARÃES, 2016). Ao investigar no banco de dados da CAPES, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, bem como fazendo uma pesquisa na internet sobre Maria Lacerda de Moura, encontrou-se 16 produções relacionadas à autora. Dentre elas, livros, teses, dissertações e artigos. Um breve resumo apresenta essas produções, ressalta onde e quando foram realizadas.

Já se assinalou que a trajetória de Maria Lacerda de Moura apresentou importantes contribuições para o feminismo, para a educação, para o movimento operário, entre outros campos objetos de preocupação da autora. Mesmo assim, sua vida só passou a ser investigada em meados de 1980, por Miriam Lifchitz Moreira Leite, responsável por uma das pesquisas pioneiras sobre Maria Lacerda de Moura. Seu estudo foi realizado a partir do levantamento de dados relacionados a temas, conteúdos, cartas e outros materiais de pesquisa da autora. Sua tese intitulada *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura* (1984) e seu livro *Maria Lacerda de Moura: uma feminista utópica* (2005) apresentam a vida, obras e produções da autora Maria Lacerda de Moura, bem como sua contribuição para a história do feminismo no Brasil, refletindo sobre diversos aspectos da condição feminina e demandas do seu tempo, como a educação igualitária, direito ao voto, valorização do trabalho feminino, dentre outros.

Seguindo o caminho de Miriam Leite, as pesquisas feitas por Gomes (1998), Richter (1998), Miranda (2006) e Pacheco (2010) também evidenciam o pensamento e a postura feminista de Maria Lacerda em sua trajetória em São Paulo, conforme se pode observar a seguir.

A dissertação intitulada *O pensamento feminista de Maria Lacerda de Moura*, escrita por Mônia L. Gomes em 1998, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, teve como objetivo delinear o feminismo construído por Maria Lacerda de Moura, o qual só pode ser captado se observado de acordo as suas diferentes posições sociais ocupadas na trajetória em São Paulo: como anarquista, destacando a mulher como sujeito fundamental para uma verdadeira libertação social; e como religiosa, a qual evidencia a importância da presença feminina para a estruturação de uma humanidade mais fraterna. (GOMES, 1998)

Orientada por Margareth Rago, outra pesquisa que apresenta reflexões sobre a trajetória de Maria Lacerda de Moura é a de Liane Peters Richter, intitulada *Emancipação feminina e moral libertária: Emma Goldman e Maria Lacerda de Moura*. Trata-se de uma dissertação escrita em 1998, que teve como objetivo aproximar as ideias feministas das autoras, pois ambas tinham um mesmo propósito: "eliminar toda hierarquia e ordem, abrindo espaço para a expansão do potencial do indivíduo com a tolerância e a solidariedade revolucionária." (RICHTER, 1998, p.131). Sobre Maria Lacerda de Moura, o estudo ressalta sua contestação feminina pacifista aos autoritarismos nos anos 20 e 30; sobre a diversidade e experiências feministas, relaciona a educação anarquista e o feminismo com o período de conservadorismo nacionalista.

Maria Aparecida Lima Dias, em sua dissertação intitulada *O espírito da Educação - Maria Lacerda Moura* (1999), objetivou salientar a importância do aspecto religioso como elemento para compreensão dos escritos de Maria Lacerda de Moura. Nesse trabalho, são apresentadas as principais características do pensamento da escritora sobre a temática da educação, inserindo-as no contexto educacional do período estudado e ressaltando as transformações e permanências consideradas fundamentais para a compreensão de sua trajetória de aproximação com a maçonaria, a qual Maria Lacerda de Moura enxergava como possibilidade de aperfeiçoamento humano.

Jussara V. de Miranda defendeu sua dissertação "*Recuso-me*!": *Ditos e escritos de Maria Lacerda de Moura* pela Universidade Federal de Uberlândia, em 2006. Em seu trabalho, buscou compreender as ideias de emancipação feminina e objeção de consciência em Maria Lacerda de Moura. Segundo Miranda (2006), seu interesse em relação a Maria Lacerda deve-se ao fato de suas proposições ressoarem com o presente e realiza reflexões no que diz respeito à condição feminina, pois, apesar de ter ocorrido muitas mudanças, sabe-se que a mulher ainda vivencia embates como a violência doméstica, a jornada tripla de trabalho, má remuneração, etc. e expressa, novamente, a importância da emancipação feminina.

A Autora realizava críticas ferrenhas à estrutura social na qual estava inserida, sem colocar a mulher como vítima do processo de subordinação. Mulher: você foi historicamente subjugada a um sistema perverso! Liberte-se! Liberte-se do embrutecimento causado pelo capitalismo e da mentira de sua inferioridade perante o homem! Lute pelo domínio de seu próprio corpo e não por um cargo político! - Dizia Maria Lacerda. Homem: abandone a ganância, a violência, a guerra e a submissão de seus pensamentos! Seja livre! (MIRANDA, 2006, p.17)

Em sua dissertação intitulada *Tecnologias políticas do gênero no Brasil: a contribuição de Maria Lacerda de Moura* (2009), a pesquisadora Tatiana Souza, da Universidade

Tecnológica Federal do Paraná, teve como objetivo expor o discurso de Maria Lacerda de Moura criticando a política do país, especialmente em relação à moral sexual da mulher pregada na época, bem como aos padrões e princípios morais atribuídos à maternidade e ao trabalho na vida das mulheres. Segundo Souza (2009), a elaboração dessa crítica se fez a partir do seu envolvimento com os movimentos libertários e anarcofeminista em meados dos anos 1920.

As mulheres anarquistas na cidade de São Paulo: 1889-1930, dissertação escrita por Samanta Mendes, defendida na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) em 2006, expõe os pontos de vista e práticas de mulheres anarquistas atuantes no movimento operário paulistano durante a Primeira República (1889-1930). Apresenta que tais mulheres, entre elas Maria Lacerda de Moura, tinham práticas comuns, como o envolvimento com movimentos operários, a defesa das causas da mulher na sociedade e a busca de direitos para as pessoas pobres. (MENDES, 2010)

Outra dissertação ainda tratando da emancipação feminina é *O pensamento de Maria Lacerda de Moura sobre a emancipação feminina: contribuições e desafios para a educação contemporânea*, escrita por Joice Oliveira Pacheco, em 2010, na Unisinos. Segundo a autora, a partir da leitura de alguns textos de Maria Lacerda de Moura, ela objetivou ponderar a atual problemática da emancipação feminina e seu vínculo com a Educação, buscando compreender o entendimento da autora a respeito da emancipação feminina.

Buscando compreender a contribuição do seu pensamento social em relação à educação, Denise Cristina Ferreira, em 2012, defendeu sua dissertação *EDUCAÇÃO E SOCIEDADE: Lições Pedagógicas de Maria Lacerda de Moura (1887-1945)* pela Universidade Federal de Campina Grande. Para isso, utilizou o livro *Lições de Pedagogia*, publicado em São Paulo, em 1925 e que, aqui, é fonte e objeto de pesquisa. Em seu trabalho, Ferreira (2012) apresenta considerações do pensamento político e intelectual de Maria Lacerda de Moura, tendo em vista o período político, social e econômico em que viveu e ressalta o quanto seus pensamentos nos auxiliam a compreender os aspectos dessa efervescência que ocorreu no Brasil em meados dos anos 1920 e 1930.

Apresentando uma análise dos artigos publicados por Maria Lacerda de Moura na revista espanhola *Estudios* (1930-1936), Nabylla Fiori de Lima defendeu sua dissertação em 2016. Utilizando esses artigos, constatou que eles demonstravam a constituição de saberes, crítica à sociedade vigente e voltavam-se para a construção de uma nova ética, de uma sociedade harmônica através da cooperação, educação, emancipação, avanço tecnológico e

participação democrática direta. Sendo assim, na revista estudada, a autora “constrói pontes ibero-americanas a fim de combater inimigos em comum e desativar quaisquer mecanismos de dominação. Nesse caminho, a partir das resistências locais e cotidianas, a construção de uma filosofia unicista da natureza se faz evidente.” (LIMA, 2016, p. 5)

Estabelecendo um recorte sobre o início da trajetória de Maria Lacerda de Moura como professora da Escola Normal Municipal de Barbacena, em Minas Gerais, Paula Cristina David Guimarães escreveu a dissertação *Maria Lacerda De Moura e o “Estudo Científico da Criança Patrícia” Em Minas Gerais (1908-1925)*, publicada em Belo Horizonte (MG), em 2016. Investigando o projeto de estudo científico da criança idealizado por Maria Lacerda de Moura, entre os anos de 1908 e 1925, objetivou-se conhecer a formação de Moura e suas contribuições para a ciência aplicada à Educação da infância e como a essa formação influenciou diretamente o seu projeto de estudo científico da criança.

Tatiana Ranzani Maurano defendeu, em 2019, pela Universidade Metodista de Piracicaba, a dissertação intitulada *A condição feminina em Maria Lacerda de Moura: análise de configuração textual do livro Renovação (2019)*³. Dando continuidade à pesquisa sobre a autora, em âmbito de doutorado, iniciou estudos, em 2020, e atualmente cursa doutorado pela UNESP. Segundo o seu currículo lattes, o trabalho tem por título *As contribuições de Maria Lacerda de Moura (1887-1945) para a educação no Brasil*.

Além das publicações de dissertações e teses, também foram encontrados artigos publicados sobre Maria Lacerda de Moura. Além de sua dissertação, Paula Guimarães também escreveu um artigo intitulado *A história da escolarização da infância em Minas Gerais: desafios e perspectivas da pesquisa, que* descreve e inicia a análise do projeto científico de educação da infância formulado e apresentado por Maria Lacerda de Moura à Secretaria do Interior do Estado de Minas Gerais, no ano de 1919.

Em sua iniciação científica intitulada *Lições de Pedagogia: Didática e práticas de ensino de uma educadora mineira no início do século XX* (2017), Thassiana Aparecida de Paula, orientada por Paula Cristina David Guimarães, utilizando o livro *Lições de Pedagogia* (1925), objetivou identificar e analisar a didática e as práticas de ensino direcionadas à infância, no início do século XX, pela educadora mineira. Objetivou ainda compreender a sua trajetória

---

³ O arquivo não foi encontrado.

educacional, identificar o contexto no qual pensou e escreveu o livro, verificando possíveis aproximações e distanciamentos com as práticas de ensino que propunha.

As pesquisadoras Nailda Marinho da Costa e Angela Maria Souza Martins escreveram o artigo *Movimento feminista e educação: cartas de Maria Lacerda de Moura para Bertha Lutz (1920-1922)*, o qual, conforme sugere o título, utiliza as cartas enviadas por Maria Lacerda de Moura para Bertha Lutz como fonte de pesquisa, revelando que, embora tenham vivido diferentes trajetórias de vida e apresentem diferentes visões de mundo, é possível perceber algumas confluências na luta pela educação feminina, conquanto existam diferenças nas concepções de Bertha Lutz e Maria Lacerda de Moura.

Luzia Margareth Rago também é uma importante pesquisadora de Maria Lacerda de Moura. Publicou um artigo sobre a biografia de Moura (1887-1945) na Revista Digital Feminista Internacional LABRYS, na edição sobre estudos feministas, de janeiro/julho, no ano de 2004. *Ética, Anarquia e Revolução em Maria Lacerda de Moura* é o título do texto escrito por Margareth Rago no livro *As esquerdas no Brasil: A Formação das Tradições, 1889-1945*, escrito por Jorge Ferreira e Daniel Aarão Reis, no Rio de Janeiro, publicado pela editora Civilização Brasileira, em 2007. Outro artigo é o intitulado *Entre o anarquismo e o feminismo: Maria Lacerda de Moura e Luce Fabbri*, publicado em 2012, na revista semestral autogestionária do Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP), revista essa que publica originais de pesquisadores brasileiros e internacionais sobre libertarismo, abolicionismo penal e sociedade de controle; além de publicar traduções de textos históricos e inéditos sobre o anarquismo, bem como ilustrações originais de artistas; poesias; aulas-teatro; resenhas; resultados de pesquisas de iniciação científica, mestrado e doutorado. Além disso, essa revista contribuiu com comentários para edição fac-símile de *A mulher é uma degenerada*, publicada em 2018.

Recentemente, dois novos livros inspirados em Maria Lacerda de Moura foram publicados: *A condição feminina em Maria Lacerda de Moura* (MAURANO, 2020), o qual trata de uma análise do livro *Renovação*, 1919. Esse livro objetiva trazer à tona os argumentos de Moura sobre a condição feminina e a educação em seu tempo, bem como os desdobramentos para os desafios da atualidade. O outro título é *Amor e Libertação em Maria Lacerda de Moura* (LESSA, 2020), que busca, em sua escrita, expor o passado para que os mesmos erros não sejam repetidos no futuro. Trata do apagamento de uma mulher professora, educadora, feminista, anarquista, tão importante para a história brasileira, mas que poucos conhecem.

Como é possível observar, nenhum dos trabalhos citados acima se direciona à análise do livro *Lições de Pedagogia* como um manual pedagógico. Embora Ferreira (2012) tenha o utilizado como fonte e objeto de estudos, diferentemente da presente pesquisa, não objetivou evidenciar como Maria Lacerda de Moura ensinou a ensinar ao longo de suas páginas. Além de materiais acadêmicos, como teses, dissertações e artigos científicos sobre Maria Lacerda de Moura, foi possível encontrar alguns vídeos.

O documentário Maria Lacerda de Moura - Trajetória de uma rebelde⁴, realizado pelo Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (LISA-USP), em 2003, juntamente com Ana Luísa Ferraz e Miriam Moreira Leite, (com duração de 33 minutos), já foi citado anteriormente. As outras produções em vídeos são mais recentes, como Você Conhece? Maria Lacerda de Moura⁵, uma das pioneiras do feminismo no Brasil, publicado pelo canal Observatório do 3º Setor, que apresenta, em dois minutos e meio, a trajetória de Moura nos âmbitos educacionais, feminista, antifascista e anarquista. Em setembro de 2017, o canal TV Unesp fez uma propaganda⁶ do artigo publicado na revista Unesp Ciência, o qual trata sobre os Direitos Femininos: Redescobrimo Maria Lacerda de Moura. O Arquivo Nacional, em parceria com a Definitiva Cia de Teatro e a Via, também produziu um vídeo⁷ chamado Cartas de Arquivo - Maria Lacerda de Moura para Fabio Luz. Esse material mostra a leitura dramatizada da carta⁸, datada de 18 de novembro de 1920, que Maria Lacerda de Moura enviou para Fabio Luz durante o período em que ele esteve preso. Em 26 de maio de 2020, o canal da editora Tenda de Livros, a mesma que republicou a edição fac-símile comentada do livro *A mulher é uma degenerada*, em 2018, disponibilizou no Youtube o vídeo⁹ denominado A insubmissão de Maria Lacerda de Moura. Nesse material, seis mulheres de diferentes localidades do Brasil comentam a característica que têm em comum: são leitoras do livro *A mulher é uma degenerada* (MOURA, 2018). O último vídeo encontrado foi publicado em junho de 2020, pelo canal Tempero Drag, que fez uma série¹⁰ de doze vídeos sobre mulheres autoras, líderes, musicistas, abolicionistas, e Maria Lacerda de Moura foi uma das escolhidas. O objetivo desse vídeo¹¹ é apresentar uma brasileira antifascista, tendo em vista os momentos políticos vividos e as discussões levantadas

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=pom4W-FW4jo>

⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=316sKuB0dCw>

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=9hwm2RrLONs>

⁷ <https://www.youtu.be/L1zs96dyWn8>

⁸ Imagem da carta reproduzida no vídeo

<https://www.flickr.com/photos/arquivonacionalbrasil/25570505237/in/dateposted/>

⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=8NjQozdjOHs>

¹⁰ Denominada “Mulheres F_D4”

¹¹ https://www.youtube.com/watch?v=B_L8XpZRLkA

sobre o fascismo em 2020. Publicado em junho de 2020, esse material aborda sua trajetória de vida, suas publicações, sua participação no movimento feminista, porém o foco é expor sua abordagem anarquista e antifascista. Todos os vídeos foram localizados na plataforma de vídeos Youtube.

Encontrou-se um canal¹², na plataforma de vídeos Youtube e nas redes sociais Facebook e Instagram, uma página chamada "Coletivo de Mulheres Maria Lacerda". Segundo sua descrição, fundado em 2015, tem como objetivo a defesa dos direitos das mulheres em lutas por avanços relacionadas aos direitos, sendo aberto para a participação da população de Mogi Guaçu (SP) e Mogi Mirim (SP). O Coletivo não é acadêmico, mas prático, e também não tem ligação com qualquer partido político. Tem realizado diversas atividades voltadas às mulheres de diversas idades. Muitas, em parcerias com instituições públicas, como escolas, buscando descentralizar as discussões para atingir as periferias das cidades. O canal do YouTube, recentemente criado, em junho de 2020, conta com três vídeos, um dos quais é sobre Maria Lacerda de Moura. Esse vídeo¹³, intitulado "Quem foi Maria Lacerda de Moura?", tem aproximadamente uma hora e vinte minutos de duração e apresenta uma conversa de Samantha Lodi com a pesquisadora Tatiana Ranzani Maurano.

Encontrou-se, também, blogs e sites de notícias que veicularam matérias e textos sobre Maria Lacerda de Moura. Apresentando a linha do tempo do feminismo no Brasil de 1827 a 2019¹⁴, Maria Lacerda de Moura é citada no ano de 1918, relacionada à publicação do livro *Em torno da Educação* (1918). Também é citado seu apoio ao processo educacional na libertação feminina e à instrução como meio indispensável para a transformação da vida das mulheres. A revista mensal Cult, veiculada pelo site UOL, é voltada às áreas de arte, cultura, filosofia, literatura e ciências humanas. Ela apresenta dois artigos sobre Maria Lacerda de Moura. O primeiro, datado de 16 de maio de 2017, apresenta, na seção Feminismo, artigo intitulado "Quem foi Maria Lacerda de Moura, pioneira anarcofeminista¹⁵" e expõe as críticas que a autora fez aos movimentos dos quais participou. Em 8 de outubro de 2018, a revista Cult também publicou um artigo intitulado "Da prática política ao cotidiano", que comenta sobre o livro recém-publicado, *A mulher é uma degenerada*. O site "Pensamento Social Brasileiro e ADM¹⁶",

¹² https://www.youtube.com/channel/UC7Np_aFzV5MKCSbirFM-ohw/about

¹³ <https://www.youtube.com/watch?v=ZAsUrn5Djqw&t=325s>

¹⁴ <https://capricho.abril.com.br/comportamento/a-linha-do-tempo-do-feminismo-no-brasil-de-1827-a-2019/>

¹⁵ <https://revistacult.uol.com.br/home/maria-lacerda-de-moura-feminista-e-anarquista-critica-dos-movimentos-em-que-militou/>

¹⁶ <https://admbrasileira.wordpress.com/category/mulheres-intelectuais-militantes/maria-lacerda-de-moura/>

na seção "Mulheres intelectuais militantes", apresenta dois artigos publicados em junho de 2016. O primeiro deles, intitulado "Descobrimos Maria Lacerda", apresenta brevemente a vida, a trajetória e os dois primeiros livros publicados pela autora. O segundo comenta sobre sua luta pelas mulheres e sua emancipação. Também apresenta o vídeo, que já foi citado anteriormente, da música gravada em sua homenagem pela banda "Os Replicantes". O blog "Mulheres Incríveis" apresenta Maria Lacerda de Moura como uma mulher notável. Esse material¹⁷ foi publicado em 2012 e apresenta quem foi a autora. Tem como foco sua participação na fundação da Liga pela Emancipação Feminina e sua defesa da educação e instrução da mulher. Já o site "anarquista.net" apresenta sua trajetória de vida focado em sua participação no movimento anarquista. O artigo¹⁸, também publicado em 2012, contextualiza os movimentos que aconteceram na época em que Maria Lacerda viveu em Guararema e a repressão política durante o governo Vargas. Também apresenta algumas de suas obras, como *Em torno da Educação* (1918), *Renovação* (1919), *A fraternidade na escola* (1922), *A mulher hodierna e o seu papel na sociedade* (1923), *A mulher é uma degenerada?* (1924), *Lições da Pedagogia* (1925), *Religião do amor e da beleza* (1926), *De Amundsen a Del Prete* (1928), *Civilização, tronco de escravos* (1931), *Amai-vos e não vos multipliqueis* (1932), *Serviço militar obrigatório para a mulher? Recuso-me...* (1933), *Han Ryner e o amor no plural* (1933), *Clero e Fascismo, horda de embrutecedores* (1933), *Fascismo – filho dileto da Igreja e do Capital* (1933), *Português para os cursos comerciais* (1940), *O Silêncio* (1944). Maria Lacerda de Moura também é citada em um site espanhol chamado *node50*, que diz ser um provedor de serviços de internet sem fins lucrativos, focado em movimentos sociais. Nesse site, está publicado um texto em espanhol de Maria Lacerda de Moura intitulado "Feminismo? Caridade?"¹⁹, escrito para a revista *Utopia*. Para finalizar, o site "Que república é essa?", um projeto da equipe de pesquisa do Arquivo Nacional que pretende oferecer fontes confiáveis de fatos da História do Brasil, apresenta um artigo sobre "Uma feminista anarquista"²⁰ que, como o título sugere, apresenta sua participação na fundação da Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher e na Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, bem como seu envolvimento com ideologias de esquerda, em especial, com o anarquismo.

Conforme se pode observar, o interesse pela pesquisa da vida e obra de Maria Lacerda de Moura demonstra estar crescente, tanto em trabalhos científicos quanto em produções de

¹⁷ http://mulheres-incriveis.blogspot.com/2012/03/maria-lacerda-de-moura_15.html

¹⁸ <https://www.anarquista.net/maria-lacerda-de-moura/>

¹⁹ <https://www.nodo50.org/insurgentes/textos/mulher/10feminismocaridade.htm>

²⁰ <http://querepublicaessa.an.gov.br/temas/66-filme/145-uma-feminista-anarquista.html>

vídeos e em sites. A partir de 2016, nota-se que as publicações de vídeos e artigos "informais" ressaltam a importância da participação de Maria Lacerda de Moura nos movimentos feministas e anarquistas. Em sua maioria, citam sua trajetória como educadora, mas o maior enfoque é a sua importante contribuição com esses movimentos.

A organização da dissertação

A dissertação foi dividida em três capítulos. O capítulo I, intitulado “Figuras da autora: Maria Lacerda e suas *Lições de Pedagogia*”, inicia com uma parte dedicada à figura da autora. Em seguida, apresenta as *Lições* e sua autora, tendo em vista a capa do manual, seus aspectos e a circulação dos escritos de Maria Lacerda de Moura demonstrada nas cartas apresentadas nas páginas anteriores ao primeiro capítulo das *Lições* (MOURA, 1925). Esse material, além de estar repleto de elogios a respeito de suas produções anteriores à publicação do manual, também apresenta indícios de que sua circulação não se restringiu apenas a âmbito nacional.

O capítulo II versa sobre o conteúdo e a materialidade. Ao finalizar a análise do manual, percebeu-se que era possível organizá-la em três temáticas. A primeira delas apresenta a composição, o objetivo da autora e sua visão sobre a Pedagogia. Além disso, aborda a organização e materialidade do livro, baseando-se também em Roger Chartier. Já se assinalou que, durante meados da década de 1920, a Escola Normal passava por mudanças e adequações e que o manual foi escrito durante esse período. O uso de alguns autores e argumentos utilizados por Maria Lacerda de Moura evidencia a influência do movimento da Escola Nova nas *Lições*, conforme se pode observar no segundo tópico do segundo capítulo. Por fim, aborda-se a respeito da importância da educação física e do crescimento físico para a aprendizagem dos educandos. Salienta-se que essas três temáticas são abordadas durante todo o conteúdo do livro e buscou-se apresentá-las dialogando entre si.

Finalmente, o capítulo III da dissertação pretendeu apresentar o solo percorrido por Maria Lacerda de Moura, apresentando sua vida desde o seu nascimento até a publicação do livro *Lições de Pedagogia* (MOURA, 1925), fonte e objeto da presente pesquisa. Expõe sua trajetória como educadora na cidade de Barbacena, Minas Gerais, permitindo reconhecer que sua atuação reverberou em sua escrita.

CAPÍTULO I –

Figuras da autora: Maria Lacerda e suas Lições de Pedagogia (1925)

N’*A ordem dos livros*, Chartier (1998) sublinha modos de ler dos quais os tempos contemporâneos são herdeiros. Segundo o historiador, o fim da Idade Média e o século XVIII foram períodos de importantes mudanças nas relações com os textos em suas formas manuscritas e impressas.

É, de fato, nesses séculos decisivos, nos quais o livro copiado à mão é progressivamente substituído por aquele composto com caracteres móveis e impressos, que se fortificam gestos e pensamentos que são, ainda, os nossos. (CHARTIER, 1998, p.7)

No conjunto dessas transformações, figura o autor como elemento de autoridade. Com seu nome impresso nas capas dos livros, muitas vezes antes dos títulos, sua presença é tão comum a nós, nos dias atuais, que pode criar a ilusão de ser natural. A esse respeito, explica Silva (2018, p.253): “O significado de autoria, característico da modernidade (FOUCAULT, 1992; BARTHES, 1988; CHARTIER, 1988) apareceu em dicionários da língua francesa, já em finais do século XVII, confirmando as articulações entre uma pessoa e suas publicações impressas”.

Na famosa palestra proferida em 1969 no Collège de France, Michel Foucault procurou justamente responder à pergunta: O que é um autor? A partir dela, ele instaurou a autoria textual, pois alguns textos, ainda hoje, prescindem da figura do autor, como é o caso das listas telefônicas e dos contratos. Mas uma boa parte dos textos que conhecemos está intimamente vinculada ao nome de quem o escreveu. N’*A ordem dos livros*, Chartier (1998) dialoga com essas referências explicando a “figura do autor” como uma função do discurso. E acrescenta a essas reflexões o fato de que a autoria se dá de várias formas, inclusive através da materialidade do texto. Isso se dá, por exemplo, quando vários textos de um mesmo autor são reunidos num mesmo volume, conferindo assim identidade material a uma composição intelectual.

Note-se que Maria Lacerda de Moura contou com títulos editados no início do século XX, que foram recentemente reeditados num esforço comemorativo. Em 2015, a editora Terra Livre republicou o livro *Renovação, 1919*, editado originalmente pela editora TYP. Athene, em Belo Horizonte, em 1919. Em 2018, a Tenda de Livros publicou uma edição comentada de *A mulher é uma degenerada*, utilizando a 3ª edição, editada originalmente pela editora Civilização Brasileira, no Rio de Janeiro, em 1932. A editora Entremares também publicou os livros *Fascismo: filho dileto da igreja e do capital* (2018), originalmente publicado em 1935, pelo

Editorial Paulista, em São Paulo; e *Civilização, tronco de escravos* (2020), originalmente publicado em 1931, pela Civilização Brasileira Editora, em São Paulo. Essas reedições evidenciaram tempos e espaços nos quais Moura foi reconhecida como autora a ser lida e celebrada.

Os manuais pedagógicos, categoria de livros na qual as *Lições de Pedagogia* (MOURA, 1925) aqui estudada está incluída, quase sempre se utilizaram desse recurso ao longo de sua história (SILVA, 2019; SILVA, 2018), expondo nas suas capas os nomes de quem os escreveu, geralmente, com informações biográficas deles. Entre os mais de cinquenta manuais pedagógicos publicados, entre 1870 e 1970, no Brasil, apenas um não revelou o nome de seu autor, somente o seu pseudônimo. Isso aconteceu com as *Lições de Pedagogia colecionadas por um “amigo da instrução”*, publicadas no Rio de Janeiro, pela Livraria Francisco Alves, em 1907, quando os livros das Escolas Normais ainda eram pouco publicados (SILVA, 2018). Pelo que foi possível depreender, o “amigo da instrução” abriu mão de sua autoria, sem revelar seu nome na capa do livro, porque incorporou certa “modéstia” - característica dos professores como categoria profissional, examinada em trabalhos relativos às imagens do magistério (VICENTINI, 2002).

Assinadas por Maria Lacerda de Moura, as *Lições de Pedagogia* (MOURA, 1925) foram um caso diferente. A figura da autora não parece ter sido destacada para evocar a “modéstia” da docência. Reconhecendo a importância da *função autor* (CHARTIER, 1998) como “princípio fundamental de determinação dos textos” (CHARTIER, 1998, p.7), este primeiro capítulo da dissertação examina o manual, atentando especificamente para a construção da imagem de sua autora. Como adverte Chartier (1998, p.35):

É certo que não se trata de restaurar a figura romântica, magnífica e solitária do autor soberano, cuja intenção (primeira e última) encerra a significação da obra, e cuja biografia dirige a escrita em uma transparente imediatez.

A análise feita aqui da trajetória de Maria Lacerda de Moura evita essa “perspectiva romântica, magnífica e solitária” da autora. Não se pode perder de vista que, embora destacadas nos textos, as intenções dela não foram necessária e completamente impostas, seja para quem publicou seu livro, seja para quem o leu. Ao escrever as *Lições de Pedagogia* Moura (1925), teve de seguir os programas da Escola Normal da época e não se esquivou de determinações de natureza editorial. Tampouco garantiu que, nas aulas de pedagogia ou didática, seu texto tenha sido lido na íntegra ou compreendido como ela queria.

De todo modo, as *Lições de Pedagogia* (MOURA, 1925) destacaram-se, no conjunto dos manuais pedagógicos, por terem sido escritas por uma mulher. Os títulos anteriores, dos quais se tem conhecimento, foram todos escritos por homens, inclusive em outros países, como Portugal (SILVA, 2018), tal como já foi afirmado nesta dissertação. O pioneirismo marcou a trajetória de Moura em outras tantas iniciativas em sua vida. Por isso, a exemplo de Vidal e Vicentini (2019) em coletânea reunindo biografias de educadoras paulistas, reconhece-se Maria Lacerda de Moura como uma “mulher inovadora no ensino”. As próximas páginas dedicam-se a reconstituir sua vida e trabalho.

1. Apresentando as Lições e sua autora: da capa às cartas

Talvez valha a pena repetir que as *Lições de Pedagogia* foram escritas por Maria Lacerda de Moura, publicadas em São Paulo em 1925, pela editora TYP. Paulista. O exemplar²¹ utilizado nesse trabalho é o volume I. A capa desse material apresenta um pequeno trecho em espanhol, escrito por Rodo em seu livro *Ariel*²², um romance publicado em 1900, que diz:

La obra mejor es la que se realista sin las impacencias del exito inmediato; y el más glorioso esfuerzo es el que pone la esperanza más allá del horizonte visible; y la abnegación. mas pura es la que se niega en lo presente, no ya la compensación del lauro y honor ruidoso, sino aun la volupiosidad moral que se solasa en la contemplación de la obra consumada y el término seguro.²³

O autor do livro citado por Moura (1925) é o uruguaio José Enrique Rodó (1871-1917), um dos grandes nomes do pensamento político latino-americano do início do século XX.

Este escritor preocupou-se em pensar a realidade da América Latina, em um momento em que sua identidade parecia ameaçada, quer pelo entusiasmo excessivo que muitos intelectuais e políticos latino-americanos demonstravam pelos Estados Unidos, quer pela política imperialista norte-americana, iniciada nessa mesma época, pondo em perigo a independência e soberania de determinadas repúblicas hispano-americanas. Rodó influenciou profundamente a intelectualidade hispano-americana. Foi um

²¹ A cópia do manual foi cedida pela Profa. Dr^a. Denise Cristina Ferreira, Campina Grande - PB.

²² A obra *Ariel* foi responsável para que este autor alcançasse sua expressão mais original no ensaísmo. Publicado pela primeira vez em 1900, o livro tornou-se um clássico do pensamento latino-americano, principalmente ao trazer reflexões sobre as possibilidades e diferentes perspectivas do pensamento dessa sociedade e sua diferenciação com relação à sociedade americana, no que diz respeito às contribuições europeias. Tais contribuições estão presentes em amplos setores da América Latina, estando ligadas às transformações sociais, econômicas, políticas e culturais. (SALTURI, 2010, p.118)

²³ O melhor trabalho é aquele que é realista sem a impaciência do sucesso imediato; e o esforço mais glorioso é aquele que coloca a esperança além do horizonte visível; e a abnegação. O mais puro é o que é negado no presente, não apenas a compensação do louro e da honra barulhenta, mas também a voluptuosidade moral que é atormentada na contemplação do trabalho consumado e do termo seguro. Tradução livre.

escritor notório, ainda em vida, e seu nome atravessou fronteiras tornando-o conhecido em todo o continente. Também participou ativamente da vida política de seu país. Mas, escreveu seus discursos em nome da América, não se restringindo apenas aos problemas de sua própria nação. A forma que usou para se expressar abrangendo o continente americano e excluindo os Estados Unidos, guardou íntima relação com o contexto político, social e econômico em rápida transformação da virada do século. (GOUVEIA, 2013, p. 1)

Na Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes²⁴, esse livro é conhecido por simbolizar a afirmação do ideal cultural latino-americano, tendo em vista a personalidade e os objetivos de Rodo. A capa do manual pode-se observar a seguir:

Figura 1 - Foto da capa do livro *Lições de Pedagogia*

FONTE: MOURA, 1925

Como já foi dito, o manual de Moura (1925) consta em poucos acervos, entre os quais, foi possível identificar, durante a realização da pesquisa, o Arquivo Edgard Leuenroth²⁵ – Centro de Pesquisa e Documentação Social (AEL), pertencente à UNICAMP, o qual incorpora ao seu acervo documentos provenientes de pessoas, famílias e instituições que acumularam, durante sua trajetória, registros representativos da história social, política e cultural do Brasil, América Latina, Ásia e África.

²⁴ Consiste em um fundo bibliográfico digital formado por textos íntegros de obras de autores clássicos espanhóis e ibero-americanos

²⁵ Edgard Leuenroth era militante sindical e anarquista. O AEL chega a meados da década de 2010 com o maior acervo em História Social do país, com mais de 120 conjuntos documentais, aproximadamente 2.900 metros lineares de documentação, 13 mil títulos de periódicos, 25 mil livros, 12 mil rolos de microfilmes, 60 mil fotografias, entre outros suportes.

Conforme se assinalou anteriormente, no volume das *Lições*, que se tem em mãos, faltam algumas páginas que antecedem o conteúdo do livro, dentre elas, nota-se a ausência do prefácio. E esse é um tipo de texto com indícios valiosos acerca de como os produtores do manual tentaram ordenar suas leituras. Ele costuma responder para o leitor perguntas como: O que encontrar no manual? Por que ele é útil? Como ele pode colaborar com a formação dos professores? Como ele ensina a ensinar? O prefácio, apresentação ou introdução, seriam, nesse sentido, uma espécie de *protocolo de leitura* (CHARTIER, 1990), cuja intenção é dirigir a compreensão do texto. As *Lições* de Maria Lacerda de Moura trouxeram, em si mesmas, mais indícios de sua circulação. Nelas, foram encontradas trinta e duas páginas anteriores ao primeiro capítulo, nas quais se encontram trechos de cartas de autores com o intuito de elogiar a trajetória e obra de Maria Lacerda de Moura - suas publicações, suas ideias, seu entusiasmo e preocupação com as questões sociais. Reúnem, portanto, trechos de comentários de autores sobre a vida e a obra de Moura. A tabela a seguir apresenta e sistematiza as cartas, quem as assina, onde e quando.

Cartas à Maria Lacerda de Moura			
Quem assinou?	Quando?	Onde?	Local de publicação
Prof. Sa' Viana	5/9/1919	Rio de Janeiro	
José Oiticica	09/09/1918		Correio da Manhã
Candido Figueiredo	24/1920	Lisboa	
Carlos Malheiro Dias	13/12/1919		Revista da Semana

	20/1/1920		Estado de S. Paulo
Luis Guimarães Filho	30/12/1919	Rio de Janeiro	
Angelo Guido			
Jose Injenheiros	30/12/1922	Buenos Aires	
Carlos Susseking de Mendonça	2/1924	Rio de Janeiro	Mensário Bibliográfico
	11/1924	São Paulo	O pensamento
	11/1924	Pelotas	O Templário
		São Paulo	Romance-Jornal
	10/1924	São Paulo	Le Messenger de São Paulo (Carta em francês)
	10/1924	Rio de Janeiro	Careta
	1924	Bello Horizonte	Minas Gerais

Dr. Basilio de Magalhães	12/1924	Rio de Janeiro	Diário Oficial
	10/1924	São Paulo	Folha da Noite
	09/1924	São Paulo	Jornal Fanfulla (em italiano)
J. Carlos Boscolo	11/1924	São Paulo	O Internacional
Francisco Pati	1924	Santos	A tribuna
	11/1924	Rio de Janeiro	Teatro e Esporte
J. Eutropio	10/1924	Juiz de Fora, Minas	Jornal do Comércio
	09/1924	São Paulo	A Gazeta
	10/1924	São Paulo	A Capital
Augusto Lopes	10/1924		Comércio de Santos
	29/10/1924	La Plata	

	13/11/1924	Buenos Aires	La Vanguardia
Luis Carlos	12/1924	Rio de Janeiro	
Mario Pinto Serva	20/12/1924	São Paulo	
Raul Polillo	11/1924	São Paulo	
Olga Acevedo	01/1925	Chile	

Conforme já citado anteriormente, essas cartas foram escritas por pessoas que tiveram acesso às produções de Moura e que acompanhavam sua trajetória. Muitas delas se referiam às suas obras publicadas, como os livros *Renovação, 1919* (1919) e *A mulher é uma degenerada* (1924). As cartas foram redigidas, enviadas ou publicadas entre os anos de 1918 e 1925, por pessoas, educadores e também pela imprensa através de jornais. De modo geral, essas cartas ressaltavam a intelectualidade da escrita e convicções da autora; elogiavam a sua preocupação com as mulheres e seu engajamento com os ideais do feminismo, bem como a sua preocupação como educadora. Salientavam também que ela escrevia conforme suas crenças e modo de viver. Ainda ressaltavam que Maria Lacerda de Moura não vivia de ilusões, admiravam sua consciência de que seus escritos não eram para a época e de que era cedo para suas reivindicações.

Esse material dá indícios da circulação das *Lições de Pedagogia* (MOURA, 1925), que não se restringiam ao território brasileiro, abrangendo também outros países, como Portugal e Argentina. São espaços e pessoas ligadas ao movimento anarcofeminista. Os comentários elogiosos, muitas vezes atentos à autora, legitimavam sua trajetória e, ao mesmo tempo, seu manual. Foi assim que eles participaram da construção da função autor, no caso específico das *Lições*. Infelizmente, não se teve acesso a todos os comentários, pois, além do prefácio, o

exemplar utilizado não traz as sete primeiras páginas, as quais, acredita-se, continham mais cartas e publicações sobre a trajetória da autora, pois, no início da oitava página, encontra-se a finalização de um texto escrito pelo professor Sá Vianna. De todo modo, foi possível ler boa parte dos comentários escritos desde a publicação de seu primeiro livro denominado *Em torno da Educação*, em 1918, até a data de publicação das *Lições*, em 1925. Nem sempre constavam informações completas do local onde esses comentários foram editados. Por vezes, o nome do periódico era indicado sem menção à cidade de publicação. Não raro, apenas a data e o autor foram destacados. Mas todos os textos deixaram uma marca comum por estabelecerem uma espécie de diálogo com Maria Lacerda de Moura. Eles se dirigiam a ela, revelavam sua proximidade com os signatários dos textos, todos admiradores de sua trajetória como feminista, intelectual e escritora.

Mais do que resenhas, esses comentários puderam ser comparados a espécies de cartas à autora, marcando a importância de suas publicações, de suas ideias, de seu entusiasmo e de sua preocupação com as questões sociais. Foi nessa perspectiva, por exemplo, que Cândido de Figueiredo, em texto assinado em Lisboa no ano de 1920 e transcrito à página VIII das *Lições de pedagogia* (1925), agradeceu “rendidamente a gentileza e a honra” com que Maria Lacerda de Moura lhe submeteu ao oferecer-lhe o livro *Renovação*, publicado por ela em 1919. Figueiredo ainda assinou sua resenha como sendo um “servo grato e admirador” da autora. *A mulher é uma degenerada* (1924) foi outro livro de Moura comentado após ter sido oferecido. O trecho de agradecimento foi apresentado na página XVI das *Lições* (MOURA, 1925) e, originalmente, foi publicado no periódico *Minas Gerais*, de Belo Horizonte, em edição de 1924. Não se sabe quem escreveu as impressões da leitura, tomada como “original e atraente”. O desconhecido signatário não poupou elogios à figura de Moura, ao seu “relevo intelectual”, “a quem agradecemos o exemplar que, com cativante dedicatória, teve a gentileza de nos oferecer”.

As correspondências foram escritas em diversos lugares, entre os quais, estão cidades de diferentes regiões brasileiras: Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Belo Horizonte, Juiz de Fora e Pelotas; e de outros países da América do Sul, como a Argentina e o Chile. Destaque-se também carta vinda de Lisboa, além de outra escrita em francês. Em seu conjunto, a reunião dessas correspondências no manual sugeriu uma circulação de Moura para além dos espaços nacionais, documentando uma espécie de globalização de sua vida e obra. As cartas testemunharam, assim, uma intensa comunicação da autora num espaço com o qual ela evidenciou uma notável aproximação geográfica e política. Muitas das resenhas, como foi

possível notar ao ler, foram feitas porque os livros de Moura eram doados a outros intelectuais, numa rede de trocas.

Na lista dos signatários das correspondências, chamou a atenção a variedade de trajetórias e espaços de formação e atuação. Apenas para se ter uma ideia, destaca-se aqui os nomes de: José Rodrigues Leite e Oiticica, nasceu em Oliveira, Minas Gerais, no ano de 1882. Filólogo e professor, ele foi destacado militante anarquista nas primeiras décadas desse século²⁶. Cândido de Figueiredo, que assinou o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, originalmente publicado em 1899 e, depois, alvo de múltiplas reedições até a 25ª, em 1996. Ele também publicou inúmeros estudos de linguística, foi lexicólogo, jornalista, poeta e tradutor²⁷. Carlos Malheiro Dias, português, frequentou o curso de Direito na Universidade de Coimbra. Em Lisboa, terminou o curso superior de Letras. A sua carreira administrativa passou pela chefia do gabinete do ministro das Obras Públicas e, no Brasil, colaborou com periódicos e assinou vários textos literários (CHORÃO, 1992)²⁸. Luís Guimarães Filho, diplomata, poeta, cronista, nasceu no Rio de Janeiro em 1878 e faleceu em 1940. Foi poeta lírico e também diplomata e ministro do Brasil em Lisboa²⁹. Angelo Guido Gnocchi iniciou seus estudos no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo e, em 1912, decorou o Salão Nobre do Instituto Histórico e Geográfico, em Salvador³⁰. O pensador argentino José Ingenieros (1877-1925) foi médico, filósofo da ciência, criminologista e cientista social, tendo vivido o entusiasmo progressista da virada do século XIX ao XX.³¹ Carlos Sussekind de Mendonça foi um ensaísta, jornalista e criminologista carioca (1899-1968), participou ativamente da vida política, literária e cultural do Brasil, através de uma contribuição regular e sistemática de artigos publicados nos jornais e de livros que escreveu³².

No conjunto dos exemplos, acima mencionados, não constou o nome de uma mulher. Isso corrobora o pioneirismo de Maria Lacerda de Moura no tocante à luta pela valorização da mulher e de sua atuação para além do ambiente doméstico, o que era mais comum à época. Uma das poucas signatárias de correspondências foi Olga Acevedo³³. Nascida em Santiago do

²⁶ Fonte: Grande Enciclopédia Delta-Larousse (https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/jose_oiticica) Acesso em: 8 de julho de 2020.

²⁷ Fonte: Dicionário cronológico de autores portugueses. Volume 2. Lisboa 1990 - <https://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=3307> Acesso em: 8 de julho de 2020.

²⁸ Chorão, J. Bigotte (1992). Carlos Malheiro Dias na ficção e na história. Lisboa: ICALP. <http://dp.uc.pt/conteudos/corpus-de-ficcionistas-a-a-z/item/31-dias-malheiro>. Acesso em: 8 de julho de 2020

²⁹ Fonte: <http://www.academia.org.br/academicos/luis-guimaraes-filho/biografia>. Acesso em: 8 de julho de 2020

³⁰ Fonte: <https://www.saladearte.com.br/angelo-guido> Acesso em: 8 de julho de 2020.

³¹ Fonte: <https://ensaiosnotas.com/2019/08/04/jose-ingenieros-mediocracia/> Acesso em: 8 de julho de 2020.

³² Fonte: <http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Diss325.pdf> Acesso em: 8 de julho de 2020.

³³ Fonte: <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-334082.html> Acesso em: 8 de julho de 2020

Chile no final do século XIX, teve uma vida política e literária ativa. Durante a década de 1940, ela se envolveu, de maneira comprometida, na Aliança de Intelectuais do Chile, cuja constituição foi realizada em 7 de novembro de 1937, com a primeira intenção de apoiar a causa da Espanha republicana e formar uma ampla frente de artistas e intelectuais. Mais uma vez, convém lembrar a riqueza da metáfora da viagem, porque ela não comporta apenas um deslocamento geográfico. No caso, trata-se de considerar também o trânsito de Moura por outros campos, além do educacional. Foi na circulação por esses espaços que a autora e suas *Lições* (MOURA, 1925), seu pioneirismo e inovação se constituíram.

Nas narrativas das cartas, foi sobretudo a trajetória de Maria Lacerda de Moura que teve visibilidade, funcionando como um mecanismo de reconhecimento do manual e do seu conteúdo. Em outras palavras, os comentários sublinharam a *função autor* (CHARTIER, 1998). Eles evidenciaram que as *Lições* incorporaram iniciativas que não se limitaram à sua escrita, ou seja, integraram um processo, cuja compreensão pode ser beneficiada pela “sociologia dos textos” de McKenzie (2018). Trata-se de considerar que os textos, incluindo-se aqui o manual de Moura, são produzidos, transmitidos e consumidos em meio a motivos e interações humanas. Essa perspectiva de análise “nos alerta para os papéis das instituições, e de suas complexas estruturas, na construção das formas do discurso social, passado e presente” (McKENZIE, 2018, p.28). As *Lições de Pedagogia* (MOURA, 1925) contaram com uma rede de intermediários que, em correspondências, colaboraram para enaltecer a figura da autora do manual. Essa rede ganhou materialidade no livro quando da transcrição de cartas endereçadas à Moura em momentos anteriores. A transcrição dessas serviu para afirmar aos leitores que a leitura do manual valia a pena.

Cartas são documentos que, há algum tempo, chamam a atenção de historiadores. Elas já foram mobilizadas em outros famosos estudos sobre a história do livro, como os realizados por Robert Darnton (1992), ao atentar para registros de leitura da França do século XVIII. O autor examinou uma série de cartas de Jean Ranson, um francês da classe média provinciana, ávido leitor das obras de Jean-Jacques Rousseau. Ele escreveu uma série de cartas para o filósofo, entre 1774 e 1785, registrando como incorporou as ideias rousseauianas em sua vida cotidiana. Darnton (1992) classificou cartas, como essas, como “correspondência de admiradores da história da literatura”, e os escritos de Ranson foram um exemplo de uma prática comum entre os franceses à época.

Outras modalidades de correspondência podem ser identificadas. No campo educacional, os trabalhos de Edgar Coelho (2005) e Orlando Almeida Filho (2008) tomaram cartas de e para educadores como fontes. A primeira tese (COELHO, 2005) analisa as *Cartas*

de Paulo Freire, entendidas como lugar de expressão e diálogo para divulgar suas propostas pedagógicas e sociais. A outra tese mencionada, por sua vez, versou sobre o projeto editorial das coleções de Theobaldo Miranda Santos, publicadas para cursos de formação de professores pela Companhia Editora Nacional entre 1945 e 1971. No conjunto de suas investigações, Almeida Filho (2008) localizou cartas de leitores, sobretudo normalistas e professoras primárias, dirigindo-se a Theobaldo Miranda Santos para elogiar seus escritos e sua trajetória na educação. Na presente dissertação, as correspondências também figuram como fontes valiosas. Encontradas, como já dito, nas próprias *Lições de Pedagogia* (Moura, 1925), elas permitem apreender como o livro, aqui investigado, foi colocado como objeto de leitura.

Conforme já citado anteriormente, as 31 cartas, às quais se teve acesso durante a pesquisa, foram escritas por pessoas que acompanhavam as produções e a trajetória de Maria Lacerda de Moura. Muitas delas se referiam a títulos por ela publicados, como foi o caso de *Renovação, 1919* (1919), *A mulher é uma degenerada* (1924) e *A mulher e a maçonaria* (1922).

Nos escritos de Ferreira (2012), encontra-se análises curtas de algumas obras de Maria Lacerda de Moura. Dentre elas, os livros citados pelas cartas: *Renovação, 1919* (1919) e *A mulher é uma degenerada* (1924). O livro *Renovação, 1919* (1919) foi o segundo livro publicado por Maria Lacerda de Moura. Esse material apresenta críticas em relação aos problemas sociais, mas principalmente à condição feminina, e trata da necessidade do despertar da mulher de sua condição de oprimida pela sociedade, por meio de uma educação racional. Apresenta também críticas ao que se denominava “ícones da modernidade”, que reforçavam valores sociais estabelecidos. “O despertar feminino, segundo a autora, é da sua condição letárgica sob os ditames do patriarcado e da religiosidade no período.” (FERREIRA, 2012, p. 70). A educação também aparece nessa discussão como um dos elementos fundamentais para a emancipação feminina.

Cinco anos depois, em 1924, quando publicou *A mulher é uma degenerada*, Maria Lacerda de Moura apresenta ideias semelhantes ao livro *Renovação, 1919* (1919). Seu título é uma refutação ao médico Miguel Bombarda, que aborda a mulher sob uma visão de inferioridade. Maria Lacerda recusava qualquer conhecimento utilizado por intelectuais que inferiorizavam a mulher sob a visão biológica e econômica. “Sua proposta é despertar, não somente a mulher, mas também a sociedade e os próprios intelectuais por projetarem preconceitos sociais.” (FERREIRA, 2012, p. 72). Seus escritos apresentam o homem e a mulher como complementares e não como oposição. Ainda no livro *A mulher é uma degenerada*

(1924), Maria Lacerda de Moura afirma que a visão preconceituosa da sociedade precisava ser modificada, e a educação feminina era fundamental diante desse contexto político-social.

O livro *A mulher e a maçonaria*, conforme é apresentado na capa do original que se teve acesso, é fruto de uma conferência realizada em “sessão magna branca da Aug. E Resp. Loj. Fr. 14 Juliet”, publicado em 1922, pela editora Typ. Do Globo, em São Paulo. Em seus escritos, Maria Lacerda de Moura busca pelo verdadeiro significado da maçonaria. Numa abordagem histórica, a autora tenta fazer o resgate da maçonaria e o papel que ela tinha no meio religioso. O livro também destaca que a mulher é afastada da maçonaria e o quanto a sua presença dentro dela poderia significar para a emancipação feminina.

Se a Maçonaria é a personificação da humanidade caminhando para luz, como reza o vosso ritual, se o seu fim é a felicidade coletiva e o seu meio a fraternidade universal, se ela reúne em um templo comum todas as opiniões filosóficas políticas e sociais que, tendo a razão por guia justiça por ideal, querem pôr em prática os três termos de nossa sublime divisa: liberdade, igualdade, fraternidade. (MOURA, 1922, p. 34)

E ressalta o quanto a participação da mulher poderia contribuir para o alcance desse ideal. Percebe-se, portanto, que a preocupação de Maria Lacerda de Moura com a emancipação feminina é um ponto em comum nos três livros que são retratados nas cartas que antecedem as *Lições de Pedagogia*.

Ao elogiar o livro *Renovação, 1919* (1919) um ano após sua publicação, em texto transcrito à página VIII das *Lições de Pedagogia* (MOURA, 1925), Cândido Figueiredo reconheceu as qualidades morais da autora. Foi nesse sentido que ele afirmou a autoridade dela como autora. Para ele, “o que ninguém poderá contestar é a nobreza e a generosidade dos intuitos da escritora”. Também dialogando com Moura acerca do mesmo livro, Luis Guimarães Filho escreveu: “No meio da nossa literatura, em geral incolor e insípida, o seu livro *Renovação* é um raio de sol consolador”. Esse trecho foi transcrito à página IX do manual aqui estudado. À página VIII, o texto transcrito de José Oiticica referiu-se a esse mesmo título como “um primeiro arranjo feminino para o Grande Fim”. Seu comentário foi originalmente publicado no *Correio da Manhã*, de 9 de setembro de 1918 (a cidade de publicação da resenha não foi descrita no manual).

Objeto de mais elogios, *A mulher é uma degenerada* (1924) foi descrita no *O Pensamento*, periódico paulista, em novembro de 1924, em texto transcrito à página XIII das *Lições* (MOURA, 1925), como:

... um volume de 146 páginas bem impressas. A autora, que já se tornou conhecida e muito apreciada no mundo literário e científico, conforme se vê dos juízos de vários autores e jornalistas nas primeiras páginas de seu livro, revela-se mais uma vez, uma mulher superior a pugnar pelo direito de suas irmãs na humanidade.

O estilo de escrita também foi louvado no comentário: “Seus períodos são vigorosos, cheios de vida, de calor, de selva; não raras vezes há neles gemidos...”. *A mulher e a maçonaria* (1922) foi outro título resenhado, destacando-se perspectivas semelhantes relacionadas ao “estilo mais suave e [...] ritmo de todos os períodos, [...] outro aspecto da brilhante publicista”. O comentário foi assinado por Angelo Guido (sem local e data da publicação original indicados no manual) e transcrito à página IX das *Lições*.

Já se assinalou que as cartas foram redigidas, enviadas ou publicadas antes da edição das *Lições de Pedagogia*, entre os anos 1918 e 1925 por pessoas, educadores e também pela imprensa através de jornais. De modo geral, tal como se procurou evidenciar até aqui, esses comentários ressaltavam a intelectualidade da escrita e convicções da autora, elogiavam a sua preocupação com as mulheres e seu engajamento com os ideais do feminismo, bem como a sua preocupação como educadora. Um comentário exemplar foi o de Carlos de Mendonça (transcrito à página XII das *Lições* de 1925) quando da edição do *Mensário bibliográfico*, publicado no Rio de Janeiro, em fevereiro de 1921:

A Sr^a Maria Lacerda de Moura é um caso único no Brasil. No número ainda insignificante de nossas escritoras, ela cumpre, sozinha, a função de pensar. É o que a caracteriza, sobretudo. O seu estilo é de uma simplicidade impressionante, é a ideia, é a ousadia admirável dos seus princípios, a capacidade prodigiosa de tê-los e a coragem sem par de enunciá-los.

A respeito da sua trajetória como escritora, referem-se a ela como uma “pensadora vigorosa, que tem a coragem magnífica de expor, sem reboços, as próprias convicções”. Essas foram as palavras de Augusto Lopes, no *Comércio de Santos*, em outubro de 1924, em comentário transcrito à página XXIII das *Lições de Pedagogia* (MOURA, 1925). Os comentários transcritos encerraram-se com as palavras de Olga Acevedo, em carta assinada no Chile, em janeiro de 1925. Ela se dirigiu a Maria Lacerda de Moura afirmando que já havia ouvido falar dela e que tinha sua obra como “bela” e “potente”, “algo mais do que superior, é majestoso”. Encerrou seus escritos sublinhando não haver nenhum “gênio feminino” igual na América Latina.

Curiosamente, as cartas pouco detalharam o trabalho de Maria Lacerda de Moura como professora ou autora de outras produções pedagógicas. As menções mais específicas a esse respeito foram feitas no comentário de Carlos de Mendonça, acima referido, quando ele assinalou que ela “é uma educadora que educa realmente, uma rebelde que não se acovarda ante

as mais arraigadas convenções, uma mulher que realiza o seu sonho, qualquer que seja o sacrifício que lhe cobrem”, em trecho transcrito à página XII das *Lições de Pedagogia* (MOURA, 1925). De modo geral, os comentários deram mais visibilidade ao pioneirismo político da autora, notável em suas iniciativas feministas e na sua adesão ao anarquismo, aspectos que, inclusive, são mencionados em pesquisas atentas à trajetória de Maria Lacerda de Moura (FERREIRA, 2012).

Foi no conjunto desses comentários que se procurou entender, aqui, como a figura de Maria Lacerda, enquanto *autora* das *Lições de Pedagogia* (1925), foi elaborada e, como diria Chartier (1990), foi dada a ler. As cartas e resenhas deixaram entrever um círculo de admiradores do movimento feminista, ou seja, um espaço marcado por trocas, do qual a autora foi tomada como expoente. Sua trajetória, seus escritos, seu estilo, suas obras, enfim, deram sentido às suas *Lições*. Certamente, deram ao manual uma especificidade significativa no conjunto dos livros de didática e Pedagogia escritos para a Escola Normal à época, pois nenhum deles salientou, ou denunciou, a desigualdade social feminina com tanta ênfase. Essa foi, de fato, uma marca do manual pedagógico de Moura.

Por outro lado, o manual de Moura (1925) teve uma certa invisibilidade. Ao contrário de outros títulos, ele foi difícil de ser localizado e não consta em muitos acervos educacionais importantes. As correspondências que apresentaram as *Lições de Pedagogia* (MOURA, 1925) e as figuras de sua autora deram luz a facetas pouco veiculadas à época. A maior parte da produção didática do período naturalizou os vínculos entre mulher-mãe-professora. (ALMEIDA, 1995; TANURI, 2000). A reunião das cartas, aqui examinadas, permitiu ver outras propostas. Escritas por intelectuais e educadores de lugares tão diferentes, seus elos foram formados, sobretudo, a partir do movimento feminista, do qual Moura foi reconhecida como representante. Essas resenhas fizeram emergir a trajetória de uma autora que parecia esquecida no tempo e evidenciaram expectativas de inovação do ensino e das relações de gênero então arraigadas no campo educacional e na sociedade.

Capítulo II

Conteúdo e materialidade: o que as Lições ensinam

O presente capítulo apresenta a análise do manual pedagógico *Lições de Pedagogia*, escrito por Maria Lacerda de Moura, em meados dos anos 1920, e publicado em 1925 pela editora TYP. Paulista. O estudo desse material objetiva identificar o que Maria Lacerda de Moura elencou como essencial para o conhecimento das alunas da Escola Normal no que se refere à Pedagogia; identificar as instruções desse manual sobre as técnicas e o melhor meio, segundo a autora, de desenvolver intelectualmente os educandos para garantir a aprendizagem. É baseado no conceito de cultura escolar de Escolano (1999;2007), especificamente no âmbito da cultura pedagógica, a qual ressalta como os arquivos, documentações, livros escolares permitem conhecer o contexto histórico do material envolvido. Portanto, o estudo do conteúdo das *Lições* (MOURA, 1925) revelam vestígios que permitem a compreensão dos saberes que circulavam em meados de 1920, sendo possível compreender suas memórias e seus contextos, permitindo constituir essa dimensão da cultura escolar. A leitura desse material permitiu identificar e organizar a análise em três temas: As lições, sua organização e os aspectos materiais; A Escola Nova nas *Lições*; e A importância da Educação Física. Essa divisão foi realizada, pois são os assuntos mais tratados durante todo o manual escrito por Maria Lacerda de Moura. Para isso, fundamentou-se em Chartier (1990; 1991), no quesito de organização das *Lições* (MOURA, 1925) e sua materialidade; em Nóvoa (1995) e Vidal (2000) ao relacioná-las com a Escola Nova; e na importância da educação física como prática pedagógica, sendo o principal assunto abordado durante todo o manual. Objetiva-se apresentar como as *Lições* (MOURA, 1925) produziram sentidos sobre o magistério em seus escritos e materialidade.

1. As Lições, sua organização e materialidade

O manual *Lições de Pedagogia* escrito por Maria Lacerda de Moura, foi publicado em 1925. Apresenta quatro capítulos e possui cerca de 290 páginas. A versão utilizada como fonte e objeto da presente pesquisa é a primeira edição publicada pela editora TYP. Paulista. Conforme o título do livro sugere, a autora apresenta lições de Pedagogia. Seu principal objetivo foi ressaltar a importância da educação física e o quanto ela contribui para o desenvolvimento intelectual do educando. Visando à educação popular, a autora escreveu as *Lições de Pedagogia* (MOURA, 1925) para as alunas da Escola Normal. Sua linguagem simples

apresenta a preocupação com a compreensão e a intelectualidade do leitor. Por vezes, apresenta explicações da etimologia de palavras científicas e retoma conceitos repetidamente. Esse método, em suas palavras, é uma "singeleza necessária para os cérebros ainda não habituados a esse gênero de estudos" (MOURA, 1925, p. 264)

Ao discutir sobre a História da leitura, Cavallo e Chartier (1998) explicam que não existe um texto separado de sua materialidade. “Antes de ser um texto escrito, um livro é um objeto; tem forma, cor, textura, volume, cheiro. Pode-se até ouvi-lo se folhearmos suas páginas.” (MARTINS, 1986, p. 42). Um livro quase sempre segue o mesmo padrão de produção: em encadernados impressos de páginas, envolvido por uma capa, com tamanhos e formatos que variam.

Uma história sólida das leituras e de leitores deve, portanto, ser a da historicidade dos modos de utilização, de compreensão e de apropriação dos textos. Ela considera o “mundo do texto” um mundo de objetos, de formas, de rituais cujas convenções e disposições incitam e obrigam à construção do sentido. Considera, de outro lado, que o “mundo do leitor” é constituído por “comunidades de interpretação”, segundo expressão de Stanley Fish, às quais pertencem os leitores (e leitoras) particulares. Cada uma dessas comunidades partilha, em sua relação com o escrito, um mesmo conjunto de competências, de usos, de códigos, de interesses. Surge daí, pois, em todo este livro, uma atenção dupla: para com as materialidades dos textos e para com as práticas de seus leitores. (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 7).

Conforme citado anteriormente, o livro utilizado como fonte e objeto da presente pesquisa é uma cópia do exemplar encontrado no Arquivo Edgard Leuenroth da UNICAMP. Nesse acervo, a obra localizada também é uma cópia. Constatou-se, portanto, que obter o acesso ao livro original não é simples. Sabe-se da presença de um exemplar original no acervo da Biblioteca Terra Livre, porém, embora solicitado, não foi possível o acesso.

A capa do livro foi apresentada e analisada no primeiro capítulo, mas faz-se necessário retomá-la aqui. Aparentemente, o nome Maria Lacerda de Moura foi escrito à mão pela própria autora, pois existe uma carta escrita pela autora, no site do Arquivo Nacional³⁴, na qual se identifica semelhança ao se comparar a grafia das assinaturas. Além do título *Lições de Pedagogia*, há também um trecho do livro *Ariel*, escrito pelo Uruguaio José Enrique Rodo, conforme citado e explicado no primeiro capítulo, assim como o destaque ao volume I, o local

---

³⁴ <https://www.flickr.com/photos/arquivonacionalbrasil/25570505237/in/dateposted/>

da publicação, o nome e o endereço da editora, além do ano em que foi publicado: São Paulo, TYP. Paulista - Rua Assembleia Ns. 56-58, 1925.

Já se assinalou também que o exemplar utilizado apresenta a ausência de algumas páginas, dentre elas, o prefácio. Portanto, não se sabe quem o escreveu e qual apresentação fez para as *Lições de Pedagogia*. Porém, ainda que com algumas ausências, antecedendo o livro, encontram-se algumas cartas, resenhas e publicações em jornais e revistas, as quais atestam a autenticidade dos escritos de Maria Lacerda de Moura e o quanto suas produções publicadas foram importantes e contribuíram para a sociedade.

Sabe-se que algumas características são comuns em manuais pedagógicos escritos para os alunos da Escola Normal. Pode-se citar como exemplos a presença de prefácio, esquemas, fotos, gráficos, tabelas, propostas de exercícios, dentre outras peculiaridades (SILVA, 2005). Baseando-se nessas características citadas, identificou-se que a obra utilizada apresenta apenas o uso de esquemas explicativos e tabelas que facilitam a leitura e a compreensão do conteúdo abordado, conforme serão identificados durante a análise do texto. O índice do manual é localizado no final do livro, na última página que consta no exemplar utilizado. A obra apresenta os quatro capítulos divididos em seus subtemas, enumerando as páginas.

As lições ensinadas por Maria Lacerda de Moura são organizadas em quatro capítulos, todos eles são precedidos por uma epígrafe em francês, escrita por autores que fundamentaram seus escritos, como Montessori, Binet, Rousseau, Claparède.³⁵ Além disso, antes de desenvolver seus argumentos, Maria Lacerda inicia seus capítulos expondo quais temáticas serão abordadas. O primeiro capítulo, com 76 páginas, é o mais longo do livro. Intitulado Preliminares, expõe explicações, definições e conceitos, introduz e contextualiza o leitor a respeito do conteúdo que virá a seguir. Dividido em nove subtemas relacionados à etimologia e origem da palavra Pedagogia - conceito, o que é e a importância da educação -, sua intenção era contextualizar o leitor a respeito da Pedagogia e da educação, assinalando sua importância, levando em consideração os elementos fundamentais da educação: o educador, o educando e o meio físico e social. O segundo capítulo, dividido em dezesseis subtemas que abordam a educação Física, apresenta o conceito, a etimologia da palavra Ginástica e a importância de o educador realizar as atividades físicas de maneira correta, específica e adequada para o desenvolvimento físico e mental do aluno; bem como trata da importância do uso de jogos para

---

³⁵ As contribuições desses autores serão aprofundadas na segunda parte do capítulo intitulada A Escola Nova nas *Lições*.

garantir a aprendizagem. O terceiro capítulo disserta sobre a educação dos sentidos. Além dos cinco sentidos básicos (audição, visão, olfato, paladar e tato), apresenta outros sentidos que podem ser desenvolvidos objetivando a educação. Esse capítulo apresenta exemplos de histórias de pessoas que desenvolveram os sentidos, como Helen Keller, que era muda, surda e cega e se tornou uma escritora de sucesso, e aponta o quanto sua educadora foi fundamental para auxiliá-la a desenvolver seus sentidos funcionais. Além disso, apresenta exemplos de atividades para o professor realizar nas aulas, objetivando desenvolver os sentidos do educando. O quarto e último capítulo apresenta dados e maneiras de medir o crescimento físico; trata da importância do educador, da família e do médico trabalharem juntos em prol do desenvolvimento físico do educando; bem como aborda as maneiras de mensurar cada parte do corpo.

Para contextualizar o início das *Lições*, faz-se necessário citar que palavra Pedagogia teve diversos significados ao longo do tempo. Em determinado período, era relacionada àquele escravo que acompanhava e conduzia a criança; em outros, significava o “pedante”: mestre que ensinava as crianças. O pedagogo era visto como um educador não somente no quesito de educação escolar, mas também como alguém que interferia na criação das crianças. (DUSSEL, CARUSO, 2003). A Pedagogia desempenha a formação escolar de crianças com métodos, processos educativos, formas de ensinar. Porém, ela tem um significado bem mais abrangedor atualmente: “ela é um campo de conhecimentos sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa.” (LIBÂNEO, 2001, p. 156).

Em 1791, O *Diccionario de Autoridades* de 1788 definiu a Pedagogia como “qualquer um que ande sempre com outro, e o leva aonde desejar ou lhe diz o que deve fazer”. Em 1788, o significado já se aproxima daquilo que conhecemos hoje como o “mestre”, e deixa de ser aquele que guia no sentido geral. No século XIX, surge a definição de Pedagogia como a “arte e a ciência de ensinar e educar as crianças.” (DUSSEL, CARUSO, 2003). É nessa visão, de Pedagogia como ciência, que Maria Lacerda de Moura desenvolve seus escritos.

Ao longo dos quatro capítulos, Maria Lacerda de Moura retoma conceitos e explicações sobre a educação e a Pedagogia relacionando-os com as lições apresentadas. Na primeira parte, agrupou suas lições relacionadas à Pedagogia e à educação. Ao distinguir Pedagogia de educação, Maria Lacerda de Moura (1925) afirma que a Pedagogia é baseada em teorias formadas através da observação e experimentação, objetivando tornar prática a ação educativa, ou seja, com fins educativos na sociedade. Já a educação é um conjunto de práticas que buscam

o desenvolvimento físico, intelectual e moral do indivíduo a fim de prepará-lo para a vida em prol da coletividade. Ao vinculá-las, Moura (1925) afirma que “a educação é o objetivo da Pedagogia”. (p. 5) Já se assinalou, anteriormente, que a escrita desse material é focada em ressaltar o quanto a educação física é importante para o desenvolvimento não apenas físico, mas mental e intelectual das crianças. A autora ressalta que:

O objetivo da Pedagogia moderna é adaptar o ensino, o trabalho infantil as exigências do desenvolvimento físico e mental da criança. O crescimento físico influi no crescimento mental. Esse crescimento físico não é o mesmo em todos os órgãos que influem na disciplina ou indisciplina e está na razão inversa do crescimento mental. (MOURA, 1925, p. 217).

Ao discorrer sobre essa discussão referente à educação e Pedagogia, Moura (1925) afirma que a educação sempre existiu, pois povos transmitem suas tradições, costumes, etc. ao longo do tempo.

A educação é contínua, a Pedagogia tem tido fases, intermitências. Os povos primitivos não conheceram regras nem preceitos pedagógicos, entretanto, os filhos recebiam dos pais uma herança tradicional de preceitos e costumes que, por sua vez, passavam aos descendentes. (MOURA, 1925, p. 5)

Portanto, para a autora, a Pedagogia é a estruturação dos preceitos educativos e a educação é a aplicação dessas teorias. Ainda ressaltando diferenças, a autora também disserta a respeito do pedagogo e do educador. Entende-se por pedagogo aquele que estuda e elabora teorias, e educador é aquele que a pratica. De acordo com Moura (1925), Rousseau afirma que é mais difícil educar do que escrever regras de educação, pois ele “enjeitou os próprios filhos e não soube transmitir nem o ensino e, muito menos, os preceitos de moral aos sobrinhos dos abades de Condillac e de Mably, em Lyon, como seu preceptor; todavia, escreveu admiráveis preceitos de educação.” (p. 6).

Defensora do livre desenvolvimento do educando, a autora defende e comprova a necessidade do estudo da Ciência da Educação para que o educando não tenha uma educação imprópria e afirma que “a Pedagogia é vasta e se relaciona com todos os ramos dos conhecimentos humanos, entrelaçando-se em tudo.” (MOURA, 1925, p. 56)

Sendo a Pedagogia a ciência ou arte ou teoria da educação, envolvendo o homem, (desde antes de nascer), para o seu bem-estar e a para a felicidade individual e social, é claro: a Pedagogia se relaciona com todas as ciências, com todas as artes, com todos os ramos dos conhecimentos humanos. (MOURA, 1925, p. 58)

Defendendo a concepção de que a Pedagogia deve ter disciplinas agregadas, a autora traz esquemas explicativos. Para a autora, conforme se pode observar na imagem abaixo, as ciências, artes, teorias básicas e auxiliares da Pedagogia são:

Figura 2 – Ciências, artes, teorias básicas e auxiliares da Pedagogia

Fonte: MOURA, 1925, p. 59

Para exemplificar como as disciplinas podem ser agrupadas, Moura (1925) apresenta a Árvore Pedagógica, “imagem sensível, concreta e o meio mais fácil de fazer compreender aos estudantes o papel da Pedagogia entre os ramos do conhecimento humano” (p. 60).

Figura 3: Diagrama de Sully

Fonte: MOURA, 1925, p. 60

A autora explica que o tronco representa a Ciência da Educação. Os galhos, a educação dos indivíduos normais e anormais. Sendo os anormais “os criminosos, amorais, tardios, atrasados ou arriérés, idiotas, cretinos, imbecis, surdos-mudos, cegos de nascença, deficientes físicos, etc).” (MOURA, 1925, p. 61) E, por fim, as raízes constituídas das ciências subsidiárias, conforme o esquema a seguir.

Figura 4: As raízes constituídas das ciências subsidiárias

Fonte: MOURA, 1925, p. 61

Em seguida, a autora conceitua cada disciplina que está associada à Pedagogia. Cada uma com a sua desenvoltura, definindo e exemplificando sua importância e finaliza: “a educação desenvolve os órgãos, fortifica-os, fortalece a ação da vontade, desenvolve faculdades, aperfeiçoa sentimentos, prepara o cérebro para receber a instrução. A instrução é o meio de que se serve a educação para aperfeiçoar os seus instrumentos.” (MOURA, 1925, p. 74) Para Maria Lacerda de Moura, a educação e a instrução se completam.

Ainda falando sobre educação, Maria Lacerda de Moura afirma que essa palavra é relativamente nova, e que ela varia de acordo com os povos, épocas, sistemas religiosos e a moral individual. Comprovando seu ponto de vista, discorre sobre a história da educação dos romanos, persas e espartanos, para os quais consistia em preparo militar. Percebe-se, portanto, que as acepções se “multiplicam, subjetivamente, segundo os conceitos, os ideais filosóficos e religiosos, patrióticos, políticos e sociais”. (MOURA, 1925, p. 10). No entanto, ao pensar sobre o objetivo do educar, encontra-se um mesmo alicerce, o qual todos os povos e sociedades sustentam como finalidade: preparar a criança para conviver plenamente em sociedade.

“Qualquer que seja a classe social a que pertença o indivíduo, ele precisa aprender a amar a Natureza, a respeitar os outros indivíduos, a só dizer a verdade, a reprimir paixões grosseiras, as más tendências, a cultivar os sentimentos nobres, a vislumbrar preceitos morais a serem observados numa sociedade futura, sempre melhor que a

atual; não explorar o próximo, ser útil, solidário com os outros homens, ser uma fonte de amor, de heroísmo, de abnegação, de paciência em vez de respirar irritabilidade e mau humor e odio; fazer crescer dentro da alma um nobre ideal de equidade em vez de constituir-se em fonte perene de egoísmo individual”. (MOURA, 1925, p. 10).

Todos os argumentos da autora apresentam uma extensa fundamentação teórica de autores influentes no quesito educacional, porém não existe um referencial bibliográfico para que o leitor saiba em quais produções seu livro foi embasado. Para fundamentar seus escritos, Maria Lacerda cita diversos autores que apresentam conceitos sobre educação, dentre eles, Charbonneau, Chasteau, Spencerm Kant, Gustavo Le Bon, J. Mill, Stuart Mill, P. Mendousse, Pestalozzi, C. O. Bunge, João Cesca, Platão, Mme. Necker de Saussure, Jules Simon, H. Joly, M. Marion, Denzel, Compayré, Rousseau, Binet, Sergi, Montessori.

A lista de conceitos é extensa, mas convém trazer algumas afirmações ilustrativas de como Maria Lacerda de Moura define a educação. Charbonneau diz que a educação “tem por fim formar o homem na criança, sob o tríplice ponto de vista da sua natureza física, intelectual e moral”. (MOURA, 1925, p. 12). Kant descreve a obra da educação como “o desenvolvimento do indivíduo em toda a perfeição de que é suscetível” (MOURA, 1925, p. 12). Rousseau define a educação como: “A arte de conduzir as crianças e de formar homens” (MOURA, 1925, p. 15)

James Mill, como Kant, queria que a educação tivesse por objetivo aperfeiçoar o indivíduo, não para a sociedade presente, mas, em vista de uma sociedade melhor; não para o estado atual, mas para o estado futuro, e diz: “A educação tem por fim fazer do indivíduo um instrumento de felicidade para si e para os outros”. Compayré acha incompleta a definição, e diz: “A educação é o conjunto de esforços refletidos, pelos quais ajudamos a natureza no desenvolvimento das faculdades físicas, intelectuais e morais do homem, em vista da sua perfeição, da sua felicidade e do seu destino social. (...) Binet exprime toda a grandeza do seu ponto de vista nos seguintes conceitos: “creio que a determinação das aptidões das crianças é o mais importante objetivo do ensino e da educação; é segundo as suas aptidões que os devemos instruir, e também dirigi-los para uma profissão. A Pedagogia deve ter como preliminar um estudo de psicologia individual”. E, mais adiante, diz: “Para que uma educação seja julgada boa, é preciso não somente que ela aumente o rendimento do indivíduo em particular, porém, que faça a coletividade aproveitar esse aumento” (MOURA, 1925, p. 15)

Anteriormente, citou-se que a educação física é a principal temática das *Lições de Pedagogia*. Além da listagem de autores e conceitos sobre educação, Maria Lacerda de Moura destaca que alguns educadores e pedagogos só se preocupam com a educação intelectual e moral, ou educação mental, deixando de lado a educação física; entre eles poderemos citar Dupanloup, Bain, Janes Sully.

Ainda no primeiro capítulo, a autora lista quatro elementos fundamentais da educação e detalha a função de cada um. São eles: o educador, o educando, o meio social e fim ou objetivo. Percebe-se, nas páginas dedicadas a esses elementos, que as lições são apresentadas de um modo instrutivo, objetivando formar os futuros professores. Moura expõe suas ideias de forma acessível e facilitada, ensinando detalhadamente o que se deve fazer.

A primeira frase e parágrafo no tópico sobre o educador é “O educador - eis o problema”. Uma frase que faz qualquer educador refletir sobre a sua trajetória. Em seguida, completa seu argumento e critica o que acontece nas Escolas Normais.

A habilitação de um professorado capaz de sentir a importância da educação, a fim de reerguer o caráter nacional, as energias físicas, e morais de um povo, - é tudo, antes de mais nada. Os professores das Escolas Normais! Quanto poderiam através das gerações! Entretanto, o que se vê por toda parte é um ambiente escolar morto, aonde as crianças vão obrigadas ou com sentido na vadiação e nos recreios, e, aonde o mestre vai com o sentido no ordenadinho do fim do mês e na aposentadoria. (MOURA, 1925, p. 29).

Ao analisar as páginas referentes ao educador, percebe-se que a autora é enfática em relação à necessidade da sensibilidade. Ela afirma que o educador deve ser psicólogo, não no sentido profissional de compreender o papel das funções mentais no comportamento do indivíduo, mas sim como adivinho, observador, intuitivo e ressalta que: “Nem sempre o preparo intelectual revela o educador ou a qualidade do educador.”(MOURA, 1925, p. 29).

A autora também expõe seus argumentos baseada na sua própria experiência como aluna e como ex-professora (de Pedagogia e Higiene na Escola Municipal de Barbacena, MG). Defende a necessidade do amadurecimento das normalistas, pois algumas se formavam jovens demais para se tornar uma professora qualificada. Sabe-se que Maria Lacerda de Moura foi uma educadora que era convicta de que:

a educação é uma força revolucionária e sua função seria exercê-la. Contudo, seus instrumentos de trabalho foram se alterando. De professora da Escola Municipal de Barbacena, em Minas Gerais, renegou a escola oficial e continuou o seu papel através de conferências e jornais alternativos, ensinando a amar a natureza, a respeitar os outros, a só dizer a verdade, a ter paciência, ampliando a oposição de um ideal nacionalista que substituiu por um ideal humanitário. (LEITE, 2005, p. 15)

Outra lição ensinada por Moura (1925) é um alerta sobre o cuidado com os estímulos: “O estímulo à precocidade chega a ser um crime”. Exemplifica com as situações em que os pais e educadores expõem, inconscientemente, os filhos/alunos para que se apresentem em recitais e programações, sem levar em consideração os estímulos nervosos aos quais essas crianças estarão expostas, o que faz com que acabem por desenvolver memórias nervosas, tristes,

neuróticas, que prejudicam seus futuros. Além disso, quanto aos pais, tais exposições “roubaram-lhes a felicidade de ter filhos normais de inteligência e fortes de corpo e vontade” (MOURA, 1925, p. 32).

Moura (1925) resume o que entende como papel do educador:

Tal deve ser a sua atitude: zelo e interesse por todos os alunos igualmente e zelo pelo ensino; extirpar, de si mesmo, preconceitos e superstições; amor ao estudo, às investigações científicas; tornar-se humano no meio em que vive, acessível a todos, impor-se-á pela força moral, pelos princípios que defende, pelo caráter incorruptível; não terá paixões políticas ou religiosas e respeitará os princípios e as seitas dos outros, conservando a sua coragem de convicções; será, pois, tolerante se tem grandeza de alma, se respira em horizonte mais amplo pela sua cultura; cuidará da saúde evitando neurastenia, as dispepsias – para ter sempre bom humor, paciência, energia; não gastará suas forças em questões menores ou discussões inúteis, em irritabilidade constante – para conservá-las intactas, à sua disposição, em ocasiões oportunas. (p. 34 e 34)

E, como defensora da educação integral, afirma que o educador também fará exercícios físicos moderados, passeios para distrair-se, divertir-se e instruir-se, pois “o divertimento, a alegria é necessária ao espírito como o alimento é necessário ao corpo”. (MOURA, 1925, p. 35) e finaliza o tópico sobre o educador ressaltando os autores que ela afirma possuir verdadeiros ideais para orientar os professores, como Froebel, Pestalozzi, Montessori, Faure ou Ferrer. (MOURA, 1925).

Para Maria Lacerda de Moura, o educando deve ser visto de dois pontos de vista: o fisiológico e o psicológico, respeitando a individualidade de cada um. A autora denomina esse estudo como “físio-psicologia”. Nele, ela inclui o caráter, o temperamento, o exame das faculdades intelectuais, as características da fadiga, a hereditariedade, dentre outros aspectos. E afirma que todo homem é produto da hereditariedade e do meio e que o “educando deve, portanto, ser estudado em um conjunto complexo das suas qualidades hereditárias e adquiridas ou mesológicas” (MOURA, 1925, p. 38). Portanto, o educador terá de criar meios (modificar, transformar) para substituir as más qualidades do educando a fim de possibilitar condições de viabilizar a sua autoeducação. Para isso, o educador pode pedir assistência a outras áreas, como a higiene, a medicina, a ginástica, a estética, a ética, etc. (MOURA, 1925).

Ainda falando dos quatro elementos da educação, o terceiro citado pela autora é o meio ambiente, a sociedade. Moura (1925) entende que o lar é o grande precursor da formação do indivíduo. Como um alicerce, se bem estruturado, não será afetado pela sociedade. Aponta ainda para o espírito de imitação, que é instinto do homem, e diz que a criança imita, desde cedo, as pessoas que são referências em sua vida.

Aquele que mais de perto lhe toca o coração, o que lhe fornece emoções, aquele que mais forte ou melhor lhe parecer, aquele que de mais perto vive a vida infantil, de mais força moral, mais superioridade – esse é o espelho onde se refere a individualidade da criança e pode ser o pai, a mãe, o educador, o irmão e até a ama; a inferioridade se inculca no mesmo modo. (MOURA, 1925, p. 39)

Continuando sua abordagem sobre a influência que o meio exerce nas pessoas, a autora compara a educação proposta pelas famílias burguesas à praticada nas classes proletárias. Quanto aos burgueses, relata que são mais preocupados em mostrar a fartura da alimentação, das roupas e também com o meio de ganhar dinheiro do que com a educação dos filhos. Moura (1925) diz que é “imperdoável o desleixo criminoso quanto à educação dos filhos, cada vez mais falha, nesse regime de concorrência, em que cada qual exige mais, e em que desaparece, de vez, o amor ao próximo.” (p. 40). No caso das classes proletárias, as situações são diversas devido à luta econômica que as famílias enfrentam. As crianças precisam trabalhar para auxiliar no provimento do sustento para a manutenção da vida familiar e, assim, acabam perdendo a ingenuidade dos primeiros anos de vida. Uma sociedade, sempre preocupada com a economia, com o dinheiro, prejudica a verdadeira intenção da educação.

Não há lugar para a justiça dentro da nossa civilização. Quando as sociedades se compenetrarem de que é no seio da família que a criança se forma, de que a escola deve ser a continuação do lar, que cada membro dessa mesma sociedade deve ser um educador, que cada recém-nascido tem direito à vida, depois à instrução, ao carinho, que não temos o direito de explorar a criança pobre na fábrica ou em trabalhos incompatíveis com as suas forças – então, tudo se encaminhará para o bem-estar coletivo; a Terra será o lar imenso que agasalhará a todos os seus filhos. (MOURA, 1925, p. 41).

O fim ou o objetivo a que tendem os esforços do educador, do educando e do meio é aliviar a ignorância da sociedade, promover uma civilização consciente para o futuro. Portanto, a família deve educar o educando com exemplos dignos, direcioná-lo, apontar-lhe os erros e os vícios da sociedade, deve fazê-lo desejar sentir-se útil, antes de soltá-lo em um meio prejudicial. (MOURA, 1925)

A próxima temática exposta pela autora no manual é a relevância da educação. Para introduzir essa discussão, diz que “a educação não é senão uma segunda natureza, feita de hábitos adquiridos através dos séculos” (MOURA, 1925, p. 42). Em suas colocações, discorda de autores como Locke, Helvetius, Rousseau, Fontenelle que defendem que o ser humano é uma página em branco a ser escrita e não levam em consideração a hereditariedade do educando, fato defendido pela autora. Para Maria Lacerda de Moura (1925), a educação molda certas qualidades hereditárias que insistem em permanecer, embora não sejam boas para a convivência social. Em suas palavras, “a educação disfarça-as, dá-lhes polimento, diminui a sua intensidade, e o hábito de resistência do educando pode transformá-lo num segundo

indivíduo.” (MOURA, 1925, p. 44). Por isso é fundamental que o educador esteja sempre atentando para o respeito à formação da individualidade da criança, bem como é imprescindível que ele saiba distinguir o que realmente é necessário para o educando de tudo aquilo que ele, enquanto educador, exige como “perfeições de que carecemos”. (MOURA, 1925, p. 45).

Utilizando o discurso de Anatole France no “Congresso dos Sindicatos de Professores de França”, traçando o papel do professorado moderno e o programa do ensino humano, o qual indica o papel do professor como fundamental e grande inovador ou precursor de renovação social, e também baseada em Emile Durkheim, que diz que “o futuro não é estritamente predestinado pela nossa constituição congênita” (MOURA, 1925, p. 47), a autora defende o argumento de que a educação pode modificar a hereditariedade (o organismo, o caráter, o sentimento, a mentalidade) ressignificando-a e, assim, podendo modificar as futuras gerações. “Por isso, o esforço educativo deve ser persistente, repetido: cuidamos de toda uma geração se educamos uma criança” (MOURA, 1925, p. 48).

Para finalizar a discussão sobre a importância da educação, e utilizando um esquema, cita Bunge, que estabelece os seguintes pontos de vista sobre esse conceito:

Figura 5 – Esquema de Bunge sobre a importância da educação

Conceito	{	<u>biológico</u> — é a própria vida.
		<u>psicológico</u> — é o processo de formação da consciência.
		<u>sociológico</u> — é o processo de adaptação ao meio, à sociedade.
		<u>da instrução pública</u> — é o processo ministrado pelo Estado e pelas sociedades.
		<u>da educação científica</u> — implica, de certo modo, um resumo empírico de todas as ciências da vida.
		<u>da educação ética</u> — A ética é a base da educação física, intelectual e moral.
		<u>educação e patriotismo</u> — desenvolver o sentimento da Pátria para conservar a nacionalidade.

Fonte: MOURA, 1925, p. 49

Sabe-se que o patriotismo e o nacionalismo eram temas trabalhados também na educação da época (REAL, 2015; TIZZOT FILHO, 2017, SOUZA, 2000) “As escolas populares, os reformatórios, a estruturação da Força Pública e dos organismos policiais foram utilizados para disciplinar e nacionalizar os trabalhadores e os sem trabalho.” (LEITE, 1984, p. XVI). Maria Lacerda de Moura propõe a seguinte reflexão sobre essa temática: “eu diria: desenvolver o sentimento da Pátria no sentido de alargar a concepção internacional. É melhor aprender a amar a humanidade, porquanto o gênero humano está acima do torrão natal”. (MOURA, 1925, p. 49).

Outra lição trabalhada pela autora é que a saúde física compromete o desenvolvimento mental da criança e, por isso, a família, o educador e os médicos devem, juntos, atentar-se às doenças venéreas, aos dentes, à garganta, enfim, realizar exames regularmente para identificar doenças que deixam as crianças indispostas e causam o retardamento do crescimento físico e mental.

Sabe-se que a autora era ativa no movimento operário e demonstrava muita preocupação com a educação das crianças pobres e com o papel do proletariado em nossa sociedade. Ela ressalta como esse grupo sofre com a perpetuação das desigualdades sociais, pois

as crianças pobres, mal alimentadas, mal agasalhadas, mal dormidas desenvolvem-se menos, sofrem as consequências da desigualdade social e concorrem para a perpetuação desse estado de civilização, a qual permite que o homem seja o explorador do próprio homem.” (MOURA, 1925, p. 215).

Para a autora, a educação tem relação direta com a solução das questões sociais e é na escola que deve nascer e crescer o sentimento de respeito a todas as criaturas, bem como o sentimento de equidade, o desejo de fraternidade humana e solidariedade. Sabe-se que Maria Lacerda de Moura foi professora em Barbacena (MG) e “participou dos esforços oficiais para enfrentar a questão social, através de campanhas nacionais de alfabetização e de reformas educacionais” (LEITE, 1984, p. XV), conforme será trabalhado a seguir.

2. A Escola Nova nas Lições

Já se assinalou que as *Lições* foram publicadas em meados dos anos 1920. Elas foram produzidas e postas a circular num período em que as questões pedagógicas tiveram, no Brasil, grande ênfase, o que pode ser explicado pela progressiva democratização do ensino (BEISIEGEL, 1981), com a expansão da escola primária e das instituições de formação docente, bem como pela crescente circulação das ideias que marcaram a Escola Nova (NÓVOA, 1995; VIDAL, 2000; VIDAL, RABELO, 2020), movimento mundialmente

difundido e que, no Brasil, inspirou inúmeros trabalhos e iniciativas na área, inclusive as *Lições de Pedagogia* escritas por Maria Lacerda de Moura (1925).

Conforme citado anteriormente, Maria Lacerda de Moura participava de movimentos apoiadores da reforma educacional. O movimento da Escola Nova foi uma "corrente de pensamento" (NÓVOA, 1995) que criticava a escola tradicional e objetivava promover uma transformação na escola. Ao escrever sobre o que é educação, Maria Lacerda de Moura apresenta uma citação de Sergi: “Hoje se impõe uma necessidade urgente: a renovação dos métodos para a educação e para a instrução, e quem luta por essa bandeira luta pela regeneração humana” (MOURA, 1925, p.15), ressaltando seu apoio ao movimento da Escola Nova. Apresentando sua opinião, Moura (1925) afirma que o ideal da educação nova deve ser através da:

educação física, preceitos higiênicos para a conservação da saúde e para a perpetuação da beleza física; desenvolvimento intelectual e moral para alargar as concepções e os ideais, abrangendo, em largo ponto de vista, a beleza e a majestade da Verdade, da Justiça, do Amor para todos os seres. (p. 11)

A autora baseia seus escritos em diversos autores que, segundo Nóvoa (1995), foram vozes apoiadoras da Escola Nova, como Claparède, Ferrière, Decroly, Maria Montessori, entre outros.

Segundo Nóvoa (1995), o programa da Educação Nova continha um conjunto de trinta características e podia ser agrupado em cinco ideias principais. Essa divisão será apresentada e relacionada com trechos do manual. Objetiva-se, aqui, demonstrar, com alguns excertos, como Maria Lacerda de Moura é uma apoiadora da Escola Nova, segundo as suas *Lições de Pedagogia* (1925).

A primeira ideia chave da divisão de Nóvoa (1995) é que:

A escola nova é um laboratório de Pedagogia prática, que procura servir de referência para o sistema público de ensino; funcionando preferencialmente em regime de internato e situada numa zona rural, a escola nova procura criar uma ambiência saudável e de proximidade com a natureza (excursões, acampamentos, criação de animais, trabalhos agrícolas, ginástica natural, etc.) (NÓVOA, 1995, p. 32)

Em seus escritos, a autora afirma que escreveu esse livro visando a educação popular, ou seja, (conforme citado anteriormente) Moura (1925) afirma que o indivíduo, ao ser educado, precisa "aprender a amar a natureza" (p. 10) e resalta a importância do meio, do ambiente saudável para o melhor desenvolvimento intelectual do educando.

A segunda ideia apresentada é que "a Escola Nova pratica o sistema da coeducação dos sexos, estimulando as relações sociais e a cooperação entre rapazes e raparigas." (NÓVOA, 1995, p. 32). Maria Lacerda de Moura é uma das precursoras do feminismo no Brasil (LEITE, 1984). Seus escritos dos anos 1920 "apresentam a condição servil da mulher numa sociedade de escravos e a necessidade de sua emancipação sexual e intelectual em ambiente de comportamento tradicional rígido". (LEITE, 2005, p. 18). No manual, ao explicar os exercícios calistênicos³⁶, Moura (1925) recorre a Spencer para criticar todo sistema de educação que não apoia os exercícios físicos para as moças:

As mulheres, assim como os homens, não têm o respeito das aparências? E, por conseguinte, não serão elas impelidas, como eles, a evitar as maneiras rudes e ruidosas? Como é absurdo supor que os instintos da mulher não se afirmarão, por si mesmos, e sem que seja necessário recorrer à disciplina rigorosa das professoras. (MOURA, 1925, p. 102).

Além disso, a autora expõe a sua opinião feminista e explica o quanto a “deseducação feminina” contribui para conservar a sociedade da mesma forma: “O homem a quer na sua condição de humildade, de subalterna, de subserviente, dependendo dele, inferior a ele, escrava economicamente - para que se contente com uma joia, para que se satisfaça com o automóvel ou o vestido luxuoso.” (MOURA, 1925, p. 137); e critica o fato de essa ser a condição da mulher na sociedade.

A terceira ideia apresentada pelo programa da Escola Nova expõe as atividades manuais como um poderoso meio de educação intelectual. Assim, “todo ensino deve organizar-se a partir de métodos ativos, que estimulem o gosto pelo trabalho e a criatividade.” (NÓVOA, 1995, p. 32). Nas *Lições* (MOURA, 1925), a presença dessa ideia é marcante, pois Maria Lacerda de Moura dedica um capítulo inteiro para apresentar a educação dos sentidos. O objetivo dessa educação é o "desenvolvimento da inteligência com todas as suas faculdades de observação, raciocínio, julgamento e escolha (vontade, ação, autoeducação)" (MOURA, 1925, p. 147). O tato supre todos os outros sentidos e tem a propriedade de não desaparecer, senão em casos especialíssimos.” (MOURA, 1925, p. 176). Ao citar os trabalhos manuais, a autora afirma que desenvolvem o tato e tornam as impressões mais duradouras, pois, diferentemente do que foi apresentado na visão e na audição, quando as funções não são utilizadas, comprometem-se. Já as impressões do tato são mais duradouras, fiéis e resistentes. Rousseau acha que “os juízos do tato são mais seguros porque são mais limitados” (MOURA, 1925, p. 176). Cita, além de

---

³⁶ São exercícios para moças, desenvolvendo-lhes a energia física sem as destituir da graça natural do sexo.

Rousseau, autores como Weber, Binet, Ley, Michelet, Chasteau, Anaxagoras, Rollin, Swift, Mac. Donnal para atestar seus argumentos e expõe também exemplos de pessoas cegas, como Laura Bridgman, Sandersen e Hellen Keller, que tiveram o sentido do tato educado e revelaram-se verdadeiras artistas. Sobre Hellen Keller, uma mulher que perdeu a visão e a audição quando tinha dezenove meses e, aos sete anos, passou a ser educada através do tato, Moura (1925) diz que é uma escritora “conhecidíssima e de mérito acima de nomes conhecidos e apreciados no mundo das letras, faz conferências, é formada por um curso superior e vive como qualquer de nós, ou melhor, vive muito mais que qualquer de nós...” (p. 184)

Para demonstrar a quarta e quinta ideia chave da Escola Nova, pode-se utilizar Maria Montessori, uma das principais referências das *Lições de Pedagogia* (MOURA, 1925), um dos nomes mais expoentes do movimento da Escola Nova e da preocupação que marcou a Pedagogia à época, referente ao aluno e seu desenvolvimento (NÓVOA, 1995; VIDAL, 2000; VIDAL, RABELO, 2020). As últimas ideias apresentadas por Nóvoa (1995) são:

4. A Escola Nova procura desenvolver o espírito crítico, através da aplicação do método científico, baseando o ensino em fatos e experiências, na atividade pessoal da criança e nos seus interesses espontâneos; é desejável uma conjugação entre atividades de trabalho individual e momentos de trabalho coletivo.

5. O quotidiano da Escola Nova alicerça-se no princípio da autonomia dos educandos, isto é, numa educação moral e intelectual que não se exerce autoritariamente de fora para dentro, mas, antes, de dentro para fora, graças à experiência e ao desenvolvimento gradual do sentido crítico e da liberdade; o sistema disciplinar, bem como a educação da consciência moral e da razão prática, devem fazer-se no quadro desta perspectiva. (p.32).

Durante a análise das *Lições*, percebe-se que Maria Montessori é uma grande inspiração para Maria Lacerda de Moura, conforme se pode perceber em suas próprias palavras: “Irámos longe se tentássemos continuar a respingar na seara admirável dessa cientista assombrosa e humana. Trataremos de Montessori num volume especialmente dedicado aos seus vastos trabalhos.” (MOURA, 1925, p. 16). Sabe-se que Montessori, até os dias de hoje, é referência no âmbito educacional e não era diferente na época de Maria Lacerda de Moura (1925), que afirma que Maria Montessori

é revolucionária em questão de educação; quer que se comece pela transformação do ambiente escolar, pela reeducação dos mestres, pela substituição dos métodos. E diz: “... também a Pedagogia, como já fez a Medicina, tende a sair do campo puramente especulativo para fundar suas bases sobre indagações positivas da experiência”. Baseia os seus estudos nos admiráveis trabalhos de Giuseppe Sergi e, para o renascimento desejado, quer - “o estudo metódico do educando, conduzido sob a guia da antropologia pedagógica e da psicologia experimental”. Baseia-se nesse conceito de Sergi : “Desde muitos anos eu combato por uma ideia e, quanto mais nela penso,

mais a acho justa e útil para a instrução e educação humana, isto é, - para ter método natural e alcançar esse fim é necessário que nós tenhamos numerosas observações e raciocínios sobre os homens e principalmente sobre a infância na qual se deve pôr as bases da educação e da cultura”. (p. 16)

Resumindo a visão pedagógica de Montessori, o potencial de aprender está em cada um de nós, e as crianças aprendem melhor pela procura e descoberta, através da experimentação. Por isso, a notável educadora quer “o mestre com o espírito do cientista, não “o manejador de instrumentos”, e sim “o religioso da natureza”, o qual, “de fato, aprenderá com a própria criança os meios e o caminho para a própria educação; isto é, aprenderá com a criança a aperfeiçoar-se como educador.” (MOURA, 1925, p.16). Maria Lacerda de Moura também utiliza Maria Montessori para fundamentar seus escritos e ressaltar a importância da autoeducação, salientando que a educação é individual e vem de dentro para fora, bem como destacando o quanto a criança lucra em brincar e construir sozinha a aprendizagem. Ela critica o fato de a sociedade fazer exatamente o contrário: “abafamos na criança o germen desse desenvolvimento, adormecemos as energias que moram nas criptas anteriores do nosso eu, e a cor da mula para tudo o que é efêmero, transitório dispersivo leviano é vulgar”. (MOURA, 1925, p. 139). Percebe-se, portanto, que a quinta ideia chave da Escola Nova combina com a visão de Montessori.

Moura (1925) segue defendendo a necessidade de que as escolas permitam as manifestações culturais, individuais e coletivas, das crianças para que nasça a Pedagogia Científica. Argumenta ainda que não se deve partir da ideia dogmática da psicologia infantil, mas de uma metódica que permita liberdade à criança, para tirar das suas observações ou manifestações espontâneas, a verdadeira psicologia infantil. (MOURA, 1925). Todo esse argumento baseado em Montessori tinha como objetivo evidenciar a conclusão de que “a Pedagogia Científica moderna é uma alavanca de destruição de todos os processos empíricos, antigos e em uso, até hoje, nas escolas de todos os países.” (MOURA, 1925, p. 16 e 17).

Os ideais da Escola Nova vieram para contrapor o que era considerado tradicional. Os defensores dessas mudanças são muito citados por Maria Lacerda de Moura em seu manual *Lições de Pedagogia* (1925), demonstrando que inspiraram sua escrita, pois ela vivenciava influências desse momento tão importante para a educação.

Binet, Claparède, Montessori, Weber, Fechner, Wundt e tantos outros – revolucionaram o ambiente escolar, mostrando que a educação salta muito além do conceito estreito em que a fecham; entra no domínio da mais alta questão social e interpenetra-se no conceito da liberdade e da solidariedade humana, da beleza física e da perfeição a que possa atingir a sociedade e os indivíduos não vinculados a sistemas

ou esmagados dentro de escolas filosóficas, porém, livres na consciência – para melhor se sacrificarem em prol do bem-estar social. (MOURA, 1925, p. 17)

A autora também faz referência à Pedagogia Científica, cita várias concepções de autores que conceituam essa Pedagogia e legitima o seu apoio a essa característica do escolanovismo. Segundo Moura (1925),

Pelo seu caráter experimental, especulativo, teórico e prático ao mesmo tempo, com base científica, apoiando-se nas leis sociológicas e históricas, da biologia, na antropologia, na psicologia, na ética, na higiene, na medicina, etc., etc. – a Pedagogia Científica merece especial destaque entre os ramos de conhecimentos científicos estudados ultimamente pelos mais altos cérebros da mentalidade científica dos últimos tempos, entre os quais, notam-se: Sergi, Itard, Wundt, Weber, Binet, Montessori, Claparède, Monouvrier, etc., etc., etc. (p. 18,19)

Baseada em João Cesca, professor da Universidade de Messina, Maria Lacerda de Moura entende como Pedagogia Científica a doutrina metódica e sistematicamente ordenada, que estuda de fato da educação. E pondera que, “sendo um aspecto particular do desenvolvimento intelectual, moral e social da humanidade, a Pedagogia tem necessidade de se destacar de qualquer grupo de ciências, constituindo, assim, uma ciência peculiar à arte da educação.”(MOURA, 1925, p. 19). Ainda justificando que a Pedagogia é uma ciência, cita o autor Dugas, que compara a Pedagogia à medicina: “uma arte pelo seu objeto, uma ciência pelo seu caráter teórico. É uma ciência prática. A medicina está para a Fisiologia, assim como a Pedagogia está para a psicologia: ela é a ciência psicológica aplicada à arte da educação e limitada a essa arte.” (MOURA, 1925, p. 20). A autora completa a citação dizendo que “a ciência é a teoria, é a especulação sistematizada; a arte é a prática, é a ação; a primeira é o abstrato, a segunda é a concretização.”. (MOURA, 1925, p. 20).

Talvez seja importante explicar que a Escola Nova foi um movimento de renovação do ensino, o qual “produziu enunciados que, desenhando alterações no modelo escolar, desqualificava aspectos da forma e da cultura em voga nas escolas, aglutinadas em torno do termo 'tradicional'.” (VIDAL, 2000, p. 497). O escolanovismo, além de outros assuntos, defendia o que já fora citado anteriormente por Moura (1925), baseada nos estudos de Maria Montessori, o que é reafirmado por Vidal (2000): que a escola devia “oferecer situações em que o aluno, a partir da visão (observação) e também da ação (experimentação), pudesse elaborar seu próprio saber.” (VIDAL, 2000, p. 498).

É importante salientar que uma nova dinâmica impulsionava as relações escolares durante a escrita do manual *Lições de Pedagogia* (MOURA, 1925). Vale ressaltar que as temáticas trabalhadas nesse material, como a higiene e a educação física, eram tópicos do

escolanovismo. Vidal (2000), em seu texto *Escola Nova e o processo educativo*, afirma que, por volta dos anos 1920, era comum, nos textos e relatórios de inspetores e nos preceitos legais, citações a respeito da “centralidade da criança nas relações de aprendizagem, o respeito às normas higiênicas na disciplinarização do corpo do aluno e de seus gestos, a cientificidade da escolarização de saberes e fazeres sociais; e a exaltação do ato de observar, intuir, na construção do conhecimento do aluno.” (p. 497). Isso coincide com os escritos presentes no manual, bem como com as duas últimas ideias-chaves da Escola Nova. Portanto, cabe afirmar que, durante o movimento da Escola Nova, “almejava-se a produção de uma verdadeira ciência ou Ciência da Educação, com protocolos de legitimidade oferecidos pelo campo acadêmico”. (VIDAL; RABELO, 2020, p. 12). Utilizando o programa da Escola Nova, os educadores tentaram promover uma transformação da escola. Hoje, são situações que soam familiares, mas, nos anos vinte, continham elementos significativos de inovação, contribuindo com a difusão social e trazendo um novo olhar sobre as questões educativas. (NÓVOA, 1995).

Outra demonstração da insatisfação da autora com a escola tradicional é a abordagem da saúde física dos educandos: “Infelizmente, a escola atual é uma ameaça para a saúde das crianças e para o vigor da raça” (MOURA, 1925, p. 86). A autora fundamenta sua afirmação no fato de que as crianças, com menos de 7 anos, são obrigadas ao regime escolar que, conforme o programa regulamentador da época, duravam 4 horas de estudo de aulas monótonas. Acrescenta ainda a comum presença da “miséria fisiológica, o raquitismo, as diáteses, as verminoses, o frio, etc.” (MOURA, 1925, p. 86). Toda essa situação resulta em alunos indiferentes, que nada compreendem e não detêm a aprendizagem do conteúdo apresentado. Isso acontece porque o cérebro influencia em todas as funções do corpo e prejudica o funcionamento de todos os outros órgãos quando fatigado pelo esforço intelectual. Muitas enfermidades “podem aparecer, subitamente, por efeito de comoções nervosas”. (MOURA, 1925, p. 89). Por isso, a autora defende a importância da educação física: “para pensar bem, para agir melhor, é indispensável o vigor de todo o organismo”. (MOURA, 1925, p. 90), conforme será aprofundado a seguir.

3. A importância da Educação Física e do Crescimento Físico

A análise do conteúdo e da materialidade das *Lições* de Maria Lacerda de Moura permitiu dividi-las em três temas. Já se explanou sobre sua visão acerca da educação e a relação dos seus escritos com o movimento escolanovista. Para finalizar, optou-se por veicular o seu

principal enfoque no manual *Lições de Pedagogia*: a importância da educação física e do crescimento físico para o desenvolvimento intelectual e mental do educando. Dos quatro capítulos presentes em sua obra, três deles dissertam sobre essa temática em três vertentes que se complementam: a educação física, educação dos sentidos e o crescimento físico. A autora as relaciona com o papel do educador, dos pais, dos médicos e da sociedade. Maria Lacerda de Moura trata sobre a educação física como prática pedagógica³⁷ e afirma que “não deve ser cultivada sem a educação intelectual e moral. A educação física que carecemos promove meios necessários a uma boa saúde, proporciona alegria, disposição para o trabalho, prepara o cérebro para receber educação intelectual, repara as forças gastas” (MOURA, 1925, p. 79). Ao se referir à educação física como disciplina, utiliza o termo Ginástica e apresenta duras críticas ao apontar os perigos de praticá-la de forma incorreta, pois a

missão da educação física não é o desenvolvimento da força, da musculatura. O vigor físico, a saúde, a alegria, não dependem apenas do exercício dos músculos.” Sem dúvida, a operação digestiva, a riqueza do sangue, o fenômeno da hematose tem mais importância do que a força dos bíceps. Para pensar bem, para agir melhor, é indispensável o vigor de todo o organismo e o organismo não é somente a musculatura. (MOURA, 1925, p. 90).

Anteriormente, citou-se que Maria Lacerda de Moura apoiava o movimento da Escola Nova e defendia a concretização da Pedagogia Científica³⁸. Objetivando atestar seus argumentos, além de utilizar autores como Montessori, Binet³⁹ e Claparède⁴⁰, a autora divide a educação em um esquema de três partes: a educação física, mental e estética, como se pode observar a seguir:

Figura 6: Divisão da Educação

³⁷ Alguns autores tratam sobre a educação física no currículo como Neira (2011; 2013, 2014, 2016, 2018), Santos Junior (2020), Oliveira (2020), Borges (2019).

³⁸ A designação Pedagogia Científica pode ser lida em obras diversas desde Maria Montessori. No presente trabalho, utiliza-se a expressão para designar um modo de pensar a Educação e conduzir os ensinamentos no âmbito do movimento renovador designado pela Escola Nova, justificado por componentes da psicometria e antropometria.

³⁹ Pedagogo e psicólogo francês. Referência na criação dos modos de medir capacidades mentais, realizou importantes estudos em psicologia experimental aplicada à Educação. (TEIVE, H. A. G.; TEIVE, M. G.; DALLABRIDA, N.; GUTIERREZ, L. (2017)

⁴⁰ Psicólogo e pedagogo nascido em Genebra, cria nessa cidade o Instituto J. J. Rousseau (Institut Rousseau – École des sciences de l'éducation), em 1912. Trata-se de um instituto privado, que reúne pesquisadores e professores que participam de escolas experimentais, que servem de laboratórios para melhor conhecimento da infância e seu desenvolvimento, de modo a ajustar os processos pedagógicos, com vistas à melhoria das escolas (HOFSTETTER, SCHNEUWLY; FREYMOND, 2013, p. 90)

Fonte: MOURA, 1925, p. 21

Ao explicar a divisão do esquema, Maria Lacerda de Moura ressalta que a educação física não objetiva apenas o desenvolvimento do corpo e diz que, sem ela, torna-se difícil a educação mental, justificando que, se o objetivo é uma educação geral, com um preparo para a vida, “a educação física deveria constituir um dos meios da educação mental, a qual envolve a inteligência e o sentimento, a razão e o coração.” (MOURA, 1925, p. 22).

A autora aborda a educação mental como necessária para a felicidade e para o bom desempenho criativo, como estímulo das criações. O desenvolvimento físico é em prol também da inteligência pois, sem ele, torna-se difícil o aprimoramento da educação mental. Embora alguns “pedagogistas” da época não tratassem da educação física, outros justificavam que ela era sem importância e que poderia ser deixada de lado (MOURA, 1925). Maria Lacerda de Moura, em suas *Lições* (1925) defende e salienta sua relevância baseada na “Pedagogia Moderna” que, em caráter científico, experimental, fisiopsicológico, ressalta que a educação física deve ser realizada, “exclusivamente como meio (e não como fim) para o bem-estar individual e social, para a saúde (condição essencial de felicidade) e para o aperfeiçoamento da inteligência.” (MOURA, 1925, p.22). Ainda complementa seu argumento alegando que a Ginástica, focada no esporte exagerado, é prejudicial; portanto, deve-se respeitar o porte físico, idade e ritmo do educando.

Conforme se pode observar no esquema acima, Moura (1925) também divide a educação mental em: geral, essencial ou liberal, técnica ou profissional. “A educação geral é

indispensável a toda gente” (MOURA, 1925, p.23). A autora defende que, quando se educa uma criança, é indispensável orientá-la livremente, guiando-a na escolha de uma profissão “pela sua tendência, pela vocação, pelo temperamento e pela resistência do seu organismo.” (MOURA, 1925, p.23). A educação técnica ou profissional é aquela que fornece meios, conhecimentos e capacita o sujeito a desempenhar uma determinada profissão. Ela não é menos importante que a educação geral e que as diferentes modalidades de educação classificadas pela autora. Além do que, não são independentes, pelo contrário, elas se complementam. (MOURA, 1925).

Baseada em Compayré, a autora afirma que a educação liberal “é o livre desenvolvimento da razão” (MOURA, 1925, p.23). Portanto, em suas *Lições* (MOURA, 1925), ela entende por liberal a educação que “respeita a individualidade e aproveita as forças interiores do educando; é tolerante, guia e não sugestiona; procura apenas desenvolver a razão, colocando-a em condições de resolver, por si, situações difíceis e se encaminhar para a perfectibilidade mental”. (MOURA, 1925, p.24). Ou seja, a autora fala de uma educação como meio de desenvolver a aprendizagem, que respeita a individualidade, que é tolerante e afirma que essa só é possível na escola moderna, racional, científica e montessoriana. (MOURA, 1925).

A segunda parte da educação mental trabalhada pela autora refere-se à positiva, negativa, espontânea, regular ou intencional. A divisão em positiva e negativa é baseada em Rousseau, que chama de “educação positiva a que tende a formar o espírito antes da idade e dar à criança o conhecimento dos deveres do homem.” (MOURA, 1925, p.27). E diz que a negativa é a boa educação, pois ela “tende a aperfeiçoar os órgãos, instrumento dos nossos conhecimentos, antes de nos dar esses conhecimentos e prepara a razão pelo exercício dos sentidos.” (MOURA, 1925, p.27).

A educação espontânea, como o próprio nome sugere, acontece quando o indivíduo se desenvolve por si mesmo, sem guia, sem auxílio, sem direção e, por isso, conserva-se em um modo primitivo. Ela exerce influência sobre o indivíduo em seu temperamento, que pode ser “intempestivo, irresoluto, imprudente, covarde às vezes, cujas faculdades muito poderiam se tivessem sido dirigidas. São as pessoas que tudo prometem e nada cumprem, as que muito falam e nada executam. (MOURA, 1925, p. 25).

Para exemplificar a educação regular ou intencional, a autora afirma que ela é um conjunto de ações que favorecem o desenvolvimento da criança, conforme as teorias

pedagógicas, combinando o desenvolvimento e a natureza do educando, harmonizando os meios aos fins e complementa dizendo que “essas ações são exercidas pelo ambiente social e são chamadas de gerais, são conscientes e intencionais, exercidas por determinados indivíduos: educadores, pais, família”. (MOURA, 1925, p. 28).

Por fim, a educação estética, “que abrange todo o campo educativo e deve entrelaçar-se na vida como o elemento básico da felicidade, no gesto amplo da grandeza e renúncia – para um horizonte cada vez mais vasto” (MOURA, 1925, p. 26). Ela pode ser melhor compreendida ao ser relacionada com a educação do corpo e do espírito:

A educação do corpo é aquela que é exercida pelas ações que favorecem o seu desenvolvimento normal e contribuem para “toda beleza e toda a perfeição de que é suscetível”, tornando-se sadio e apto a obedecer às exigências das vontades. Educação do espírito é a que cuida do aperfeiçoamento das faculdades mentais inatas; do desenvolvimento das aptidões; a que faz brotar, na medida do possível, aquelas faculdades latentes que só aparecem por efeito dos esforços por parte do educador e do educando; a que encaminha para o aperfeiçoamento moral; desenvolve e fortifica a vontade; dá energia e iniciativa. (MOURA, 1925, p. 25)

A autora finaliza essa temática afirmando que a educação estética “encaminha o espírito para gozos mais internos, nascidos do sentimento delicado, da natureza superior, da instrução, para o prazer moral, e oferece descanso ao espírito e fortalece o corpo.” (MOURA, 1925, p. 25).

O foco de Maria Lacerda de Moura não é no desenvolvimento dos músculos e força física. Seu objetivo é a saúde física do organismo todo, pois, para ela, um corpo saudável proporciona alegria, disposição e prepara o cérebro para a aprendizagem. Ou seja, expõe a educação física como estimulante das faculdades mentais da vida humana. Ainda alerta para o perigo e prejuízos que a ginástica praticada de forma errada pode causar à saúde. Além disso, explica que “a educação física é a parte da educação que se encarrega de proporcionar meios para o desenvolvimento harmônico e para a saúde de todo o organismo” (MOURA, 1925, p. 79).

A autora define os meios empregados na educação física de duas formas: diretos ou positivos (relacionados à ginástica e aos exercícios em geral) e indiretos ou negativos (a higiene em todas as suas aplicações). Ela explora a opinião de autores que preferem o primeiro ou o segundo meio, como Spencer, Mosso, Claparède, Bettman, Kemsis, entre outros. Além disso, a autora critica os professores de ginástica, que não conhecem o organismo humano e os efeitos que esses exercícios podem causar. Exemplifica relatando que alunas já deixaram suas aulas por dores de cabeça. Ainda sobre esse assunto, reprovava os exercícios militares, que os alunos

dos colégios militares, ou imitadores, são sujeitados para festividades. Comenta que, “durante horas consecutivas, ao sol, entre nuvens de pó, carregando o peso extraordinário das carabinas, meninos de 11 e 12 anos se submetem a marchas forçadas, sujeitos a infecções, estafa, treinando para as exposições das paradas oficiais.” (MOURA, 1925, p. 81). Completa dizendo que essa educação não visa a saúde, o preparo para a vida e desenvolvimento harmônico do corpo. Ainda explica que, durante essas paradas, é comum a presença de médicos e ambulâncias ou recursos para os casos de insolação, estafa e esgotamento dos alunos.

Em 1924, conforme consta no documentário⁴¹ de Miriam Leite sobre Maria Lacerda de Moura, uma época em que o integralismo e o nazismo cresciam assustadoramente, o povo mobilizava várias manifestações contra o nazi-fascismo.

No momento em que revejo estas “Lições” - escrevo ao som de metralhadoras e fuzis e tiros de canhão sobre a cidade (capital de São Paulo) indefesa, entregue a soldados há já 36 horas; o pânico é indescritível; mortos e feridos, inúmeros - debaixo dos próprios tetos varridos pelas balas, e até agora ninguém sabe o motivo, e a insegurança é geral, a expectativa e o pasmo dominam a situação angustiosa de toda essa população (6 de julho de 1924). E eu me lembro das mãos desses oficiais e toda essa casta governamental causadora de tanta desgraça perfeitamente evitável! Teriam elas pensado no seu papel de educadoras algum dia? Analiso a atual organização social que facilita, e até impõe as guerras, as revoluções, quando o homem se esquece da sua individualidade consciente para voltar a ser o troglodita das cavernas - nas trincheiras cavadas pelos preconceitos, pelas ambições e pelo egoísmo sórdido. Quantas crianças, quantas mulheres, quantos pais de família e quantos moços cheios de esperanças já foram e ainda serão sacrificados pela sanha de soldados de ambos os partidos - senhores da situação numa cidade como São Paulo! (MOURA, 1925, p. 120)

Em seguida, retomando Anatole France e seu discurso no Congresso dos Sindicatos de Professores da França, o qual traçou o papel do professorado moderno e o programa do ensino humano, ressalta os deveres da educação e do professor na formação de alunos a fim de desestimular o discurso de ódio e consequentemente evitar as guerras.

“a guerra nos mostrou, subitamente, que a educação popular do amanhã deve ser, de todo, diferente da de outrora (...). O professor deverá fazer amar a criança a paz e os trabalhos da paz; ensinar-lhe a detestar a guerra. Deverá banir do ensino tudo que excita ao ódio contra o estrangeiro, mesmo o ódio contra o inimigo da véspera; não que devamos ser indulgentes para o crime e absolver todos os culpados, mas porque um povo, seja qual for, seja em que momento for, é composto de mais vítimas do que de criminosos, porque não devemos prosseguir no castigo dos maus sobre as gerações inocentes e porquê, enfim, todos os povos têm muito que se perdoar mutuamente. Só tenho ódio ao ódio. Queima! Queima todos os livros que ensinem ódio! Exalte o trabalho e o amor! Forma-nos homens razoáveis, capazes de espezinhar os vãos esplendores das glórias bárbaras e de resistir às ambições sanguinárias dos nacionalismos e imperialismos que esmagaram os seus autores. Nada de rivalidades industriais, nada de guerras: trabalho e paz. Queiram ou não, soar á hora de sermos

---

⁴¹Maria Lacerda de Moura – Trajetória de uma rebelde: <https://www.youtube.com/watch?v=pom4W-FW4jo&t=2s>

cidadãos do mundo ou de assistirmos a derrota da civilização. Essa é a mensagem do grande Anatole France aos professores do mundo inteiro. Razão, sabedoria, inteligência, força do espírito e do coração, vós, que eu tenho invocado sempre piedosamente, vinde a mim, ajudai-me, sustentai a minha voz, leve-a, se possível, a todos os povos do mundo e difundi-a por toda a parte onde haja homens de boa vontade para ouvir, diz a benfazeja verdade! (MOURA, 1925, p. 47).

Então, o que Maria Lacerda de Moura interpreta como exercício necessário para o desenvolvimento do aluno? Suas *Lições* apresentam como ideal o exercício racional, que tem consideração de acordo com o organismo, condições hereditárias, predisposição e não pode ser ministrado como qualquer aula, pois pode atingir o objetivo contrário ao que é desejado, como fadiga, impaciência e irritabilidade. Ela recorre à psicologia para justificar que “o trabalho físico é elevado coeficiente de fadiga”. (MOURA, 1925, 83). Utiliza os autores Mosso, Claparède, Bettman, Kemsis para justificar que as aulas de ginástica não devem ser ministradas antes de disciplinas que demandam grande esforço intelectual, pois são cansativas; e nem depois da realização de trabalhos, pois tiram o proveito do aprendizado que ocorrera. (MOURA, 1925). Essa preocupação também é identificada na tese *Tempo, temporalidade e ritmos nas escolas primárias públicas em São Paulo: heranças e negociações*. (GALLEGO, 2008).

Visando o melhor aproveitamento das aulas de ginástica, a autora ainda justifica que é por essas razões que o professor dessa disciplina não pode ser qualquer um que tenha afinidade com atividades físicas ou que conheça os exercícios e as regras de como fazê-los ou, como era de costume na época, “um soldado da força pública” (MOURA, 1925, p. 85). Mas, sim, um professor que saiba o porquê e as consequências dos exercícios para cada organismo, pois o exercício físico afeta a atividade mental do indivíduo. Para melhorar o entendimento e utilizando o autor Claparède, que divide a ginástica em educativa e higiênica, vejamos: A primeira delas deve ser ministrada pela manhã, com o organismo descansado, e tem como objetivo “desenvolver a atenção, a prontidão de movimentos, a coragem e a vontade.” (MOURA, 1925, p.85) Já a ginástica higiênica deve ser ministrada à tarde, no fim das aulas, e tem por finalidade “descansar, corrigir, dar coragem, ativar a energia, fazer readquirir a boa disposição, descongestionar o cérebro; e é feita por meio de exercícios automáticos, regidos pela medula espinhal, exclusivamente para organismos que trabalham e requerem repouso depois da fadiga”. (MOURA, 1925, p. 85)

A saúde é a primeira condição da felicidade e os educadores devem favorecer as condições para preservá-la e, assim, os alunos crescerão fortes física e mentalmente, pois a ginástica auxilia o desenvolvimento e a higiene concede, ou aperfeiçoa, a saúde pré-existente. (MOURA, 1925). Já se assinalou, anteriormente, que Maria Lacerda de Moura é defensora do

exercício físico moderado, objetivando a saúde e o desenvolvimento do corpo e não os músculos e a força. A autora reconhece que a ginástica escolar é aquela que consiste em "movimentos regulares e delicados, exercícios de respiração para ventilar os pulmões. (...) Essa ginástica ativa a circulação, e a respiração se faz mais completa; desenvolve, harmoniosamente, todo o organismo; evita ou corrige as más atitudes" (MOURA, 1925, p. 95), auxiliando no desenvolvimento intelectual e também evita excessos: movimentos bruscos e exageros.

Para Moura (1925) os exercícios físicos devem ser feitos acompanhados de prazer, ao ar livre, com roupas e sapatos confortáveis para auxiliar os movimentos, com ou sem utilização de aparelhos. "A regra geral para qualquer exercício natural ou ginástico é fazê-lo com atenção, voltando o espírito exclusivamente para o que se executa no momento – porquanto as células ganham duplamente, obedecendo e executando as ordens mentais". (MOURA, 1925, p. 101).

Ao continuar a discussão sobre os exercícios físicos, Moura (1925) traz explicações e diversos autores que fundamentam sua escrita sobre diferentes tipos de exercícios e suas funções, como os exercícios calistênicos, a ginástica sueca, a ginástica respiratória, mas é na educação física negativa, ressaltando mais uma característica da Escola Nova, que a autora manifesta sua prática como educadora.

A educação física negativa consiste na higiene. No contexto apresentado pela autora, o termo higiene significa ter saúde e "é um conjunto de preceitos, buscados em todos os conhecimentos humanos, mesmo fora e além da medicina, tendentes a cuidar da saúde e a poupar a vida" (MOURA, 1925, p. 110). A educação física negativa está relacionada à alimentação, ao vestuário e aos cuidados pessoais. Ressalta o alimento como um fator importante devido aos problemas a ele relacionados e evidencia que "todo cuidado é pouco na alimentação infantil" (MOURA, 1925, p. 111). Disserta sobre o quanto a mortalidade infantil é assombrosa. Comenta sobre a importância do aleitamento materno e o poder nutritivo dos alimentos. Fala também sobre como evitar a miséria psicológica. Além disso, destaca a importância da água e afirma que não se deve privar uma criança de comer quando ela tem vontade. Enfatiza que não é problema comer doces, como as mães são ensinadas, mas que o problema é comer em excesso, pois deve-se evitar o abuso alimentício. Comenta também sobre como a higiene inadequada que se faz nos alimentos pode ocasionar a contração de germes e parasitas. "A higiene alimentar deveria ser motivo de estudos especializados e cuidadosos nas Escolas Normais, donde saem as futuras mães, as futuras educadoras de gerações sucessivas". (MOURA, 1925, p. 112).

Quanto ao vestuário, ressalta que deve ser confortável e de acordo com as estações do ano. Utiliza autores como Spencer e Compayré, que endossam a importância da roupa adequada para o desenvolvimento da educação física, e cita os tratados de higiene que têm mais informações sobre a adequação do vestuário. Ela finaliza esse tópico com uma *Lição* para o educador:

E, se o educador, que se prepara a fim de velar e desenvolver o organismo da criança, não conhece as leis da fisiologia, as regras e as prescrições da higiene, se desconhece as vantagens e os perigos da ginástica, se não se preocupar com os estudos da natureza do homem e sua evolução desde o nascimento não poderá dar conta da sua missão senão de modo imperfeito, deseducando... (MOURA, 1925, p. 114).

Sobre os cuidados pessoais, ressalta a importância da mãe e da ama para os cuidados do recém-nascido. Depois, conforme a criança cresce, imita o adulto, e o educador contribui com o aperfeiçoamento dos preceitos de higiene: como pentear o cabelo, escovar os dentes, tomar banho, lavar as mãos antes das refeições, etc.

Aos poucos saberá que é preciso respirar bem para gozar saúde e sua observação, atenção, a curiosidade vai sendo desenvolvida nas explicações transmitidas a respeito das prescrições impostas. Sem livros, sem regras, sem autoritarismo e sim pela persuasão, carinhosamente, a criança se vai educando, fortificando o corpo para gozar saúde e transmitir a alegria de viver e para a satisfação de uma inteligência robusta e vontade perseverante. (MOURA, 1925, p. 116)

A autora traz um esquema explicativo de J. A. Coelho para esclarecer as condições exteriores do meio físico que são capazes de atuar no educando. Portanto, entende-se por meio físico os materiais que atuam no organismo:

Figura 7 – O meio físico

Fonte: MOURA, 1925, p. 117

Está aqui formulado o programa de Higiene aplicado à teoria da educação. É um pequenino esboço. Nem sempre a timidez, a falta de atenção, de aplicação ou aproveitamento vem do não desejo de aprender, e sim provém do estado geral do organismo – mau estômago, intestinos doentes, fígado, dentes cariados, rins ou miséria fisiológica. E quando uma criança se modifica de repente, quando seu temperamento sofre mudança brusca, se de um dia para o outro se torna vadia, sonolenta, desatenta ou turbulenta, desinquieta, é preciso ver se alguma causa interna ou se as condições a que submetem esse indivíduo na família não são motivos dessa modificação. (MOURA, 1925, p. 118).

E completa dizendo que o professor deve ser curioso. Que o médico deve curar, mas o educador, ao acompanhar a evolução do educando, deve prever as enfermidades para auxiliar o médico e a família, pois “a Pedagogia Científica não dispensa a colaboração desses três fatores” (MOURA, 1925, p. 115). O professor deve estar atento ao desenvolvimento físico e mental dos alunos e, como atuante do movimento operário, completa expondo sua preocupação com as crianças pobres e os proletários mal alimentados, que são prejudicados em ambos os desenvolvimentos.

Por isso, impõe-se a assistência á infância, sob todas as formas – vestuário, alimentação, assistência médica e dentária, assistência escolar e domiciliar até que a sociedade se reorganize de modo a prover fartamente a subsistência de todos, pelo trabalho organizado, a promover o bem-estar para todos, a sentir a significação da expressão – fraternidade humana. E a mulher cumpre esses cuidados, essas iniciativas. Conservamo-nos indiferentes, criminosamente indiferentes à miséria social, a dor universal. As caixas escolares não devem ter outro objetivo. Todas as futuras professoras têm por dever levar nas mãos o livro e o fogo sagrado para a regeneração da Humanidade pela própria Humanidade. (MOURA, 1925, p. 119).

Para a autora, a maldade vem da ignorância, do amor-próprio e da ambição das pessoas, e completa afirmando que a verdadeira civilização vem da instrução, de sentimentos elevados de solidariedade humana.

Sob o ponto de vista de que os jogos contribuem para a formação psicológica da criança, a autora disserta a respeito e afirma que “é de necessidade imprescindível na vida da criança: é o próprio desenvolvimento e é a atividade para todo indivíduo – na falta de outras atividades.” (MOURA, 1925, p. 121). Para justificar seus argumentos, traz os autores Groos, Claparède, Froebel e Montessori, e ressalta que esses dois últimos basearam seus processos de ensino nas atividades lúdicas das crianças. “Quando brincamos, vivemos na realidade – é a tendência para a imitação e o preparo para a vida séria. É a representação, a memória orgânica, o impulso para a vida, a luta, é a personalização e a fantasia ao mesmo tempo.” (MOURA, 1925, p. 121). A autora apresenta os jogos divididos em funções gerais (percepção, motricidade, idealização, sentimentos, vontades) e especiais (imitação, sociabilidade, egoísmo coletivo, energia, persistência, etc), bem como demonstra os desenvolvimentos das características psicológicas resultantes de cada tipo de recreação.

Para a autora, o jogo é preparador para a vida adulta e considera como jogos brincadeira de gente grande: os sonhos, a religião, as paradas militares, a política, etc, “é a ilusão, é a substituição, o parecer e não ser.” (MOURA, 1925, p. 135). As descobertas, inventos, teorias, ciência, tudo veio da experimentação, das brincadeiras, do lúdico. (MOURA, 1925). A autora também enxerga o planeta Terra como um imenso ginásio, e diz que a humanidade se exercita nesse local “desde que nasce até a morte”. (MOURA, 1925, p. 138).

Segundo Maria Lacerda de Moura, a fisiologia experimental demonstra positivamente a necessidade da educação dos sentidos. Ressalta a importância da educação dos órgãos sensoriais para o desenvolvimento das demais funções: educar os sentidos para estimular, desenvolver e aperfeiçoar o cérebro. Além dos cinco sentidos clássicos: visão, audição, tato, olfato e paladar, a autora disserta sobre o sentido cromático, sentido do espaço visual, sentido da proporção, sentido térmico, sentido da dor, sentido muscular, sentido bárico, sentido esteriognóstico, sentido da vida (orgânico, coenestesia⁴² ou vital), e o sentido do equilíbrio.

---

⁴² Cruzamento ou acoplamento de todas as informações sensoriais que constituem a base para a autoconsciência, incluindo o senso de ser a pessoa o agente de seus próprios pensamentos ou ações (*agency*) e o senso de

A educação dos sentidos deve ser geral e especial. Geral é a que tem por fim o desenvolvimento de todos os sentidos, gradativamente. Especial - o exercício de um ou outro dos sentidos - para aprendizagem de uma arte ou ofício. A educação sensorial de um sentido determinado deve ser o aperfeiçoamento, de acordo com as necessidades profissionais, depois do desenvolvimento ou da educação sensorial geral. (MOURA, 1925, p. 144).

Para comprovar os seus argumentos sobre a importância da educação dos sentidos para uma vida prática, utiliza autores como Rousseau, Froebel e Pestalozzi, bem como Necker de Saussure, Pape Carpentier, Compayré, Locke, A. Espinas, Buisson e, como não poderia faltar, a grande referência da autora: Maria Montessori. O objetivo da educação dos sentidos é o “desenvolvimento da inteligência com todas as suas faculdades de observação, raciocínio, julgamento e escolha (vontade, ação, autoeducação)”. (MOURA, 1925, p. 147).

Conforme já citado anteriormente, o educador deve ser higienista, ou seja, deve conhecer, cuidar e vigiar o desenvolvimento do organismo do educando, afastando tudo o que possa prejudicar-lhe. Porém, não é obrigado a acompanhar o desenvolvimento individual dos órgãos, essa tarefa compete aos médicos. Mas deve conhecer o que pode favorecer ou atrapalhar o crescimento físico e o desenvolvimento mental, comprometendo a formação do educando. (MOURA, 1925). Os fatores que comprometem o crescimento físico da criança são “a carência da alimentação, estudo precoce, o esforço físico ou mental precoce, a falta de calma, as excitações de toda espécie – cinematográfica, bebidas (...) (café, chá, etc), a agitação ou nervosia das pessoas, a carência do sono reparador, frequentar cedo a sociedade.” (MOURA, 1925, p. 210). Afirma que a educação e o meio social são causas ou contribuem para o desenvolvimento de perturbações no indivíduo, que comprometem o desenvolvimento físico. “O medo, a falta de carinho, o excesso de carinhos, os sustos, as emoções deprimentes ou excitantes, os maus tratos, o excesso de gulodices e a carência de alimentação perturbam o funcionamento regular dos órgãos e prejudicam a evolução física e mental.” (MOURA, 1925, p. 210).

Ainda ressalta que cada indivíduo tem a sua particularidade no crescimento físico e que o importante é a qualidade desse crescimento e não a quantidade. Muitas vezes, espera-se que a criança tenha certos tipos de atitudes esperadas para a sua idade. Porém, deve-se levar em consideração que a criança é um ser que está em formação. O educador deve ter esse olhar e “não só deverá conhecer o vigor ou o esforço de que é capaz o aluno, como até instruí-lo no

---

propriedade (*ownership* ou *myiness*), o senso de que é a pessoa, ela própria, que está experimentando seu pensamento, emoção ou movimento. (DANTAS, 2005)

seu estado fisiológico, guiá-lo para as ocupações de que é e poderá ser capaz, ensinar-lhe a saber utilizar-se das suas energias”. (MOURA, 1925, p. 212). É preciso compreender o desenvolvimento não estando apenas preocupado com o intelecto, mas também com a saúde.

O cuidado com o crescimento físico e as medidas das antropométricas tem valor incontestável – não para se medir ou avaliar o grau de capacidade intelectual, mas para a saúde, a robustez, para velar pelo bem-estar do indivíduo e para garantia do seu desenvolvimento normal e evitar-lhe o desgosto e o prejuízo social de um organismo enfezado e mal disposto para as lutas da vida e a pobreza do esforço em busca da própria alegria. (MOURA, 1925, p. 214)

Conforme já citado anteriormente, Maria Lacerda de Moura afirma que a saúde física compromete o desenvolvimento mental da criança. Por isso, a família, educador e médicos devem, juntos, atentar para as doenças venéreas, dentes, garganta, enfim, exames gerais para identificar doenças que deixam as crianças indispostas e causam o retardamento do crescimento físico e mental. Salienta a importância da caderneta de saúde e da antropometria escolar, pois os dados contidos na caderneta de saúde permitem ao médico e ao educador a verificação dos períodos e das crises do crescimento: peso, estatura, moléstias, enfim, observações sobre todo o desenvolvimento do organismo do indivíduo. Utilizando Binet, a autora disserta sobre os instrumentos para coletar os dados da antropometria escolar. Sendo eles a balança para pesar, a toesa para medir a altura, o compasso de espessura para a largura dos ombros, o dinamômetro para aferir a força muscular e o espirômetro para medir a respiração e avaliar a capacidade vital. Segundo Moura (1925), a antropometria escolar

permite conhecer a criança e o meio social em que vive, facilitando a obra humanitária da assistência, indispensável à regeneração física e ao desenvolvimento das possibilidades mentais – neste período de transição social – enquanto não for distribuída mais justiça na partilha do bem-estar e da alegria de viver. (MOURA, 1925, p. 263).

Para a autora, a missão da escola é “acalmar, acompanhar o desenvolvimento natural, a expansão, a liberdade. (...). O educador quer a saúde, a felicidade, o bem-estar da criança e, nela, procura velar pelas gerações sucessivas” (MOURA, 1925, p. 263). Na época em que escreveu suas *Lições de Pedagogia*, Maria Lacerda de Moura "propunha-se a tornar a educação um aparelho de equalização de oportunidades econômicas e sociais de cada indivíduo. (LEITE, 2005, p. 18). Sempre preocupada com a educação das crianças pobres e com o papel do proletariado em nossa sociedade, ressalta como esse grupo sofre com a perpetuação das desigualdades sociais, pois “as crianças pobres, mal alimentadas, mal agasalhadas, mal dormidas, desenvolvem-se menos, sofrem as consequências das injustiças sociais e concorrem para a perpetuação desse estado de civilização, o qual permite que o homem seja o explorador do próprio homem.” (MOURA, 1925, p. 215). Para a autora, a educação tem relação direta com

a solução das questões sociais e é na escola que deve nascer e crescer o sentimento de respeito a todas as criaturas, o desejo da equidade e de fraternidade humana e solidariedade.

O objetivo da pedagogia moderna é adaptar o ensino, o trabalho infantil às exigências do desenvolvimento físico e mental da criança. O crescimento físico influi no crescimento mental. Esse crescimento físico não é o mesmo em todos os órgãos que influem na disciplina ou indisciplina e está na razão inversa do crescimento mental. (MOURA, 1925, p. 217).

Nos escritos de Maria Lacerda de Moura, é possível perceber o anseio pela extinção das desigualdades sociais, e ela afirmou que a educação era um meio de evidenciar a segregação social. Defendia que, através da educação física, dos sentidos e da observação, além do acompanhamento da antropometria escolar, o educador estaria munido de artifícios que proporcionariam o desenvolvimento físico, mental e intelectual do educando, tudo isso permitindo o desenvolvimento da criança através das próprias experimentações.

Capítulo III

Solo percorrido: a circulação das Lições

Já se assinalou que Maria Lacerda de Moura nasceu em 1887, na fazenda Monte Alverne, em Manhuaçu, quando Minas Gerais era uma província. Em sua autobiografia datada de 1929, reproduzida no livro de Leite (2005), encontra-se a informação de que, aos quatro anos de idade, juntamente com seus pais e um casal de irmãos, mudaram-se para a cidade de Barbacena, também em Minas Gerais, local onde seu pai conseguiu um emprego como oficial do Cartório de Órfãos. Ao mesmo tempo, sua mãe fazia doces para vender. Começou sua trajetória escolar em uma escola de freiras e formou-se na Escola Normal de Barbacena (1904), onde continuou a lecionar Pedagogia e Higiene. Enquanto professora, escreveu crônicas para um jornal local. Em seguida, escreveu apontamentos de Pedagogia para suas alunas. Nessa mesma época, algumas pessoas de sua família passaram a criticá-la, pois sua postura não condizia com o que se esperava de uma mulher e de uma educadora.

Mudou-se para São Paulo em 1921. Nessa época, conheceu José Oiticica, que lhe apresentou a literatura revolucionária. A partir disso, passou a ser uma educadora intensamente envolvida com o movimento anarquista e é considerada uma das pioneiras do feminismo no Brasil. (LEITE, 2005). Sabe-se que seus escritos foram encontrados além do território nacional, foram publicados em revistas na Espanha e na Argentina. (RAGO, 2007). Sua escrita, reflexões e debates, juntamente com sua personalidade destoante da época, permitem identificá-la como uma mulher forte e de grande influência (LEITE, 2005). Sua vida e carreira têm sido objeto de vários estudos e comentários entre os educadores.

No primeiro capítulo da presente dissertação, foi possível analisar alguns desses comentários, reunidos para apresentar as *Lições de Pedagogia* (MOURA, 1925). Após ler tantos elogios de escritores a essa autora, pressupõe-se que exista a curiosidade em saber quem foi essa mulher pioneira e tão extraordinária, como muitas vezes foi chamada. Sua cronologia de vida e autobiografia podem ser encontradas no livro *Maria Lacerda de Moura – uma feminista utópica* (LEITE, 2005). Além disso, sua autobiografia foi publicada no Jornal *O Combate*, no dia 3 de agosto de 1929, em São Paulo. Maria de Lacerda de Moura foi uma educadora anarquista brasileira que se notabilizou por seus escritos feministas. Foi militante, jornalista, conferencista e pensadora, conforme já assinalaram as pesquisas de Luzia Margareth Rago (2004; 2007; 2012) e Denise Ferreira (2012).

Figura 8: Maria Lacerda de Moura

Fonte: Leite, 2005

Mineira, nascida em Manhuaçu no dia 16 de maio do ano de 1887, casou-se aos 17 anos, mas, aos 27 anos, começou a recusar a identidade doméstica e iniciou os estudos de diversos assuntos até se encontrar numa posição de feminista radical. Formou-se na Escola Normal de Barbacena, onde teve contato com a obra de pedagogos anarquistas como Paul Robin e Francisco Ferrer Guardia e trabalhou como educadora, adotando a Pedagogia libertária de Francisco Ferrer Guardia, lecionando nas chamadas “escolas modernas”, ou seja, instituições que, à época, tinham uma proposta educacional pautada numa educação científica, racionalista e igual para ambos os sexos. Segundo Miriam L. de Moreira Leite (1984), Maria era espírita e anticlerical, porém “se destaca pela rebeldia que caracteriza sua experiência pessoal e pela ousadia de seu pensamento, enunciado nos inúmeros artigos, folhetos e livros publicados, tanto quanto nas conferências realizadas nos círculos operários e femininos.” (RAGO, 2007, p. 277)

No esboço biográfico aqui apresentado, sublinha-se ainda que Moura:

Foi autora de quinze livros, escritos no período de 1918 a 1939, além de inúmeros artigos na grande imprensa e operária, e de ter dirigido, em 1923, a revista *Renascença*, que teve cinco números. Suas conferências atraíam um público heterogêneo que vinha ver de perto a discussão de pontos polêmicos

como, a emancipação da mulher e sua educação, a mulher e o trabalho, a religião e a mulher, ou a sexualidade feminina, abordados entusiasticamente por uma pessoa que, segundo depoimentos, nunca alterava a voz e tinha uma aparência meiga e modesta. (DIAS, 1996, p. 78).

Segundo o artigo escrito por Margareth Rago e publicado no site labrys⁴³, Maria Lacerda de Moura foi uma das pioneiras do feminismo no Brasil, tendo fundado, em 1921, a Federação Internacional Feminina. Anarcofeminista, ela foi uma das poucas ativistas que se envolveu diretamente com o movimento operário e sindical de sua época. Entre 1928 e 1937, Moura viveu numa comunidade em Guararema (SP), no período mais intenso da sua atividade intelectual, tendo descrito esse período como uma época em que esteve livre de escolas, igrejas, dogmas, academias, ou de qualquer tipo de limitação governamental, religiosa e social. A professora militante anarquista morreu no Rio de Janeiro, em 1945. Mas suas experiências são, ainda hoje, celebradas. Note-se, por exemplo, a música intitulada Maria Lacerda⁴⁴, do grupo “Os Replicantes”, no álbum lançado em 2010:

Ela estava certa
 Viva Maria Lacerda!
 Livre de escolas
 Livre de igrejas
 Livre de dogmas
 Livre de muletas!
 Direito ao prazer sexual
 Independência social
 Livre de escolas
 Livre de igrejas
 Livre de dogmas
 Livre de muletas!
 Direito ao prazer sexual
 Independência social
 Para ela o amor só seria livre quando as mulheres não fossem mais compelidas
 aos braços dos homens
 Por estarem submetidas a constrangimentos religiosos ou financeiros
 Seja pelo casamento,
 pela prostituição,
 ou pela escravidão do salário
 Ela estava certa
 Viva Maria Lacerda!
 Uma anarquista brasileira
 Viva Maria Lacerda!
 Livre de escolas

⁴³ <https://www.labrys.net.br/labrys5/textos/moura.htm> Acesso em: 12 de julho de 2020.

⁴⁴ <https://www.letras.mus.br/replicantes/1396658/> Acesso em: 12 de julho de 2020 e <https://www.youtube.com/watch?v=296CmB3AfMA> Acesso em: 12 de julho de 2020.

Livre de igrejas
 Livre de dogmas
 Livre de muletas!
 Direito ao prazer sexual
 Independência cultural

Talvez não seja exagerado supor que o feminismo, razão de seu pioneirismo e inovação, tenha sido uma das grandes marcas das obras de Maria Lacerda de Moura. Nas *Lições de pedagogia* (1925), ela mesma destacou esse aspecto, ao finalizar o livro afirmando que:

Quando a mulher acordar para a reintegração em si mesma – pasmará ao reconhecer haver perdido tanto tempo em fatuidades que desgastam as energias e virá, cheia de *entusiasmo*, unir o seu esforço ao trabalho fecundo de todos *aqueles* que *colocam* os interesses da Humanidade acima dos seus *próprios* interesses. (MOURA, 1925, p. 265)

Destinando-se à Escola Normal e ao magistério primário atuante, o livro dirigiu-se a um público feminino. Ele foi escrito “principalmente para as alunas de Escolas Normais e para professores primários: para a educação popular”, pois “não há livros didáticos senão para mestres, senão para estudiosos de gabinete, entre nós”. (MOURA, 1925, p. 264). Sua linguagem foi destacada pela autora como simples e com preocupação didática. Por isso o texto contou com a presença de “repetições, etimologia dos vocábulos científicos, técnicos” buscando a “singeleza necessária para os cérebros ainda não habituados a esse gênero de estudos”. (MOURA, 1925, p. 264).

Note-se, nessas palavras de Moura (1925) ao apresentar seu manual, a questão de gênero presente: ora, o livro teve como foco as normalistas, a ‘educação popular’, público carente de ‘obras didáticas’, diferentemente do que aconteceu com os ‘estudiosos de gabinete’ que, pelo que tudo indica, eram homens. Isso conduz a lembrar que, já nas décadas iniciais do século XX, vislumbrava-se o processo de feminização do ensino (DEMARTINI e ANTUNES, 1993). Ao construir essa história, Zeila Demartini e Fátima Antunes (1993) recorreram a relatos orais de velhos professores e outros documentos, evidenciando que a docência foi se tornando uma ocupação predominantemente feminina desde finais do século XIX. Nas décadas seguintes, as mulheres foram atuando, na maioria das vezes, nas salas de aula primárias, enquanto os postos de direção continuaram a ser ocupados pelos homens.

Suas publicações não se limitaram aos livros que foram citados no presente trabalho. Além deles, a autora escreveu outros, bem como inúmeros artigos e folhetos que denunciavam as várias formas de opressão burguesa, a dominação masculina, a exploração dos operários, a

desigualdade social, etc. Já se assinalou que sua trajetória de publicações não se limitou às terras brasileiras, pois se sabe que a obra *A mulher é uma degenerada?* (1925) também foi publicada na Argentina. Estudos sobre Maria Lacerda de Moura (LIMA, 2016; RAGO, 2007) também afirmam que vários de seus textos são encontrados em revistas publicadas na Espanha e na Argentina entre as décadas de 1920 e 1930. Um exemplo dessas publicações é um artigo encontrado na revista *Estudios*, datado em 1931, o qual apresenta Maria Lacerda de Moura em termos muito elogiosos que ressaltam, novamente, o seu pioneirismo como autora.

No existe en el Brasil, por lo menos que lo sepamos nosotros, una institución docente ni entidad alguna que haya realizado una labor de tanto alcance en la esfera psicológica y en el orden normativo que pueda compararse a la obra notabilísima llevada a cabo por la egregia pensadora María Lacerda de Moura, que encarna el tipo de la mentalidad femenina evolucionada, cultísima, discreta y ponderada, audaz e inaudita. Es indudable que la producción filosófica y pedagógica debida a la gran ideóloga, tiene un extraordinario valor intelectual; pero desde el punto de vista ético acaso su personalidad se destaque de modo superlativo. Aun en los países en los que la literatura feminista logró mayor esplendor, escritoras del temple de María Lacerda no abundan.⁴⁵ (CAMP⁴⁶, 1926, p.12)

Rago (2007) ainda destaca o quanto os escritos de Maria Lacerda de Moura permitem reflexões filosóficas e políticas e ressalta o fato de que, há mais de um século, tocavam com “profundidade em questões que, de modo geral, eram consideradas de menor peso diante da importância que assume a luta pela mudança dos sistemas socioeconômicos e dos regimes políticos” (p. 280). A construção de um pensamento original permitiu o debate e o diálogo com autores críticos, rebatendo os argumentos dos conservadores de sua época. Maria Lacerda de Moura, “apostando na solidariedade, no respeito à diferença, na liberdade de amar e no pacifismo, lutou contra os micropoderes que atravessam as relações do cotidiano da vida real, tanto quanto contra o poder bélico e o racismo dos estados.” (RAGO, 2007, p. 288). Ainda que

---

⁴⁵ Não existe no Brasil, pelo menos que saibamos, uma instituição docente ou uma entidade que tenha realizado um trabalho de tanto alcance na esfera psicológica e na ordem normativa que possa comparar-se à obra de Maria Lacerda de Moura, que encarna o tipo da mentalidade feminina evoluída, cultíssima, discreta e ponderada audaz e inaudita. É indubitável que a produção filosófica e pedagógica devido à grande ideóloga tem um extraordinário valor intelectual; porém, é do ponto de vista ético que sua personalidade se destaca de modo superlativo. Mesmo nos países em que a literatura feminista logrou maior esplendor, escritoras do porte de Maria Lacerda não abundam. (Tradução em RAGO, 2007, p. 280)

⁴⁶ Santiago Valentí Camp foi um jornalista, escritor, editor, sociólogo e político espanhol, nascido em Barcelona em 1875. Ingressou no Partido Republicano Central e dedicou-se ao jornalismo militante. Foi editor dos jornais *La Justicia*, *Germinal* e *Vida Nueva*, de Madrid; *La Publicidad*, de Barcelona; *A Autonomia*, de Reus, e *El Nordeste*, de Gijón. Estudou Direito na Universidade de Oviedo. FONTE: <http://www.filosofia.org/ave/001/a262.htm>

a fonte e objeto da presente pesquisa trate sobre educação, essa preocupação assinalada por Rago (2007) é percebida em suas *Lições de Pedagogia* (MOURA, 1925).

1. Maria Lacerda de Moura e a Educação

Todas as pesquisas, vídeos e artigos sobre Maria Lacerda de Moura, ainda que se aprofundem em sua importante participação nos movimentos feministas e anarquistas, abordam sua trajetória como educadora, mesmo que brevemente. É difícil enquadrá-la em um movimento tendo em vista seu envolvimento social, político e histórico, previamente apresentado, mas pode-se afirmar que não é possível falar de Maria Lacerda de Moura sem falar de educação.

Como já apontado, sua trajetória começou em Barbacena (MG). Sabe-se que a maioria das pesquisas sobre Maria Lacerda de Moura é voltada ao feminismo, anarquismo, o período que ela permaneceu em São Paulo. Guimarães (2016) teve acesso à documentação contida no arquivo da Escola Normal em que Maria Lacerda de Moura estudou e lecionou. Essa documentação está disponível na atual Escola Estadual Embaixador José Bonifácio, na cidade de Barbacena (MG). Teve acesso também aos jornais que circularam na cidade durante o período em que Moura viveu em Barbacena e às cartas que ela enviou, bem como a alguns depoimentos de conhecidos e parentes.⁴⁷ Além dos escritos de Leite (1984, 2005), a pesquisa de Guimarães (2016) permite conhecer a Maria Lacerda de Moura que viveu em Barbacena. A presente pesquisa foca em sua transformação, atentando para o período da vida da autora em Barbacena, quando escreveu *Em torno da Educação* (1918), até o período em que se mudou da terra natal para São Paulo, e escreveu *Lições de Pedagogia* (1925). Em sua autobiografia, fez a seguinte afirmação sobre o livro *Em torno da Educação*: "Que horror! Livro patriótico, exaltado, burguesíssimo, cheio de preconceitos e dogmatismos. Não o reconheço mais." (LEITE, 2005, p. 39). Tal trecho mostra a autora reconhecendo sua mudança.

Já se assinalou que a autobiografia de Maria Lacerda de Moura foi publicada no jornal *O Combate*, em 3 de agosto de 1929. (LEITE, 2005). Guimarães (2016) assinala que a Maria Lacerda de Moura de Barbacena nada se assemelha à pessoa que se tornou defensora da educação e emancipação da mulher e do anarquismo. Nasceu em 16 de maio de 1887, em uma

---

⁴⁷ Miriam Leite auxiliou com a disponibilização de materiais sobre Maria Lacerda de Moura.

fazenda em Manhuaçu. Aos cinco anos de idade, mudou-se para Barbacena⁴⁸ e, embora seu pai trabalhasse no cartório e sua mãe fabricasse doces para complementar a renda, a situação era precária. Por isso, estudou "as primeiras letras em um colégio de irmãs de caridade." (DIAS, 1996, p. 36). Segundo Guimarães (2016), o nome dessa instituição era "Externato de Freiras do Asilo de Órfãos da Igreja do Sagrado Coração de Jesus e Maria de Barbacena, instituição católica de educação comandada por freiras, que mantinha um setor de atendimento às crianças carentes." (p. 43). Por não ter condições de pagar a mensalidade cobrada em outras escolas da cidade, seu pai, que era espírita e anticlerical, matriculou Maria Lacerda de Moura e sua irmã nessa escola, mas não as manteve lá por muito tempo por perceber que tal educação poderia influenciá-las na formação espiritual e inseriu-as, cada vez mais, num contexto de constantes indagações e críticas sobre a Igreja Católica. (GUIMARÃES, 2016).

Meu pai, anticlerical, espírita convicto, quando sentiu, talvez, que essa Educação teria influência sobre o nosso espírito (meu e de minha irmã, mais moça do que eu), tirou-nos do colégio, onde também, apesar da minha pouca idade (dos 6 aos 10 anos), percebi o espírito de classe, de casta e a injustiça com que os católicos estabelecem a diferença econômica e de dominismo entre os colegiais e respectivas famílias, no trato aos ricos, aos potentados, e, no desprezo e exploração para com os pobres, os humildes e os de cor. (MOURA, 1929, s/p in GUIMARÃES, 2016, p. 46)

---

⁴⁸ Barbacena, no final do século XIX, era passagem estratégica para todos os que se dirigiam da capital brasileira – o Rio de Janeiro – ao interior de Minas, tornando-se importante rota comercial. A cidade está situada no alto da serra da Mantiqueira, e integra a mesorregião do Centro-Leste Mineiro (Zona das Vertentes). Com população pequena, 8.663 habitantes registrados pelo censo de 1900, o município já se destacava em diversos setores sociais e econômicos com a Estação Sericícola, indústria-escola destinada à disseminação da cultura da seda natural no Brasil, com a chegada do cinematógrafo e as experiências com o cinema sonoro, e também com a consagração da região como pioneira da indústria de laticínios no país (RIBEIRO, 2012). Foi comandada por grandes fazendeiros, guardando ares tradicionais e modernos, ao mesmo tempo (SAVASSI, 1991). Ramais ferroviários estratégicos, como os da Estrada de Ferro Dom Pedro II, a ligava à capital brasileira, transportando pessoas e produtos diversos entre os dois estados e impulsionando o crescimento da cidade. A Estrada de Ferro Dom Pedro II começou a ser construída em 1855. Ligava a capital, o Rio de Janeiro, ao estado de Minas Gerais e, assim como outras ferrovias, esteve relacionada ao processo de modernização do Império, alavancado a economia e a urbanização do Brasil. A ferrovia alcançou Barbacena em 1880, e Ouro Preto, então capital da província, em 1888 (MATOS, 1990). (GUIMARÃES, 2016, p. 41)

Figura 9: Maria Lacerda de Moura (em pé) e sua irmã mais nova, s/d.

Fonte: Guimarães (2016), p. 4

Segundo Dias (1999), Maria Lacerda de Moura foi matriculada na Escola Normal Municipal de Barbacena⁴⁹, aos 12 anos de idade, onde estudou até os 14 anos o Curso Complementar e, dos 15 aos 17 anos, o Curso Normal. Em sua autobiografia (LEITE, 2005), afirma que, após se formar, ministrou na mesma escola as disciplinas Pedagogia e Higiene. Em 1904, formou-se na Escola Normal, aos 17 anos. Antes de completar 18 anos, em 1905, casou-se por amor com Carlos Ferreira Moura, a quem se refere como “maior amigo, o mais dedicado,

---

⁴⁹ A Escola Normal Municipal de Barbacena foi inaugurada no ano de 1893, pela Lei Municipal de 17 de fevereiro de 1883, sendo reconhecida oficialmente pelo governo do estado de Minas Gerais em julho de 1895 (OFÍCIOS DA DIRETORIA DA ESCOLA NORMAL MUNICIPAL DE BARBACENA, 1937). Mantida pela Câmara Municipal, ofertava gratuidade em seus cursos para os estudantes reconhecidamente pobres, sendo os demais mensalistas. (GUIMARÃES, 2016, p. 47)

o que mais sofreu e o que mais lucrou, subjetivamente, através do esforço da minha evolução. (LEITE, 2005, P. 44). Já se assinalou que Moura era defensora da emancipação feminina e pesquisas (LEITE, 1988, 2005) assinalam que ela se divorciou do marido. Em 1928, data de sua biografia, ela escreveu sobre a importância do divórcio na busca pela liberdade de ambos, uma forma de se livrarem de um Estado e de uma sociedade injustos. “Meu marido terá o prazer e a independência de deixar de ser apenas o “marido” para ser considerado, em si mesmo, como homem, uma criatura, um ser livre. E eu me desvencilharei das leis conjugais que me reduzem à categoria de propriedade privada de um cidadão.” (LEITE, 2005, p. 45). Percebe-se, então, em suas palavras, uma ação futura, que ainda não aconteceu, porém não há informações sobre em qual ano Maria Lacerda e Carlos Moura se separaram.

Em 1908, Maria Lacerda começou a atuar como professora na Escola Normal Municipal de Barbacena. Nessa época, a escola era considerada exemplar dentre as outras da região (GUIMARÃES, 2006):

Foi responsável pela cadeira de *Pedagogia e Higiene* na Escola Normal Municipal de Barbacena, que envolvia as atividades de ensino e as atividades de direção do *Pedagogium*⁵⁰. Atuava no 4º e último ano do curso, com uma carga horária semanal de sete horas, sendo duas horas dedicadas à parte teórica e cinco à parte prática. Trabalhava com os conteúdos que envolviam a história da Educação, os métodos gerais do ensino, a organização e a legislação escolar, a psicologia infantil e higiene, além das noções sobre os cuidados médicos práticos para com as crianças. (GUIMARÃES 2006, p. 53)

Suas aulas teóricas foram elogiadas de acordo com o que se encontra no livro de termos de fiscalização da Escola Normal Municipal de Barbacena, no qual os inspetores registravam suas impressões sobre a escola e suas instalações, sobre as aulas dos professores, disciplina dos alunos e suas condições de higiene. Sobre suas aulas práticas, sabe-se apenas que foram ministradas no *Pedagogium*, mas não foram encontradas demais informações. (GUIMARÃES, 2006).

---

⁵⁰ “Os *Pedagogiuns* foram cursos primários criados por determinação da Reforma do Ensino Bueno Brandão/Delfim Moreira (1910-1911). Nessas instituições, que deveriam ser anexas às Escolas Normais, o objetivo era oferecer a possibilidade da “prática” aos “alunos-mestres” e também proporcionar educação física, intelectual e moral às crianças, sem distinção de sexo. O curso do *Pedagogium* tinha duração de quatro anos e se compunha a partir das seguintes disciplinas: Leitura, Português, Aritmética, Geometria, Geografia, História Pátria, Ciências Físicas e Naturais, Higiene, Deveres Morais e Cívicos, Escrita, Desenho, Trabalhos Manuais, Canto em coro e Ginástica. Ainda de acordo com as determinações do Regulamento, os *Pedagogiuns* deveriam ser dirigidos pelo professor da cadeira de Pedagogia da escola normal (MOURÃO, 1962). No caso da Escola Normal de Barbacena, a responsável pelo *Pedagogium* foi Maria Lacerda de Moura, que foi sua diretora desde sua inauguração, em 1914.” (GUIMARÃES, 2006, p.54)

Ainda atuando como professora, Maria Lacerda de Moura deu início a sua carreira de escritora enviando crônicas para o jornal local, a partir de 1912. O tema central de seus escritos era a Educação. Já se assinalou que, no início do século XX, esperava-se que o novo regime da República transformasse a educação, e Maria Lacerda de Moura, como muitos do seu tempo, compartilhava da opinião de que a difusão da civilização e do progresso seria desencadeada, sobretudo, a partir da reforma escolar, ou seja, “redefinindo sua administração, modernizando seu espaço e racionalizando seus procedimentos de ensino, efetivaria a mudança tão sonhada para a população brasileira.” (GUIMARÃES, 2016, p. 55). Esses ideais republicanos permearam as ações e discursos da autora em Barbacena, por isso criou, em 1915, a Liga Barbacenense contra o Analfabetismo, apoiando o projeto nacional da Liga Brasileira de Combate ao Analfabetismo.

Sua atuação em causas sociais também foi marcante. Em 1912, participou da construção de casas para pessoas pobres em Barbacena. Para angariar fundos, organizou diversas atividades culturais na cidade, como apresentações teatrais e musicais, exposição e venda de trabalhos manuais. Essas ações foram realizadas pelas alunas da Escola Normal. Ainda realizou leilões de objetos diversos, doados pela população de Barbacena. Criou também, ainda em 1912, o Lactário de Barbacena objetivando dar assistência às lactantes pobres através da distribuição gratuita de leite.

O ano de 1912 foi também importante na vida pessoal de Maria Lacerda de Moura. Apesar de não ter tido filhos em seu casamento, adotou um sobrinho e uma órfã carente. Poucas informações foram encontradas a respeito, como a dedicação de seu livro *Renovação, 1919* (MOURA, 1919):

Aos meus filhinhos adotivos, nascidos na maternidade espiritual do meu ser, da necessidade que sente o coração feminino de transbordar o seu afeto em outros afetos, à Carminha para que saiba educar os filhos se os tiver, ao Jair que, como os corredores da lenda, tomará, por sua vez, o facho sagrado e o transporá a uma longa distância, passando-o a mais alguém que surgir no futuro - para a Renovação. (MOURA, 1919, p. 41)

Outro registro encontrado no livro de Leite (2005), publicado em um artigo no jornal *A Lanterna*, em 1935, relata o rompimento com o filho Jair, por ele ter se tornado integralista, em meados de 1930:

Criei uma criança, um sobrinho, eduquei-o ao meu lado, com o meu exemplo, em meio anticlerical, entre revolucionários autênticos – operários, intelectuais livres. Tomei-o aos quatro anos de idade, morou na minha casa, sem interrupção, durante

quinze anos. Era meu filho. Chama-se Jair Lacerda Cruz Machado. Por motivos de saúde, saiu de São Paulo, em busca do seu clima natal. Passou a residir na companhia da mãe: Entreguei-o apto a lutar pela vida, com oito preparatórios. Passaram-se anos. Meia dúzia, mais um pouco. A sua atitude de algum tempo me fez desconfiar que Jair entrara para as fileiras integralistas. Nada indaguei, esperei que uma nesga de caráter lhe fizesse me vir dizer alguma coisa [...] Há meia dúzia de dias, eu tive a confirmação: não só Jair é integralista como já é tenente. Pois bem: meu filho adotivo morreu. [...] Ele é soldado da Igreja, do Despotismo, do Terror, da Violência pela Violência. (LEITE, 2005, p. 49).

Percebe-se, portanto, que Maria Lacerda de Moura proporcionou aos seus filhos uma educação voltada aos seus posicionamentos políticos e religiosos: antifascista e anticlerical. Já se assinalou anteriormente o claro posicionamento de Moura contra as guerras e como defensora da educação como meio importante na prevenção do discurso de ódio. Para ela, a guerra sempre foi algo injustificado:

Eu, de há muito tempo, me alistei no exército da paz, e defendi, pela razão e pelo coração, a Liberdade – contra a Autoridade. Sou contra a Violência. Mas, não admito nenhuma Ditadura. Não uso armas. E sou livre, porque a minha consciência é livre. Nunca matarei. Prefiro morrer a matar. Estou ao lado dos oprimidos. Os outros estão se apressando para defender a Igreja, o Capital e o Estado despótico, a violência e o terror. Armas desiguais... Lutas desiguais. (LEITE, 2005, p. 49)

Por isso, ao ver seu filho compondo as fileiras integralistas, demonstra grande desgosto e afirma que “se amanhã uma expedição punitiva vier em minha busca, Jair pode sossegadamente fazer parte do bando, não o reconhecerei no meio dos seus pares.” (MOURA, 1935, p. 151). Além disso, suas publicações, tais como *Guerra à guerra!*, de 1928, *Serviço obrigatório para a mulher? Recuso-me! Denuncio!*, de 1933, e *Clero e fascismo: horda de embrutecedores*, s/d, exprimem ainda mais suas críticas às guerras.

Segundo a cronologia de Maria Lacerda de Moura (LEITE, 2005), em 1913, ela passou a ter uma luta de ideias com uma pessoa de sua família. Sua biografia não revela de quem se tratava, apenas expõe que essa pessoa dizia que ela precisava “de mais moderação.” “Que expressões são essas?”; “Certas verdades não se dizem.”; “Mais cuidado!; “Não fica bem.”; “Você vai mal...” (LEITE, 2005, p. 39). Moura confessa que não havia muito o que fazer perante essa situação, mas diz que não foi fácil lidar com os possíveis comentários a respeito de suas atitudes. “Que luta interior e que luta mantive com o ‘que poderão dizer?’” (LEITE, 2005, p. 39).

Em 1918, publicou o livro *Em torno da educação*. A obra reúne artigos, conferências e discursos realizados por Maria Lacerda de Moura ao longo das suas atividades, na cidade de

Barbacena, principalmente como professora da Escola Normal Municipal. (GUIMARÃES, 2006). Por estar em sintonia com os discursos nacionalistas da época, o livro foi muito bem recebido e com críticas positivas. Porém, como se assinalou anteriormente, em sua biografia, escrita em 1928, a autora afirma que não o reconhece mais, por ser um livro patriótico e cheio de preconceitos. Através desse livro, conheceu, por correspondência, José Oiticica⁵¹ que, segundo a autora, enxergou nesse livro “algo que lhe interessava sob o ponto de vista de uma futura rebelde. Veio para mim com as mãos cheias de literatura revolucionária. Sorvi tudo aquilo e muito mais e dei um salto na minha evolução. A família alarmou-se. Novas lutas.” (LEITE, 2005, p. 39).

Em 1919, publicou o livro *Renovação, 1919* (MOURA, 1919), considerado por ela “uma produção que rompia com algumas ideias defendidas no livro anterior. O novo livro já indicava, pelo título, a mudança do pensamento de Maria Lacerda de Moura, que começava a ver a Educação e a sociedade com outro olhar.” (GUIMARÃES, 2006, p. 62). Sua “renovação” ocorre no momento em que direcionou seu olhar para a mulher, percebeu a falta de literatura feminina e a necessidade de instrução. Passou a criticar o modelo tradicional e por isso escreveu esse livro.

Falta-nos a instrução. A mulher continua ignorando. Não temos literatura feminina. A brasileira não lê. E é preciso que ela saiba que o homem não a libertará. Faz-se mister divulgar a instrução sólida, a verdadeira instrução. É necessário que a mulher ocupe o lugar que lhe é reservado, de justiça, entre os homens. Que ela tome o seu posto de igual ante os direitos, de companheira nas alegrias: tem sido superior nas dores, nos sacrifícios, no altruísmo. [...] O homem não é um ser emancipado e ao seu egoísmo não convém a emancipação feminina. É indispensável que a mulher trabalhe pela mulher. É preciso, sobretudo, que ela se instrua e que divulgue as leituras fortes e úteis fazendo compreender que somos uma poderosa e formidável energia no grande contingente das energias sociais. A nossa ignorância é cultivada calculadamente. (MOURA, 1919, p. 52 e 53).

Esse material, portanto, apresentou críticas em relação aos problemas sociais, mas principalmente à condição feminina, além de chamar a atenção para a necessidade de se

---

⁵¹ “Catedrático do colégio Pedro II e militante anarquista José Rodrigues de Leite e Oiticica (1882-1957), educador envolvido tanto nas ações da propaganda social libertária em jornais, em conferências do livre pensamento, no teatro social, quanto nos projetos educacionais que circularam em padrões diferenciados na História da Educação Brasileira. Autor de uma profícua produção intelectual relacionada aos estudos da linguística, da literatura, da música, da poesia, do teatro e do ideário anarquista, cuja expressividade pode ser encontrada em numerosos artigos para a imprensa anarquista e grande imprensa carioca, em seus manuais didáticos, em suas peças teatrais³, em seus sonetos e em seus ensaios sociológicos.” (FIGUEIRA, 2008, p. V)

despertar da opressão, por meio de uma educação racional. Apresentou também críticas ao que denominou “ícones da modernidade”, que reforçavam valores sociais estabelecidos.

Em 1919, também começou a se corresponder com um importante médico sanitarista chamado Belisário Penna, o qual, a convite de Maria Lacerda de Moura, proferiu palestras em Barbacena sobre higiene geral; higiene infantil no lar e nas escolas e sobre eugenia no Brasil. (GUIMARÃES, 2006).

A iniciativa de Maria Lacerda de Moura em convidar Belisário Penna para falar de seu trabalho em Barbacena pode ter surgido de um interesse pelo movimento higiênico e eugênico, que teve grande destaque no Brasil no início do século XX. Contudo, pode ter nascido, também, de um interesse pessoal, imerso na vontade de saber mais sobre as questões científicas que poderiam ser aplicadas na educação da mulher e da infância. (GUIMARÃES, 2006, p. 67)

Segundo o estudo feito sobre o manual *Lições de Pedagogia* (MOURA, 1925), percebe-se que, anos depois, a autora expõe interesse e aprofundamento sobre a higiene dos educandos, bem como sobre a importância e a necessidade do educador ser um higienista.

Em 1921, mudou-se para São Paulo. Sua trajetória envolveu diversos trabalhos, como a direção da revista *Renascença*, artigos para jornais e traduções, assim como participou de diversas conferências. Juntamente com outras mulheres, fundou a *Federação Internacional Feminina*. Frustrou-se e, após dois anos, deixou de participar de associações femininas, pois o movimento, além de não incluir todas as mulheres, apenas as burguesas, tinha uma preocupação muito limitada com as reais necessidades que contribuiriam para a emancipação feminina. (RAGO, 2007). Em 1922, Moura publicou *A mulher e a maçonaria*. Conforme consta na capa do exemplar analisado, foi fruto de uma conferência realizada em “sessão magna branca da Aug. E Resp. Loj. Fr. 14 Juliet”, publicado em 1922, pela editora Typ. Do Globo, em São Paulo. Em seus escritos, Maria Lacerda de Moura marcou o verdadeiro significado da maçonaria, pois acreditava que a sociedade não percebia seu verdadeiro significado. Numa abordagem histórica, a autora narrou a maçonaria e seu papel no meio religioso. O livro também destacou que a maçonaria poderia ajudar as mulheres em sua emancipação.

Aprofundada em leituras anarquistas, comunistas e feministas, em 1924, publicou o livro *A mulher é uma degenerada?* (MOURA, 1924), o qual apresentou ideias semelhantes ao da obra *Renovação, 1919* (1919). A pergunta em seu título foi uma resposta ao médico Miguel Bombarda, que defendia a inferioridade da mulher. Diversamente, Moura recusava qualquer conhecimento utilizado por intelectuais que inferiorizavam a mulher sob a visão biológica e

econômica. “Sua proposta é despertar, não somente a mulher, mas também a sociedade e os próprios intelectuais por projetarem preconceitos sociais.” (FERREIRA, 2012, p. 72). Seus escritos apresentaram homem e a mulher como complementos e não como oposição. Para esse despertar, a visão preconceituosa da sociedade precisava ser modificada e a educação feminina, vale repetir, era tida como fundamental. Percebe-se, portanto, que a preocupação de Maria Lacerda de Moura com a emancipação feminina foi um ponto em comum nos três livros comentados nas cartas, que antecederam os capítulos das *Lições de Pedagogia* (MOURA, 1925).

Voltada para as questões educacionais, publicou as *Lições de Pedagogia* em 1925. Livro já citado, em *Renovação, 1919* (MOURA, 1919), como futura publicação. Entende-se, por conseguinte, que foi idealizado ainda em Barbacena, MG. Encerra-se, portanto, a análise da trajetória de vida, pessoal e profissional, de Maria Lacerda de Moura até a escrita do manual pedagógico utilizado como fonte e objeto da presente pesquisa. Em sua biografia, a autora afirma que o período mais intenso de sua vida foi de 1919, quando publicou *Renovação*, até 1926, já longe dos holofotes e da vida à qual antes pertencera. Afirma ainda que “nunca ninguém poderá saber. [...] Depois do excesso de trabalho e excesso de emotividade, veio o período amargo de desalento e fraqueza física, e dúvida, e amortecimento.” (LEITE, 2006, p. 41).

Ainda assim, produziu mais escritos, porém não mais sobre a educação. Suas publicações se voltaram para as questões anarquistas, feministas e religiosas. (GUIMARÃES, 2006). Pode-se citar como exemplo os livros *Religião do amor e da beleza* (1926), *Civilização, tronco de escravos* (1931), *Amai-vos e não vos multipliqueis* (1932), *Serviço militar obrigatório para a mulher? Recuso-me, denuncio* (1933), *Clero e Fascismo, horda de embrutecedores* (1933), *Fascismo - filho dileto da Igreja e do Capital* (1933), entre outros. Ainda que não seja reconhecida, Maria Lacerda de Moura contribuiu com a formação da sociedade brasileira. Se assim não fosse, não seria possível visualizar que muitas de suas ideias e discussões são focos de pesquisas na atualidade.

Considerações finais

O que é ensinar? Desde o título até o final dessa dissertação, a palavra ensinar esteve em destaque.

Ao estudar o manual *Lições de Pedagogia* (MOURA, 1925), fez-se necessário conhecer a trajetória da autora e, conseqüentemente, conhecer e estudar suas outras obras. Já se assinalou que, em 1919, Maria Lacerda de Moura escreveu o livro *Renovação, 1919*. Nesse material, no último capítulo, intitulado “Uma Educação Nova”, a autora já expressa o seu desejo de compartilhar seus conhecimentos e contribuir com a educação brasileira, ainda que estivesse sujeita a cometer erros e sofrer julgamentos:

Nunca tive a covardia de esconder o pensamento no côncavo da mão ao invés de deixá-lo escoar-se pela pena. É possível que eu tenha contradições (como todos têm), que eu erre (nem sou infalível, como ninguém é), que eu seja sensível de mais e que a razão me governe menos que o coração e posso dizer ainda: todos são governados pelo sentimento (MOURA, 1919, p. 232).

Esse trecho permite perceber a coragem de uma mulher frente a um contexto de extremo conservadorismo, autoritarismo e repressão às práticas contrárias à política da época. Segundo Ferreira (2012), “o pensamento de Maria Lacerda de Moura é atravessado por uma ambiência de efervescência social. Seu debate se insere num despertar da figura feminina para sua condição de oprimida na família, na sociedade e nas fábricas.” (p. 63). Apesar de ter vários textos sobre esse assunto, a autora não se preocupava apenas com as mulheres, mas também com os trabalhadores e operários que sofriam com o autoritarismo da época. Mesmo assim, foi uma importante contribuinte entre os intelectuais do início do século XX e, conforme já se assinalou anteriormente, suas obras e ensinamentos não permaneceram apenas no Brasil.

Já se salientou que, em seu livro *Renovação, 1919* (MOURA, 1919), a autora já havia anunciado a futura publicação das *Lições de Pedagogia* (MOURA, 1925), indicando que já teria interesse em publicar suas aulas e estudos que transcorriam na prática de ensino. Na capa do manual, está escrito “Volume I”; bem como, na última página, quando encerra o livro, está a frase: “FIM DO VOLUME I” (MOURA, 1925, p. 264), indicando o interesse em uma nova publicação, e que as *Lições* (MOURA, 1925) não acabariam ali. Confirma-se essa hipótese observando sua afirmação na antepenúltima página: “Quando tratarmos da educação intelectual, falaremos das experiências, testes e enquetes, ‘arbitrários e superficiais’ no dizer de

Montessori, que separa em planos distintos o trabalho do cientista e do educador.” (MOURA, 1925, p. 263). Porém, em sua biografia apresentada por Leite (2005), aparentemente, a continuidade não foi publicada.

Embora não tenha elencado quais títulos foram fontes de inspiração para escrever as *Lições* (MOURA, 1925), utiliza os trabalhos de Montessori e de outros autores ligados, de alguma forma, ao positivismo e ao evolucionismo do final do século XIX, como Spencer, Bain, Compayré, Binet e Claparède (GUIMARÃES, 2006); e do Movimento da Escola Nova, como Ferrière, Dewey, Decroly, Cousinet, Freinet. Percebe-se, em sua escrita, que a divisão do livro em quatro capítulos foi apenas uma forma de organização da autora, pois os temas se repetem ao longo do livro. Em alguns trechos, ela solicita que os leitores voltem algumas páginas para compreender melhor o assunto que fora desenvolvido anteriormente e que será retomado a seguir. Conclui-se, portanto, que Maria Lacerda de Moura pretendia reforçar alguns conhecimentos que lhe pareciam mais importantes para a prática pedagógica. A repetição, a linguagem simples, as etimologias dos vocábulos científicos, dentre outras preocupações didáticas, fortalecem o argumento de Silva (2005) de que os manuais apresentam aos leitores uma série de conteúdos organizados de forma clara e acessível.

Amparada nos autores citados anteriormente, escreveu seu livro baseada na demanda de seu tempo. Ao tratar sobre a Pedagogia, a autora diz que é importante para as futuras professoras compreendê-la como sistematização das práticas educativas: organização e desenvolvimento dos conhecimentos trabalhados ao longo do tempo. Ressalta ainda que a educação é a aplicação da teoria produzida pela Pedagogia, e trata a relação das duas como recíproca e inseparável. Bem como aponta as especificidades do pedagogo e do educador e a relação entre eles.

Conforme afirmado anteriormente, o livro *Lições de Pedagogia* (MOURA, 1925) é um manual pedagógico. A análise de Silva (2005) permitiu dividir os conteúdos dos manuais em quatro momentos, estabelecidos “de acordo com as principais temáticas desenvolvidas pelos livros dos normalistas, ao longo do tempo, a saber: *o professor* (1870 a 1890); *a escola* (1891 a 1910); os *saberes que se referem ao aluno* (1911 a 1940) e as *metodologias* (1941 a 1970). (p. 136). Assim posto, pode-se afirmar que o manual de Maria Lacerda de Moura mobilizou saberes na intenção de compreender os alunos, pois a autora das *Lições* (MOURA, 1925) ressalta a importância do educador se preocupar com a saúde dos educandos, objetivando o melhor desenvolvimento e aprendizagem dos mesmos. Maria Lacerda de Moura ensina os professores a ensinar a partir da visão biológica sobre os alunos, uma percepção mais profunda

do quanto um corpo, em perfeito funcionamento, pode absorver os ensinamentos e propiciar uma efetiva aprendizagem.

Compondo a lista de manuais pedagógicos publicados no Brasil e utilizados pela Escola Normal, segundo Silva (2005), existem, além do publicado por Maria Lacerda de Moura, quatro livros intitulados *Lições de Pedagogia*, escritos por: Valentim Magalhães, em 1900; *Amigo da instrução*, em 1907; Manuel Bonfim, em 1920 e Aquiles Archero Jr, em 1955. Observa-se que todos foram assinados por homens, demonstrando, mais uma vez, o pioneirismo da autora. Dentre os 55 manuais listados, 18 levam a palavra Pedagogia em seu título. A maioria deles foi publicada até meados de 1930, demonstrando o grande interesse em consolidar a importância da Pedagogia.

Já se assinalou que as *Lições* (MOURA, 1925) foram escritas baseadas na experiência da autora como professora da Escola Normal, em Barbacena (MG). Em seus escritos, Moura lista práticas e experiências que considerou simples de serem executadas pelos educadores e que, ao mesmo tempo, seriam mais proveitosas, auxiliando a aperfeiçoar a condição física e mental de seus alunos, através da produção de eficazes condições de ensino e de aprendizagem. Além disso, ressaltou a ligação direta do organismo com a atividade mental, apontando que uma boa saúde contribui para o melhor desempenho acadêmico do educando. Salientou que o professor deveria estar atento ao desenvolvimento corporal do educando, visando prevenir o tratamento necessário previamente, a fim de que o educando não fosse prejudicado em seu rendimento escolar. Porém, deixa claro que essas *Lições* (MOURA, 1925) só poderiam ser realizadas dentro das configurações de uma escola livre de tradicionalismo, uma escola modificada, uma escola nova e, por isso, cercou-se de figuras ilustres como Binet, Simon, Claparède, Montessori, Pizzoli, Pestalozzi, dentre outros citados anteriormente. Há muito tempo preocupada com a classe proletária e as minorias, em seu livro, escreveu que o esforço educativo deve ser persistente, buscando uma sociedade menos preocupada com o dinheiro e a posição social, mas sim em ser mais justa, igualitária e preocupada com os problemas humanos, afinal, “cuidamos de toda uma geração se educamos uma criança”. (MOURA, 1925, p. 48).

No período em que escreveu o manual *Lições de Pedagogia* (MOURA, 1925), a autora se deparava com o prevalecimento da instrução masculina, uma educação exclusivista. (FERREIRA, 2012). Para embasar seus debates sobre a Educação, Maria Lacerda de Moura utilizou, em suas *Lições* (MOURA, 1925), conhecimentos da filosofia (estética, higiene, arte), sociologia, antropologia, política, anatomia, biologia e fisiologia, pois acreditava que “a

educação está em relação direta com a solução das questões sociais” (MOURA, 1925, p. 216). Maria Lacerda de Moura revoltava-se com as desigualdades. (MOURA, 1919). Suas críticas, realizadas nas *Lições* (MOURA, 1925), em relação à passividade da sociedade da época buscavam o despertar da sociedade para o que estava acontecendo. Para a autora, somente a educação poderia emancipar, não apenas a mulher, mas toda a sociedade de trabalhadores passíveis às lamentáveis condições de vida na época.

Por fim, constata-se que Maria Lacerda de Moura escreveu suas *Lições de Pedagogia* (MOURA, 1925) buscando colaborar com a regeneração social, ao observar que a sociedade estava mais preocupada com dinheiro e posição social do que com os problemas humanos. Para a autora, os educadores recebem, em suas mãos, a saúde, o bem-estar da coletividade e os destinos das criaturas. Maria Lacerda de Moura estudava sozinha, conheceu autores através de suas leituras sobre filosofia, lógica, Pedagogia, psicologia. Sua alma “extasiava diante tantas maravilhas, que sentia turbamentos, arroubos indescritíveis (...) Quanto mais lia, mais me sentia pequenina, porém com maiores forças para a grande conquista.” (MOURA, 1919, p. 47 e 48). Durante seus momentos de aprendizagem e leituras, deparou-se com o desejo incontrolável de não guardar para si o aprendizado. (MOURA, 1919) Tinha o propósito de escrever e o anseio de ensinar. Seus escritos, repletos de autores que sustentam seus argumentos, contribuem para uma reflexão pertinente sobre uma educação preocupada em reunir os aspectos físico, social e intelectual do ser humano. Seu manual pedagógico cumpre sua missão de demonstrar como o magistério foi estruturado. Apresentando seu contexto histórico, traz a visão de uma educadora que exerceu o ofício de ensinar. Utiliza uma ampla bibliografia e, principalmente, tornou público os conhecimentos sobre a educação, permitindo que as alunas da Escola Normal tivessem acesso a algumas informações que Maria Lacerda de Moura julgou ser necessárias para formá-las para o exercício do magistério.

Referências

ALMEIDA, J. S. de. *Currículos da Escola Normal Paulista (1846-1920)*. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 76, n. 184, p. 665-689, set/dez, 1995.

ALMEIDA FILHO, Orlando. *A estratégia de produção e circulação católica do projeto editorial das coleções de Theobaldo Miranda Santos (1945-1971)*. Tese (Doutorado em Educação). PUC-SP, São Paulo, 2008.

ARAUJO, J. C. S. O trabalho didático do professor no Brasil nos anos de 1920: a aula em foco. Revista HISTEDBR On-line, v. 35, p. 250-271, 2009. _____. Compêndio de Pedagogia de Bráulio Cordeiro de 1874: uma expressão da cultura escolar no Brasil. Educativa (Goiânia. Online), v. 18, p. 319-668, 2015.

_____. Manuais Pedagógicos em Comparação: Cours Pratique de Pédagogie, de Daligault (1851), e Compêndio de Pedagogia, de B. J. M. Cordeiro (1874). *CADERNOS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (ONLINE)*, v. 17, p. 101-115, 2018.

_____. O trabalho didático do professor no Brasil dos anos de 1920: a aula em foco. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 9, n. 35, p. 250-271, 2012. DOI: 10.20396/rho.v9i35.8639627. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639627>. Acesso em: 7 dez. 2020.

BARROS, J. História Cultural – um panorama teórico e historiográfico. *Textos de História (Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UNB)*. dezembro de 2003, volume 11, n.1/2. p.145-171

BEISIEGEL, C. de R. Educação e Sociedade no Brasil após 1930. In: Fausto, B. (org.). *História Geral da civilização brasileira: o Brasil Republicano – economia e cultura (1930-1964)*. t.3, (v.4 pp. 381 -416). São Paulo: Difel, 1981.

BICCAS, M. de S. “Nossos Concursos” e “A Voz da Prática”: a Revisto do ensino como estratégia de formação de professores em Minas Gerais (1925- 1930). *Cadernos de História da Educação*. No. 4, jan./dez. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia. (2005).

BITTENCOURT, C. *Livro didático e saber escolar – 1810-1910*. Coleção História da Educação. Autêntica, 2008.

BORGES, C. C. de O. *Governo, verdade, subjetividade : uma análise do currículo cultural da educação física*. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

BURKE, P. *O que é História Cultural?*; tradução Sergio de Goes de Paula- 2.ed. ver. e ampl. – Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CAMP, S. V. La pensadora Maria Lacerda de Moura. *Estudios*, ano IX, n.90, Barcelona, fevereiro de 1931.

CATANI, D. B.; BASTOS, M. H. C. (orgs.) *Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 2002

CATANI, D. B. *Ensaio sobre a produção e circulação dos saberes pedagógicos*. Tese de livre-docência. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

_____. Educadores à meia-luz. *Um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo (1902 – 1918)*. Bragança Paulista: EDUSF, (2003).

CAMPOS, M. dos R. *Escola Moderna: Conceitos e práticas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1931

CARVALHO, I. M. *O ensino por unidades didáticas*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1954.

CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Orgs.) *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1998.

CHARTIER, R. *História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução Mary Del Priore. Brasília: UnB, 1994.

_____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. 2ª ed., Brasília: Editora UNB, 1998.

CHOPPIN, Alain. Los Manuales escolares de ayer a hoy: el ejemplo de Francia. *Historia de la Educación: Revista Interuniversitaria*, Universidade de Salamanca, n.19, p.13-36, jun, 2000.

_____. *O historiador e o livro escolar*. *História da educação*, n. 11, 2002, p. 5-24.

CHORÃO, J. B. *Carlos Malheiro Dias na ficção e na história*. Lisboa: ICALP, 1992.

COELHO, Edgar Pereira. *Cartas de Paulo Freire: o diálogo como caminho e pedagogia*. Tese (doutorado em educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

COSTA, N.; MARTINS, A. Movimento Feminista e Educação: Cartas de Maria Lacerda de Moura para Bertha Lutz (1920-1922). *Revista Contemporânea de Educação*, 11(21), 211 a 229, 2016. Acesso em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/2539>

DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. (pp.199-236) São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

DEMARTINI, Z. de B. F.; ANTUNES, F. Fx. (1993, agosto) Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina. *Cadernos de Pesquisa*, n. 86, pp. 5-14.

DIAS, Maria Aparecida Lima. *O espírito da educação: Maria Lacerda de Moura (1918-1935)*. Dissertação (Mestrado em História da Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

DUSSEL, I. CARUSO, M. *A invenção da sala de aula: Uma genealogia das formas de ensinar*. São Paulo: Moderna, 2003.

ESCOLANO BENITO, A. Los profesores en la historia. In: MAGALHÃES, J.; ESCOLANO BENITO, A. *Os professores na história*. Porto, Sociedade Portuguesa de História de Ciências da Educação, 1999.

ESCOLANO BENITO, A. *A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia*. Tradução de Heloísa Helena Pimenta Rocha e Vera Lucia Gaspar da Silva. Campinas: Alínea, 2017.

FAGUNDES, E. M. (coord.); REIS, A. A. dos; PASSSOS, A. M. D. P.; LOPES, W. R. P.; DORNELES, L. W; KÖHN, M. L. F.; JATAHY, N. de C.. *Introdução à prática de ensino: 1ª série normal*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico (Educação Primária – Fundamentos), 1964.

FERREIRA, D. C. *Educação e sociedade: Lições pedagógicas de Maria Lacerda de Moura (1889-1945)*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2012.

_____. *O Ethos do Professor da Educação Básica em Campina Grande – Pb na Contemporaneidade*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2020.

FILHO, L.M.F.; GONÇALVES, I.A. Cultura escolar In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. *DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. Disponível em: <https://gestrado.net.br/wp-content/uploads/2020/08/110-1.pdf> . Acesso em: 05 de jan. de 2021.

GALLEGO, R. de C. *Tempo, temporalidades e ritmos nas escolas primárias públicas em São Paulo: heranças e negociações (1846-1890)*. Tese (Doutorado em História da Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GATTI, JR. D. Livros didáticos, saberes disciplinares e cultura escolar: primeiras aproximações. História da educação. ASPHE/FaE/UFPeç. Pelotas (2): p. 29-50, set. 1997. *Revista História da Educação*, volume 1, n. 2, jul./dez. 1997 Associação Sul-Rio-Grandense de pesquisadores em história da Educação. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30663> Acesso em: 05 de jan. de 2021.

_____. GATTI JR, D. Aspectos teórico-metodológicos e da historiografia brasileira na temática da história das disciplinas escolares (1990-2008). *Tempos e Espaços em Educação*. 2018, v.1, n.1, p. 9-30.

GOMES, M. L. *O pensamento feminista de Maria Lacerda de Moura*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

GOUVEIA, Regiane. Rodó e o pensamento político latino-americano na virada do século XX. In: *XXVII Simpósio nacional de História da ANPUH*, 2013, Natal. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1370454981_ARQUIVO_Texto-Regiane.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2021

GUIMARÃES, P. C. D. *Maria Lacerda de Moura e o “Estudo Científico da Criança Patrícia” em Minas Gerais (1908-1925)*. Tese (Doutorado em História da Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2016.

_____. A história da escolarização da infância pobre em Minas Gerais: desafios e perspectivas da pesquisa. In: VII Congresso Brasileiro de História da Educação, 2013, Cuiabá - MT. Circuitos e Fronteiras da História da Educação no Brasil, 2013.

_____. Perspectivas históricas da formação docente e das práticas de ensino no Brasil: as Lições de Pedagogia de Maria Lacerda de Moura. In: Cleide Inês Wittke; Milena Moretto; Glaís Sales Cordeiro. (Org.). *Dilemas e perspectivas didáticas em formação docente e ensino de língua: entre prescrições e práticas*. 1ed. Campinas: Mercado das Letras, 2018, v. 1, p. 179-202.

_____. A escrita educacional feminina de Maria Lacerda de Moura (1918-1919). *REVISTA DIÁLOGO EDUCACIONAL (PUCPR. IMPRESSO)*, v. 20, p. 1639-1663, 2020.

HEGETO, L. de C. F. *A didática como disciplina escolar: estudo a partir dos manuais de didática geral*. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

HOFSTETTER, R.; LACKI, J.; PORRET, M.; RATCLIFF, M.; SCHNEUWLY, B. (dirs.) *La fabrique des savoirs – Figures et pratiques d’experts*. Suisse: Les Éditions Médecine et Hygiène-Georg, 2013.

HUNT, L. *A Nova História Cultural*. Tradução Jeferson Luiz Camargo. – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1992

LEITE, M. L. M. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. Editora Ática, São Paulo, 1984.

_____. *Maria de Lacerda Moura. Uma feminista utópica*. Editora: Mulheres, 2005.

LESSA, P. *Amor e libertação em Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Entremares, 2020

LIBÂNEO, J.C. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. *Educar*, Curitiba, n. 17, p. 153-176. 2001. Editora da UFPR. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n17/n17a12>. Acesso em: 22 de jul. de 20

LIMA, A. de. *Metodologia e prática de ensino – Tomo I*. São Paulo: Editora Formar, 1964.

LIMA, A. de. *Metodologia e prática de ensino – Tomo II*. São Paulo: Editora Formar, 1964.

LIMA, N. F. de. *Maria Lacerda de Moura na Revista Estudos (1930-1936): anarquismo individualista e filosofia da natureza*. Dissertação (Mestrado em Tecnologia). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

MARCOZZI, A. M.; DORNELES, L. W.; REGO, M. V. B. S. *Ensinando à criança: Guia para o professor primário*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1965.

MARTINS, M. H. O que é leitura? 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MAURANO, T. R. *A condição feminina em Maria Lacerda de Moura: análise de configuração textual do livro Renovação (1919)*. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas). Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2019.

_____. *A condição feminina em Maria Lacerda de Moura*. 1. ed. São Paulo: Scortecci Editora, 2020.

McKENZIE, D. F. *Bibliografia e sociologia dos textos*. São Paulo: EDUSP, 2018.

MENDES, S. C. M. *As mulheres anarquistas na cidade de São Paulo: 1889-1930*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho. Franca, 2010.

MIRANDA, Jussara Valéria de. (2006) *“Recuso-me”! Ditos e escritos de Maria Lacerda de Moura*. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2006.

MOURA, M. L. de. *Lições de pedagogia*. Volume I. São Paulo: TYP. Paulista, 1925.

_____. de. *A mulher e a maçonaria*. São Paulo: TYP. do Globo, 1922.

_____. (1925) *Lições de pedagogia*. São Paulo: TYP. Paulista, 1925.

_____. *Renovação, 1919*. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2015.

_____. *A mulher é uma degenerada*. São Paulo: Tenda de Livros, 2018.

_____. *Fascismo: filho dileto da igreja e do capital*. São Paulo: Entremares, 2018.

_____. *Civilização, tronco de escravos*. São Paulo: Entremares, 2020.

NEIRA, M. G. *O currículo cultural da Educação Física em ação: a perspectiva dos seus autores*. Tese (Livre-Docência). Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação, 2011.

_____. A seleção dos temas de ensino do currículo cultural da Educação Física. *Revista Educación física y deporte*, Medellín (Colômbia), v. 32, p. 1421-1430, 2013.

_____. Cruzando fronteiras: o currículo multicultural e o trabalho com diferenças em sala de aula. *Lantuna*, Santiago (Cabo Verde), v. 1, p. 119-136, 2014.

_____. O currículo de Educação Física e o posicionamento dos sujeitos. *Revista Contemporânea de Educação*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 22, p. 115-131, ago./dez. 2016.

_____. O currículo cultural da Educação Física: Pressupostos, princípios e orientações didáticas. *Revista e-Curriculum*. V. 16, n. 1, 2018

NÓVOA, A; Uma educação que se diz nova. IN: CANDEIAS, A; NÓVOA, A, FIGUEIRA, M. H. *Sobre a Educação Nova: Cartas de Adolfo Lima a Álvaro Viana de Lemos*. Educa, Liboa, 1995.

OLIVEIRA, I.S. J. J. de.; LAMAS, I. V. M. *Introdução à educação e didática teórica e prática*. Belo Horizonte: Editora São Vicente, 1970.

OLIVEIRA, G. N. B. de. *A trama de um dispositivo curricular no território da formação em Educação Física: um encontro-acoplamento, uma fratura, esboços de si*. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

PACHECO, J. O. *O pensamento de Maria Lacerda de Moura sobre a emancipação feminina: contribuições e desafios para a educação contemporânea*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Vale dos Sinos. São Leopoldo, 2010.

PAULA, T. A.; GUIMARAES, P. C. D. . Lições de Pedagogia: Didática e práticas de ensino de uma educadora do início do século XX. In: *XIII Congreso Iberoamericano Historia de la Educación Latinoamericana*, 2018, Montevideo. Política, espacio público y disputas en la historia de la educación en América Latina, 2018.

PENTAGNA, R. G. *Didática Geral: de acordo com os programas oficiais do Curso Normal das Escolas no Estado do Rio de Janeiro*. 4ª ed. (aumentada, atualizada e refundida). Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1964.

PENTAGNA, R. G. *Didática Geral: de acordo com os programas oficiais do Curso Normal das Escolas no Estado do Rio de Janeiro* 5ª ed. (aumentada, atualizada e refundida). Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1966.

PENTAGNA, R. G. *Estudo dirigido*. 1ª ed.. São Paulo, Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1967

PENTAGNA, R. G.; BASTOS, A. V. B.; RODRIGUES, L. da. S. *Compêndio de Pedagogia Moderna*. 4ª ed.. São Paulo, Rio de Janeiro: Livraria Freitas de Bastos, 1968.

QUEIRÓS, B. de B.; COELHO, H. G.; BORGES, C. de C. P.; ALBUQUERQUE, I. de; CASTRO, J. *Prática do ensino primário: Diário de atividades da professoranda para uso das escolas normais e institutos de educação*. Escrito por: 3ª ED. Rio de Janeiro: Conquista, 1954.

RABELO, A. O. *A memória das normalistas do IESK de Campo Grande/RJ*. 124f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Documento), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

RAGO, L. M. *Entre o feminismo e o anarquismo: Maria Lacerda de Moura e Luce Fabbri*. v. 21, pp. 54-77, 2012. Acesso: <https://revistas.pucsp.br/verve/article/view/30719/21246>

_____. Maria Lacerda De Moura (1887-1945). *Revista Digital Feminista Internacional LABRYS*, 2004. Acesso: <https://www.labrys.net.br/labrys5/textos/moura.htm>

_____. Ética, anarquia e revolução em Maria Lacerda de Moura. *As Esquerdas no Brasil. A Formação das Tradições, 1889-1945*. v. 01, pp. 273-293. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007

REAL, E. A. S. . O Nacionalismo na educação brasileira: a construção de uma pátria (1838-2009). *Temporalidades*, 2015, v. 5, p. 29-40.

RICHTER, L. P. *Emancipação feminina e moral libertária: Emma Goldman e Maria Lacerda de Moura*. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

SANTOS JUNIOR, F. N. dos. *Subvertendo as colonialidades : o currículo cultural da educação física e a enunciação dos saberes discentes*. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Cidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

SILVA, V. B. *História de Leituras para professores: um estudo da produção e circulação de saberes especializados nos “manuais pedagógicos” brasileiros (1930-1971)*. Dissertação (Mestrado em História da Educação), Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. *Saberes em viagens nos manuais pedagógicos: construções da escola em Portugal e no Brasil (1870-1970)*. Tese (Doutorado em História de Educação), Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005

_____. Os manuais pedagógicos e seus prefácios como fontes para a história da profissão docente e do campo educacional (Brasil e Portugal, 1870-1970). In: V Congresso Brasileiro de História da Educação, 2008, Aracaju. *Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação*, 2008.

_____. A didática e os textos para formar professores: O trabalho docente nos manuais pedagógicos (1870-1991). Tese – Livre docência; Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

_____. *A didática e os textos para formar professores: O trabalho docente nos manuais pedagógicos (1870-1991)*. Tese – Livre docência; Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, 2018.

_____. *Livros que ensinam a ensinar: um estudo sobre os manuais pedagógicos brasileiros (1930-1971)*. v. 1. 1. ed. Curitiba: Appris Editora, 2019.

SILVA, Vivian Batista da. *Projetos e heranças da escola moderna nos manuais pedagógicos (1870-1970)*. Curitiba: Editora Appris, 2020.

SILVA, V. B.; CORREIA, A. C. L. Manuais Pedagógicos – Portugal e Brasil – 1930 a 1971 – produção e circulação Internacional de Saberes Pedagógicos. *Cadernos Prestige 13*. Educa, Lisboa, 2002.

_____. Saberes em viagem nos manuais pedagógicos (portugal – Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, v. 34, n. 123, p. 613-632, set./dez. 2004

SOUZA, R. F. de. A militarização da infância: expressões do nacionalismo na cultura brasileira. Cafajeste. CEDES, Campinas, v. 20, n. 52, pág. 104-121, novembro de 2000. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622000000300008&lng=en&nrm=iso>. acesso em 11 de janeiro de 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622000000300008>.

SOUZA, Tatiana de. Tecnologias políticas do gênero no Brasil: a contribuição do pensamento de Maria Lacerda de Moura. Dissertação (Mestrado em Tecnologia). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2009.

TANURI, L. M. História Da Formação De Professores. *Revista Brasileira de Educação*. Mai/Jun/Jul/Ago. No 14 p. 61-88. 2000

TEIVE, H. A. G.; TEIVE, G M. G.; DALLABRIDA, N.; GUTIERREZ, L. Alfred Binet: pupilo de Charcot, neuropsicólogo e pioneiro nos testes de inteligência. *Arq. Neuro-Psiquiatr.* [online]. 2017, vol.75, n.9, pp.673-675. ISSN 1678-4227.

TEIXEIRA, F. A. *Unidades de trabalho*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1967.

TIZZOT FILHO, Omair Guilherme. *Positivismo e educação na obra de José Feliciano de Oliveira*. 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/T.48.2018.tde-26072018-112605.

TREVISAN, T. A. *História da disciplina pedagogia nas Escolas Normais do Estado de São Paulo (1874-1959)* Tese – Doutorado. Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”. Marília, 2011.

VALDEMARIN, V. T. Os sentidos e a experiência: professores, alunos e métodos de ensino. In: SAVIANI, D.; ALMEIDA, J. S. de; SOUZA, R. F. de e VALDEMARIN, V. T. *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas: Autores Associados. 2004.

_____. *Manuais didáticos para uso de professores: mudanças e permanências nas prescrições para a prática pedagógica*. In: IV Congresso Brasileiro de História da Educação. Anais. IV Congresso Brasileiro de História da Educação. Goiânia, 2006.

VICENTINI, P. P; LUGLI, R. G. *História da profissão docente no Brasil: representações em disputa*. São Paulo: Cortez, 2009. (Biblioteca básica da história da educação brasileira; v. 4)

VIDAL, G. D. *O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937)*. – Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

_____. Escola nova e processo educativo. In: *500 anos de educação no Brasil*[S.l: s.n.], 2000.

VIDAL, D. G.; RABELO, R. S. *Movimento internacional da educação nova*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2020.

VIDAL, D. G.; VICENTINI, P. P. *Mulheres inovadoras no ensino: São Paulo, séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2019.